

**Ariela Raissa Lima Costa**



**DESEJABILIDADE SOCIAL E INSTRUMENTOS DE  
AUTORRELATO DE TRAÇOS DE PSICOPATIA**

**Apoio:**



**CAMPINAS  
2017**

**Ariela Raissa Lima Costa**

**DESEJABILIDADE SOCIAL E INSTRUMENTOS DE  
AUTORRELATO DE TRAÇOS DE PSICOPATIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, Saúde Mental-Avaliação Psicológica, para obtenção do título de Mestre.

ORIENTADOR: PROF. DR. NELSON HAUCK FILHO

CAMPINAS  
2017

P157.93 Costa, Ariela Raissa Lima.  
C875d Desejabilidade social e instrumentos de autorrelato de traços de psicopatia / Ariela Raissa Lima Costa. – Campinas, 2017.  
96 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco.  
Orientação: Nelson Hauck Filho.

1. Manejo de Impressão. 2. Autoengano. 3. Neutralização.  
4. Avaliação Psicológica. I. Hauck Filho, Nelson. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias do Setor de Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU *EM PSICOLOGIA*  
*MESTRADO*



UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
EM PSICOLOGIA

Ariela Raissa Lima Costa defendeu a dissertação "DESEJABILIDADE SOCIAL E INSTRUMENTOS DE AUTORRELATO DE TRAÇOS DE PSICOPATIA" aprovado pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco em 08 de março de 2017 pela Banca Examinadora constituída por:

Prof. Dr. Nelson Hauck Filho  
Orientador e Presidente

Prof. Dr. Ricardo Primi  
Examinador

Prof. Dr. Daniel Bartholomeu  
Examinador

## **Agradecimentos**

Agradeço, em primeiro lugar, à minha mãe Iemanjá e Oxalá e a todos meus guias espirituais que me conduziram e me conduzem para o caminho do conhecimento.

Agradeço ao Preto Velho de Angola, meu pai Preto Velho das Águas, Vovó Candinha, Vovó Mariana das Cachoeiras e tantos outros pretos velhos e pretas velhas.

Agradeço ao meu povo cigano, Cigana Soraya, minha mãe Cigana Sulamita, Cigana Natasha, Cigana Esmeralda, Cigano Santoro, Cigano Pablo por afastarem as lamúrias.

Agradeço aos Exús e Pombas Giras, Seu Tranca Rua da Almas, ao meu pai Exú Tiriri, Sete Saias, minha mãe Maria Padilha, Maria Molambo do Lixo por sua alegria e sagacidade. Agradeço ao Exú Mirim Luiz Arruda por suas palavras diretas e cheias de amor e cuidado.

Agradeço aos caboclos, meu pai Sete Flechas, Caboclo da Mata Virgem, Cabocla Jacira pela força nos momentos de dúvida.

Agradeço, aos meus guias no plano terreno, meus pais Luiz Neto e Ruthnéia por seu apoio incondicional, por seu amor e paciência. Aos meus irmãos, Amanda e Luiz Filho por me ouvirem e amarem sempre. À minha madrinha, Osana Morais, por seu amor, por suas palavras e abraços.

Agradeço, ao meu orientador, Nelson Hauck Filho, por sua paciência em aprimorar minha escrita e explicar estatísticas quantas vezes fossem necessárias. E aos convidados, Ricardo Primi e Daniel Bartholomeu por suas palavras e contribuições.

Agradeço aos meus amigos, Taís, Mayana, Eduardo, Lucas, Ana Deyvis, Naira, Leonardo e Catarina pelas risadas, pela ajuda e pelo apoio.

Agradeço à CAPES/CNPq pela ajuda financeira para viver este momento de crescimento pessoal e profissional.

## Resumo

COSTA, A. R. L. (2016). *Desejabilidade social e instrumentos de autorrelato de traços de psicopatia*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo.

A desejabilidade social é um viés que se caracteriza por o sujeito responder de forma exageradamente positiva a um item de autorrelato, controlando a imagem passada para o avaliador. As pessoas que, provavelmente, são mais suscetíveis a recorrer ao viés da desejabilidade social são aquelas que pontuam alto em instrumentos de autorrelato de traços de psicopatia, pois têm entre suas principais características a manipulação e mentira patológica. A presente pesquisa pretende verificar a relação entre desejabilidade social e instrumentos de autorrelato de traços de psicopatia, controlando outros traços verdadeiros (modéstia, socialização, extroversão, abertura, conscienciosidade e neuroticismo) que possam interferir nessa relação. A amostra foi composta por universitários, entre 18 e 62 anos, das cidades de Itatiba-SP, Campinas-SP e Teresina-PI. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Manejo de Impressão e Autoengano de 30 itens, a Escala Egoísta e Moralista de 14 itens, o Inventário dos Cinco Grandes Fatores de 44 itens e sua versão neutralizada, a Escala de Modéstia de 10 itens e sua versão neutralizada, a *Levenson Self-Report Psychopathy* de 26 itens e o *Inventory of Callous-Unemotional Traits* de 24 itens. O primeiro artigo teve o objetivo de aplicar um procedimento de neutralização de itens, desenvolvido por Bäckström e Björklund, a dois instrumentos avaliativos de traços de personalidade: Inventário dos Cinco Grandes Fatores e a Escala de Modéstia. As versões neutralizadas apresentaram correlações altas com os instrumentos originais e reproduziram a estrutura fatorial, além de se correlacionarem menos com instrumentos de desejabilidade social. O segundo artigo teve o objetivo de avaliar a relação entre desejabilidade social e instrumentos de autorrelato de traços de psicopatia controlando a presença de outros traços verdadeiros da personalidade, utilizando as versões neutralizadas dos instrumentos do primeiro artigo. A relação entre desejabilidade social e psicopatia foi negativa e significativa, sendo parcialmente moderada pelos traços de neuroticismo, socialização e conscienciosidade. Apesar de algumas limitações, acredita-se que os resultados possam trazer contribuições para a avaliação da desejabilidade social e sua relação com traços de psicopatia.

**Palavras-Chaves:** manejo de impressão, autoengano, neutralização, avaliação psicológica.

## Abstract

COSTA, A. R. L. (2016). *Social desirability and self-report of psychopathy traits* Master's Thesis, Post-Graduate Studies in Psychology, University San Francisco, Itatiba, São Paulo.

Social desirability is a bias characterized by someone responding exaggeratedly to a self-report item, controlling the image passed to the evaluator. The people who are probably more susceptible to resorting to the social desirability bias are those that score high on self-report of psychopathic traits, since they have among their main characteristics manipulation and pathological lies. The present research intends to verify the relationship between social desirability and self-report instruments of psychopathic traits, controlling other real traits (modesty, socialization, extroversion, openness, conscientiousness and neuroticism) that could interfere on this relationship. The total sample consisted of 910 university students, aged 18 to 62, from Itatiba - SP, Campinas - SP and Teresina - PI. The instruments used were the Impression Management Ans Self-deceptions Scales (30-item), the Egoistic and Moralistic Self-Enhancement Scale (14-item), the Big Five Inventory (44-item) and its neutralized version, the Modesty Scale (10-item) and its neutralized version, the Levenson Self-Report Psychopathy (26-item) and the Inventory of Callous-Unemotional Traits (24-item). The first article had the objective of applying an item neutralization procedure, developed by Bäckström and Björklund, to two instruments that evaluate personality traits: Big Five Inventory and the Modesty Scale. The neutralized versions showed high correlations with the original instruments and reproduced the factorial structure, besides correlate less with instruments of social desirability. The second article aimed to evaluate the relationship between social desirability and self-report instruments of psychopathic traits by controlling the presence of other real personality traits, using the neutralized versions of the instruments of the first article. The relationship between social desirability and psychopathy was negative and significant, and it was partially moderated by the traits of neuroticism, socialization and conscientiousness. Despite some limitations, it is believed that the results can contribute to the evaluation of social desirability and its relation with traits of psychopathy.

**Keywords:** impression management, self-deception, neutralization, psychological evaluation

## Sumário

Lista de Figuras .....	viii
Lista de tabelas .....	ix
Lista de anexos .....	x
Apresentação .....	1
Introdução .....	8
Vantagens e desvantagens do uso de autorrelato .....	8
Uma breve introdução aos tipos de vieses de resposta.....	9
Desejabilidade social: conceituação e controversas .....	12
Psicopatia: histórico e avaliação.....	22
Relacionando desejabilidade social e autorrelato de traços de psicopatia .....	25
Menos desejabilidade social é desejável: neutralização de instrumentos avaliativos de personalidade (Artigo 1).....	31
Introdução.....	32
Método.....	37
Resultados.....	41
Discussão .....	50
Considerações Finais .....	53
Referências .....	54
A relação entre viés de desejabilidade social e autorrelato de psicopatia (Artigo 2) .....	57
Introdução.....	58
Método.....	61
Resultados.....	65
Discussão .....	72
Considerações finais .....	76
Referências .....	78
Considerações Finais .....	82
Referências .....	83
Anexos.....	93

## Lista de Figuras

### Introdução

Figura 1 - Modelo da Janela de Johari (Luft & Ingham, 1961) .....	8
Figura 2 - Modelo dimensional da desejabilidade social desenvolvido por Paulhus (1984) .....	14
Figura 3 - Modelo dimensional da desejabilidade social desenvolvido por Paulhus (1988) .....	15
Figura 4 - Modelo bidimensional de quatro facetas das respostas socialmente desejáveis desenvolvido por Paulhus e John (1998) .....	17
Figura 5 - Elementos que interagem para a produção do viés de desejabilidade social ..	18
Figura 6 – Representação da relação entre psicopatia, desejabilidade social e outras variáveis .....	27

### Artigo 2 – Capítulo 3

Figura 1 - Modelo de mediação paralela múltipla da relação entre traços de psicopatia (medido pela LSRP) e desejabilidade social (medida pela IMSDS).....	73
Figura 2 - Modelo de mediação paralela múltipla da relação entre traços de psicopatia (medido pelo ICUT) e desejabilidade social (medida pela IMSDS).....	75
Figura 3 - Modelo de modelagem de equação estrutural entre traços de psicopatia (medido pela LSRP e ICUT) e desejabilidade social (medida pela IMSDS e EMS).....	77

## Lista de tabelas

### Introdução

Tabela 1 – Escalas que avaliam o viés da desejabilidade social .....	4
Tabela 2 - Tipos de estilos de resposta .....	9
Tabela 3 - Tipos de conjuntos de resposta .....	10
Tabela 4 - A constelação de Alpha e Gamma .....	16
Tabela 5 – Direção da relação entre desejabilidade social e psicopatia com possíveis mediadores.....	26

### Artigo 1 – Capítulo 2

Tabela 1 – Medidas descritivas dos itens neutralizados por rodada.....	48
Tabela 2 – Consistência interna, média e desvio padrão dos instrumentos originais e neutralizados.....	49
Tabela 3 - Correlação entre os fatores das versões original e neutralizada e entre as versões.....	50
Tabela 4 - Correlação entre os instrumentos e desejabilidade social.....	51
Tabela 5 – Análise fatorial exploratória dos instrumentos originais e neutralizados.....	52
Tabela 6 - Análise fatorial exploratória dos 20 melhores itens neutralizados do BFI.....	54
Tabela 7 – Análise fatorial dos itens neutralizados da Escala de Modéstia.....	55

### Artigo 2 – Capítulo 3

Tabela 1 – Correlações entre os instrumentos e consistência interna.....	71
Tabela 2 - Coeficientes de regressão e sumário do modelo de mediação paralela múltipla para as subescalas do LSRP e ICU.....	76

## Lista de anexos

Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 1 .....	45
Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 2 – Aplicação presencial .....	46
Anexo 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 2 – Aplicação <i>online</i> .....	47
Anexo 4 - Questionário sociodemográfico .....	48
Anexo 5 - Inventário dos Cinco Grandes Fatores .....	49
Anexo 6 - Escala de Modéstia .....	50
Anexo 7 - Impression management and Self-deception Scales .....	51
Anexo 8 - Escala Egoísta e Moralista .....	52
Anexo 9 - Inventário dos Cinco Grandes Fatores Neutralizado.....	53
Anexo 10 - Escala de Modéstia Neutralizada .....	54
Anexo 11 - Inventory of Callous Unemotional Traits .....	55
Anexo 12 - Levenson’s Self Report of Psychopathy.....	55

## **Apresentação**

Instrumentos de autorrelato são, atualmente, muito utilizados nos mais variados contextos de avaliação psicológica. As vantagens do autorrelato são muitas, principalmente, por obter informações direto do alvo de interesse. Entretanto, essa vantagem tem um lado negativo, pois torna o instrumento mais vulnerável à manipulação, ou seja, é aparentemente mais fácil para o sujeito avaliado, controlar a imagem que deseja passar para o avaliador. Essa vulnerabilidade específica é denominada de viés de desejabilidade social. A presença dessa possibilidade de manipulação levanta o questionamento: se as pessoas sem qualquer psicopatologia podem recorrer a esse viés, será que pessoas que possuem traços de psicopatia - que tem mais predisposição a mentir e manipular - estariam mais propensas a falsificar suas respostas a instrumentos de autorrelato? Esta pesquisa parte desse questionamento para investigar evidências de como é a relação entre viés de desejabilidade social e instrumentos de autorrelato de traços de psicopatia. Assim, o estudo pretende refinar a avaliação via autorrelato da personalidade, identificando com mais precisão potenciais fragilidades para que possam ser propostas soluções metodológicas.

Todos contam ou contarão uma mentira em algum momento da vida. Mas, isso de fato implica que as pessoas são, em geral, mentirosas? Pesquisas mostram que as pessoas tendem a ser honestas na maior parte do tempo, embora uma pequena parcela (cerca de 5%) da população conte mentiras de forma recorrente (Serota & Levine, 2014; Serota, Levine, & Boster, 2010). O fato de alguém decidir quando e por que mentir depende do seu histórico de vida, dos estímulos que recebe, das suas motivações e do contexto. Os motivos para a mentira são também diversos, tais como mentir para atender às expectativas sociais, para obter benefícios próprio ou ainda apenas para se divertir.

Em testes psicológicos de autorrelato, quando a pessoa adultera suas respostas de forma a se favorecer, essas respostas são vistas como contaminadas por vieses. Os vieses

de respostas são tendências na resolução dos testes por parte dos examinandos e são umas das primeiras preocupações que os profissionais têm ao construir um teste, pois diminuem a confiabilidade das respostas aos itens (Ziegler, 2015). A tendência de resposta que mais leva os pesquisadores a questionarem a confiabilidade dos resultados dos testes é o viés da desejabilidade social. Esse viés se caracteriza pelo fato de o examinando fornecer respostas que o façam parecer melhor, mais socialmente desejável para os avaliadores (Paulhus, 2002).

Desde a década de 30, há uma preocupação científica entre os psicometristas acerca dos efeitos de respostas socialmente desejáveis (Edwards, 1957). Atualmente, podem ser encontradas uma diversidade de escalas que avaliam desejabilidade social, como poder ser observado na Tabela 1. Essas escalas costumam trazer itens que descrevem comportamentos indesejáveis e comuns, comportamentos desejáveis e incomuns e situações extremas que podem motivar o sujeito a criar uma impressão favorável.

A psicopatia tem como um de seus traços centrais a predisposição a comportamentos de mentira e manipulação. Pessoas que possuem muitos traços de psicopatia são caracterizados por falta de remorso, ausência de empatia, falha em aceitar responsabilidade, serem indignos de confiança, falsidade, conduta antissocial sem aparente justificção, irresponsabilidade e impulsividade (Beltri & Fuentes, 2008). Devido a essas características, é comum pensar que pessoas que pontuam alto em traços de psicopatia têm uma maior tendência a incorrer a respostas socialmente desejáveis. Entretanto, evidências científicas contestam tal pensamento, em uma metanálise Ray et al. (2012) mostraram indícios de que pessoas que pontuam alto em traços de psicopatia tem a tendência a fornecerem respostas menos influenciadas pela desejabilidade social.

Entretanto, algumas questões metodológicas levantadas por Verschuere et al. (2014) contestaram os resultados encontrados por Ray et al. (2012). A principal crítica

está no fato desses pesquisadores terem considerado uma relação direta e pura entre traços de psicopatia e desejabilidade social, sem considerarem que essa relação negativa pode ser produto da interferência de outros traços de personalidade. Uma segunda crítica foi feita ao método de controle da desejabilidade social, que exclui participantes com pontuações extremas nos instrumentos que avaliam esse viés por que quanto maior o escore em desejabilidade social maior a probabilidade de a pessoa fornecer respostas socialmente desejáveis nos demais instrumentos. Outra crítica diz respeito ao debate sobre o que de fato estes instrumentos mensuram (e.g., Pauls & Stemmler, 2003). Algumas pesquisas trazem que instrumentos de autorrelato de desejabilidade social captam, além do viés da desejabilidade social, características reais das pessoas, isto é, traços de personalidade verdadeiros (e.g., Holden & Passey, 2010). Os traços de personalidade que tem mais evidências de serem captados por escalas de desejabilidade social são modéstia, socialização, conscienciosidade, extroversão, abertura e neuroticismo (De Vries, Zettler, & Hilbig, 2014; Uziel, 2010). Assim, para uma compreensão mais clara da relação entre autorrelato de traços de psicopatia e viés de desejabilidade social é necessário a remoção ou diminuição da influência desses outros traços captados nas escalas de desejabilidade, pois possivelmente confundem a relação entre os atributos de interesse.

Tabela 1

*Escalas que avaliam o viés da desejabilidade social*

Escala	Nº de itens	Descrição	Dimensões	População-alvo
1. MMPI K <i>Scale</i> (Meehl & Hathaway, 1946)	30	Identifica pessoas com psicopatologia que apresentam resultados normais. Elevados escores indica pessoas que se apresentam bem-ajustadas.	Unidimensional	Adultos
2. MMPI <i>Lie Scale</i> (Hathaway & McKinley, 1951)	15	Comportamentos indesejáveis, mas comuns que a maioria das pessoas admitiria. Avaliação mais sofisticada.	Unidimensional	Adultos
3. CPI <i>Goog Impression (Gi) Scale</i> (Gough, 1952,1987)	40	Situações extremas para criar impressão favorável.	Unidimensional	Adultos
4. <i>Edwards Social Desirability Scale</i> (Edwards, 1957; Edwards & Clark, 1987)	39	Atributo pouco definido. Itens com aspectos psicopatológicos.	Unidimensional	Adultos
5. <i>Marlowe-Crowne Social Desirability Scale</i> (MCSDS: Crowne & Marlowe, 1960)	33	Comportamentos indesejáveis, mas comuns e comportamentos desejáveis, mas incomuns.	Unidimensional	Adultos
6. <i>Children Social Desirability Scale</i> (CSD: Crandall, Crandall & Katkovsky, 1965)	48	Derivada da MCSDS. Avalia evitação da desaprovação social.	Unidimensional	Crianças

7. <i>The Jacobson-Kellog Self-Description Inventory</i> (SDI-I/SDI-II; Jacobson et al, 1977; 1983)	68(SDI-I)/ 128 (SDI-II)	Divido em quatro subescalas (atribuição positiva, atribuição negativa, negação de traços positivos, negação de traços negativos) que avaliam a frequência de endosso a cada afirmação.	Bidimensional (Atribuição e negação)	Adultos
8. <i>Responding Desirably on Attitudes and Opinions</i> (RD-16, Schuessler, Hittle & Cardascia, 1978)	16	Desenvolvido para pesquisas de levantamento de atitudes e opiniões.	Unidimensional	Adultos
9. <i>Self- and Other-Deception Questionnaire</i> (SDQ/ODQ; Sackeim & Gur, 1978)	20 (10 para cada subescala)	Se baseia na ideia que o autoengano seria uma tendência a negar a existências de pensamentos e sentimentos psicologicamente ameaçadores.	Bidimensional (Atribuição e negação)	Adultos
10. <i>Balanced Inventory of Desirable Responding</i> (BIDR, Paulhus, 1984,1988)	40	Itens balanceados do SDQ/ODQ, focando no enaltecimento de características pessoais.	Bidimensional (Autoengano positivo e manejo de impressão)	Adultos
11. <i>Sets of Four Scale</i> (Borkenau & Ostendorf, 1989)	20 quadrupletes	Utiliza a metodologia de quadruplets, apresenta 4 adjetivos que variam quanto ao aspecto descritivo e valorativo	Unidimensional	Adultos
12. <i>Personality Assessment Inventory</i> (PAI) - <i>Negative Impression Management</i> (NIM) and <i>Positive Impression Management</i> (PIM) scales (Morey, 1991)	18 (9 para cada subescala)	Avalia tendência do respondente se caracterizar de forma exageradamente positiva ou negativa.	Bidimensional (Autoengano negativo e manejo de impressão).	Adultos
13. <i>The Psychological Inventory of Criminal Thinking Styles</i> (PICTS) <i>Confusion</i> (Cf) and <i>Defensiveness</i> (Df) scales (Walters, 1995).	16 (8 para cada subescala)	Usa itens extremos que raramente são endossados pela maioria das pessoas e avaliação da negação a manias e preocupações comuns.	Bidimensional (Simulação de doença e Desejabilidade social)	Adultos

14. <i>Social Desirability Scale -17</i> (SDS-17; Stöber, 1999, 2001)	17	Atualização dos itens da MCSDS. Avalia evitação de desaprovação social.	Unidimensional	Adultos
15. <i>Children's Social Desirability for Food</i> (C-SDF; Baxter et al, 2004)	14	Avalia a tendência do respondente de caracterizar de forma exageradamente positiva sua dieta alimentar.	Unidimensional	Crianças
16. <i>PPI-R Deviant Responding (DR) and Virtues Responding (VR) scales</i> (Lilienfeld & Widows, 2005)	23 (10 para DR e 13 para VR)	Avalia autocaracterização extremamente positiva e extremamente negativa.	Bidimensional (Simulação de doença e Desejabilidade social)	Adultos
17. <i>Comprehensive Inventory of Desirable Responding</i> (CIDR; Paulhus, 2005)	80 (20 para cada subescala)	Dividido em quatro subescalas (manejo do eu, manejo da atuação social, autoengano positivo, autoengano negativo), usa itens com conteúdos sexuais e agressivos.	Bidimensional (Viés egoísta e viés moralista)	Adultos
18. <i>Interview Faking Behavior Scale</i> (IFB; Levashina & Campion, 2007)	54	Baseado em uma taxonomia de comportamentos de falsificação. Desenvolvido com propósito de pesquisa.	Bidimensional (Criação de imagem pessoal (exagerada e leve); Proteção da imagem pessoal; Bajulação)	Adultos
19. <i>Inventory of Desirable Responding in Coach-Athlete Relationship</i> (IDR-CART; Jowett, 2008)	10	Avaliar possibilidade de respostas desejáveis na avaliação da qualidade da relação treinador-atleta e outros conceitos psicossociais relacionados.	Bidimensional (Autoengano positivo e manejo de impressão).	Adultos
20. <i>Self- and Other-Deception Questionnaire-Intellectual Disabilities</i> (SDQ-ID/ODQ-ID; Langdon, Clare & Murphy, 2010)	20 (10 para cada subescala)	Versão modificada da SDQ e QDQ, normatizada para homens com deficiência intelectual.	Bidimensional (Autoengano positivo e manejo de impressão).	Adultos

---

21. Escala de Desejabilidade Social (DESCA; Oliveira, 2013)	15	Avaliação de progenitores envolvidos em situação de disputa de guarda e determinação da capacidade/ competência parental.	Tridimensional (Aprovação social, manejo de impressão e dependência relacional)	Adultos
20. <i>Egoistic and Moralistic Scale</i> (EMS; Vecchione, Alessandri & Barbaranell, 2013)	14	Baseada em duas subesclas do CIRD (autoengano positivo e autoengano negativo). Evita itens com conteúdos sexuais e agressivos.	Bidimensional (Viés egoísta e viés moralista)	Adultos
22. <i>Indigenous Social Desirability Scale</i> (ISDS; Espinosa & Van de Vijer, 2014)	14	Avalia a evitação de desaprovação social considerando a desejabilidade de características típicas da população mexicana.	Unidimensional	Adultos

---

## Introdução

### **Vantagens e desvantagens do uso de autorrelato**

O autorrelato apresenta diversas vantagens para avaliação da personalidade. As principais vantagens são a economia de tempo e recursos, a facilidade de aplicação e de responder aos itens, brevidade dos instrumentos, possibilidade de avaliar estilos de resposta de forma sistemática e por não ser influenciado pela percepção do avaliador. Além disso, tem como principal vantagem o fato do sujeito de interesse relatar seus próprios pensamentos, sentimentos e comportamentos, pois é, segundo a perspectiva de Lilienfeld e Fowler (2006), quem melhor sabe acerca de si mesmo.

Instrumentos de autorrelato partem da premissa de que o sujeito avaliado irá responder a todas as questões com sinceridade. Essa premissa é alvo das principais críticas quanto ao uso de autorrelato, pois além dos erros de medida comum a qualquer método de pesquisa, nem sempre as pessoas avaliadas irão responder com total sinceridade e acurácia. Isso pode ocorrer por falta de conhecimento, por uma interpretação equivocada da questão, por características individuais na sua forma de se expressar ou pelo simples desejo de parecer melhor ou pior para o avaliador (Baldwin, 2000). Ou seja, a principal crítica ao autorrelato é sua sensibilidade e vulnerabilidade a vieses de resposta. Devido a isso, dúvidas recaem sobre a capacidade dessas medidas avaliarem traços de personalidade (Butcher, Bubany, & Mason, 2013), já que vieses de resposta podem afetar o significado e variâncias dos dados obtidos, bem como afetar a magnitude das correlações entre variáveis (Van Vaerenbergh & Thomas, 2013).

Existem abordagens teóricas que permitem entender com maior profundidade os aspectos que são tipicamente avaliados pelo autorrelato. Um modelo útil é o que se baseia na

interação social para saber quais informações são acessíveis aos pesquisadores e clínico, chamado “janela de Johari” (Lilienfeld & Fowler, 2006; Luft & Ingham, 1961; Newstrom & Rubenfeld, 1983). Esse modelo representa a personalidade em quatro regiões percebidas pelo eu e pelo outro (Figura 1): (I) Arena – área conhecida pelo eu e pelo outro; (II) Ponto cego – área desconhecida pelo eu e conhecida pelo outro, informação obtida por meio de relato dado por familiares, conhecidos e amigos; (III) Fachada – área conhecida pelo eu e desconhecida pelo outro, área dos sentimentos e desejos conscientes, mas não revelados para e/ou percebidos pelo outro, informações que apenas o próprio sujeito pode fornecer, obtida por meio de instrumentos de autorrelato e entrevistas e; (IV) Desconhecido - área desconhecida pelo eu e pelo outro, o inconsciente, a parte misteriosa da personalidade (Lilienfeld & Fowler, 2006; Luft & Ingham, 1961; Newstrom & Rubenfeld, 1983). Como grifado na Figura 1, o autorrelato abarca duas partes da personalidade, a de livre conhecimento a todos (Arena) e a de conhecimento exclusivo do sujeito (Fachada). Isso significa, em contraste, que o autorrelato pode falhar em obter informações desconhecidas pelos sujeitos (Ponto cego e Desconhecido). Em outras palavras, apesar de útil, o autorrelato pode levar a um viés quanto ao tipo de informação coletada dos indivíduos.

	Conhecido pelo eu	Desconhecido pelo eu
Conhecido pelos outros	<b>Arena</b>	Ponto cego
Desconhecido pelos outros	<b>Fachada</b>	Desconhecido

*Figura 1.* Modelo da Janela de Johari (Luft & Ingham, 1961)

### **Uma breve introdução aos tipos de vieses de resposta**

Viés de resposta é um termo para se referir a um conjunto de tendências sistemáticas no modo de responder a questionários causando uma interferência na acurácia do relato, seja

através de autorrelato, heterorrelato e/ou entrevista (Paulhus, 2002; Ziegler, 2015). Uma forma de compreender os tipos de vieses é por meio da distinção realizada por Jackson e Messick (1958) e Rorer (1965) entre estilo (*style*) e conjunto (*set*) de repostas.

Estilos de respostas (*response style*) se caracterizam por o examinando selecionar categorias de respostas de forma desproporcional (a pessoa foca em apenas uma categoria de respostas, por exemplo, só seleciona as opções dos extremos) sem se preocupar com o conteúdo do item, sendo consistente ao longo do tempo e em diferentes formas e momentos de avaliação. Os principais tipos podem ser encontrados na Tabela 2. Apesar da grande influência no significado dos dados, são poucos os pesquisadores que se preocupam em controlar os estilos de resposta. Ainda, quando há esse controle, normalmente foca-se na aquiescência e repostas extremas (Paulhus, 1991; Van Vaerenbergh & Thomas, 2013; Ziegler, 2015).

Tabela 2

*Tipos de estilos de resposta*

Estilos de respostas ( <i>Response Styles</i> )	Descrição
Aquiescência ( <i>Acquiescence</i> – ARS)	Tendência a concordar com o item, independente do conteúdo e usando apenas pontuações altas (e.g., escala de 1 a 5, pessoa sempre responde com 5).
Diaquiescência ( <i>Diaquiescence</i> - DRS)	O oposto da aquiescência, nesse viés a pessoa apresenta uma tendência a discordar do item, independente do conteúdo e usando apenas pontuações muito baixas (e.g., escala de 1 a 5, pessoa sempre responde com 1).
Respostas neutras ( <i>Mid-point</i> – MRS)	Uma tendência a responder apenas com item mediano, presente em escalas com números ímpares de respostas (e.g., escala de 1 a 5, pessoa sempre responde com 3).

Evitação de extremos ( <i>Mild-point</i> - MLRS)	O oposto das respostas extremas como o próprio nome diz, é uma tendência a evitar respostas extremas (e.g., escala de 1 a 5, pessoa sempre responde com 2 a 4).
Rede de aquiescência ( <i>Net acquiescence</i> - NARS)	Uma tendência a apresentar mais aquiescência do que diaquiescência.
Respostas inconsistentes ( <i>Noncontigent response style</i> - NCRS)	Uma tendência a responder aos itens de forma aleatória, descuidada e sem propósito, relacionada ao desinteresse pela avaliação.
Respostas socialmente desejáveis ( <i>socially desirable responding</i> - SDR)	Caracteriza-se por um hábito de ser agradável com tudo e todos.

---

*Nota.* Baseado nos trabalhos de Helmes, Holden, e Ziegler (2015) e Van Vaerenbergh e Thomas (2013)

Os conjuntos de respostas (*response sets*) se caracterizam por serem comportamentos de curta duração gerados por distrações ou motivações temporárias (Paulhus, 2002). Isto é, acontecem em contextos específicos por razões específicas, em contraste com os estilos de resposta, que tendem a ser estáveis. Os principais tipos podem ser encontrados na Tabela 3. O controle desse tipo de viés é mais complexo, pois costumam ocorrer em contextos de avaliação compulsória e de alta motivação, em que o respondente é afetado diretamente pelo resultado da avaliação.

Tabela 3

*Tipos de conjuntos de resposta*

Conjunto de respostas ( <i>Response Sets</i> )	Descrição
Simulação de doença ( <i>malingering</i> )	Caracterizado por a pessoa produzir ou exagerar, intencionalmente, a presença de sintomas físicos e/ou psicológicos patológicos; motivado pela situação de avaliação; mais comum em contextos de

---

	avaliações compulsórias (e.g., pessoa pleiteia alegar insanidade mental em um julgamento)
Grupo de referência ( <i>frame reference</i> )	É quando a pessoa responde se baseando em um modelo do que ela acha que seja adequado ou alguém que ela ache que represente o ideal positivo do que está sendo avaliado
Respostas socialmente desejáveis ( <i>socially desirability responding – SDR</i> )	Uma tendência consciente de se autodescrever de forma excessivamente positiva

---

*Nota.* Baseado nos trabalhos de McDermott (2012), Paulhus (2002) e Smith, Hanges, e Dickson (2001)

Como poder ser observado, respostas socialmente desejáveis (RSD) podem ser consideradas tanto um estilo como um conjunto de respostas. No estilo de resposta, a RSD é produzida de forma não-intencional, ocorrendo por um estilo pessoal de responder em que a pessoa tende a se mostrar agradável e sociável em todos os contextos; enquanto isso, como conjunto de respostas, é produzida, de forma intencional ou não, por um contexto específico e por razões específicas (ex: seleção de emprego), quando a pessoa acredita ser necessário e justificável manipular suas respostas para parecer melhor, visto que o resultado positivo da avaliação fornece uma recompensa desejada (Ellingson, 2012). Por se tratar de um dos atributos de interesse desta pesquisa, a desejabilidade social será abordada em um tópico à parte.

### **Desejabilidade social: conceituação e controversas**

Falsificação (*faking*) ou respostas socialmente desejáveis ou desejabilidade social (*socially desirable responding* ou *social desirability*) são considerados por alguns autores como sinônimos, enquanto outros fazem a distinção de que a desejabilidade social é um *tipo* de falsificação (Paulhus, 2012). Falsificação pode ser definida como um comportamento, e

não um traço, que requer uma motivação que surge da interação entre traços de personalidade e contexto de avaliação (influência ambiental) resultando em uma impressão exagerada ou imprecisa do respondente (MacCann, Ziegler, & Roberts, 2012). Assim, nesta pesquisa, esses termos serão considerados como distintos, compreendendo a desejabilidade social enquanto um tipo de falsificação, que envolve o relato exagerado de qualidades positivas e/ou a negação de qualidades negativas, ou seja, quando as pessoas respondem aos itens de forma que pareçam boas pessoas pelos padrões morais da sociedade em que vivem (Paulhus, 2002).

A desejabilidade social, enquanto um viés de respostas, trata-se de uma das temáticas mais controversas e debatidas dentro da construção de instrumentos psicológicos. A partir da literatura (e.g., McCrae & Costa, 1983; Paulhus & John, 1998; Paulhus, 2002; Pauls & Stemmler, 2003), percebeu-se que principais controvérsias que envolvem esse viés são: 1) categorização das RSD como estilo ou conjunto de respostas, 2) magnitude dos efeitos das respostas socialmente desejáveis na validade de critério de medidas de autorrelato, e o 3) número de fatores relacionados ao atributo. Apesar de didaticamente segregadas, essas controvérsias se interligam. Uma vez definido a que grupo (estilo ou conjunto) pertence, será possível pensar na melhor forma de controlar o viés, o que por sua vez irá melhorar a qualidade psicométrica dos instrumentos.

A primeira controvérsia se foca em tentar categorizar respostas socialmente desejáveis como estilo ou conjunto de respostas (Helmes et al., 2015; Paulhus, 2002; Ziegler, 2015). Enquanto estilo de resposta, trata-se de um hábito que a pessoa desenvolve no sentido de se mostrar agradável com tudo e todos em seu cotidiano. Em contraste, quando considerada um conjunto de respostas, são influenciadas pelos estímulos externos temporários, como o contexto e objetivo da avaliação. Tanto em uma categoria como em outra a desejabilidade social remete ao terceiro fator temperamental do Modelo

Psicobiológico da Personalidade de Cloninger, a “dependência de gratificação” (*reward dependence*), que se caracteriza por uma tendência hereditária a manter comportamentos agradáveis, sentimentais, apego social, dependência da aprovação do outro e resposta intensa a recompensa visando a ganho pessoal (Cloninger, Svrakic, & Przybeck, 1993; Moreira, 2004). Ou seja, possivelmente, pessoas que pontuam alto nesse fator temperamental são mais prováveis de apresentarem elevados escores em desejabilidade social, pois compartilham comportamentos caracterizados pela busca de aprovação social e ganho pessoal.

A segunda controvérsia se volta para saber se as RSD comprometem a validade de medidas de autorrelato, questionando o que de fato os instrumentos que avaliam esse viés medem (Li & Bagger, 2006; Ones, Viswesvaran, & Reiss, 1996). Há pesquisadores que defendem a hipótese que as escalas de desejabilidade social avaliam traços verdadeiros de personalidade. Dessa forma, as RSD atuam como variável supressora (moderadora), que teria como efeito direto a diminuição da validade de critério de medidas de autorrelato de personalidade (McCrae & Costa, 1983; Pauls & Stemmler, 2003). Entretanto, há pesquisadores que contestam esses achados, mostrando que as RSD não alteram a validade de critério dessas medidas. Existem duas metanálises com resultados a favor da segunda hipótese, uma delas levando em consideração as RSD como um fenômeno unidimensional (Ones et al., 1996), e a outra como bidimensional (Li & Bagger, 2006). Ambas concluíram que as RSD não produziram efeitos espúrios na relação, ou seja, não alteraram a validade de critério das medidas de autorrelato de personalidade. Pesquisas mais recentes continuam favorecendo essa segunda hipótese (e.g., Holden & Passey, 2010).

A terceira controvérsia recai sobre o número de dimensões atribuídas ao viés da desejabilidade social. Estudos fatoriais dos instrumentos que avaliam desejabilidade social relatam estruturas de um, dois, três e quatro fatores (Paulhus & John, 1998). Os primeiros

estudiosos concebiam a desejabilidade social como unidimensional (Edwards, 1957), mas diversos pesquisadores vêm mostrando a presença de pelo menos dois fatores (Helmes & Holden, 2003; Paulhus, 1984; Paulhus, 2002). Partindo de uma perspectiva bidimensional, a primeira divisão foi entre respostas positivas ou atribuição (*attribution response*) e respostas negativas ou negação (*denial responses*). Respostas positivas seriam manifestadas por a pessoa afirmar possuir características desejáveis socialmente e respostas negativas seriam manifestadas por a pessoa negar possuir características indesejáveis socialmente (Jacobson, Kellogg, Cauce, & Slavin, 1977; Paulhus, 1984).

A segunda perspectiva bidimensional, que mais se destacou na literatura, foi a desenvolvida por Paulhus (1984), que denominou os dois fatores de manejo de impressão (*impression management*) e autoengano (*self-deception*) (Figura 2). Essa divisão baseou a primeira versão do seu instrumento, o Inventário Balanceado de Respostas Desejáveis (*Balanced Inventory of Desirable Responding – BIDR*, Paulhus, 1984). O manejo de impressão representa uma propensão consciente de tentar causar uma boa impressão, estando relacionada a bem estar, ajustamento interpessoal, melhores performances no trabalho, cuidado com a saúde e autocontrole, principalmente em contextos sociais (Uziel, 2010). O autoengano representa crenças exageradamente positivas a respeito de si mesmo, relacionando-se à elevada autoestima (Paulhus, 2002) e cooperação social (Surbey, 2011). Essas duas dimensões se diferenciam no nível de processamento da intencionalidade na manipulação da resposta, isto é, no nível de consciência do examinando.

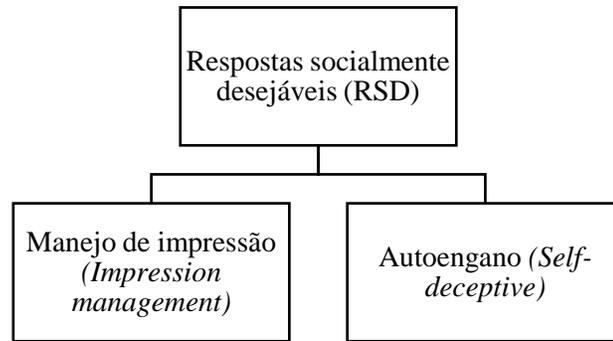


Figura 2. Modelo dimensional da deseabilidade social desenvolvido por Paulhus (1984).

Quando confrontadas as duas perspectivas bidimensionais, a divisão autoengano/manejo de impressão mostrou melhor adequação estatística (Paulhus, 1984; Paulhus & Reid, 1991). Foram testadas as quatro combinações entre as perspectivas: manejo de impressão e atribuição ou manejo de impressão positivo, manejo de impressão e negação ou manejo de impressão negativo, autoengano e atribuição ou autoengano positivo e autoengano e negação ou autoengano negativo. Usando o método da análise fatorial, as facetas do manejo de impressão carregaram em um único fator. O autoengano se dividiu em duas facetas, autoengano positivo e autoengano negativo, sendo que o segundo carregou muito próximo do manejo de impressão (Paulhus & Reid, 1991). Posteriores análises persistiram em duas facetas para autoengano, ocasionando uma revisão do BIDR, assim a escala recebeu o acréscimo de uma subescala, do autoengano negativo (*self-deceptive denial*) (Figura 3) (Paulhus, 1988, 2002; Paulhus & Reid, 1991).

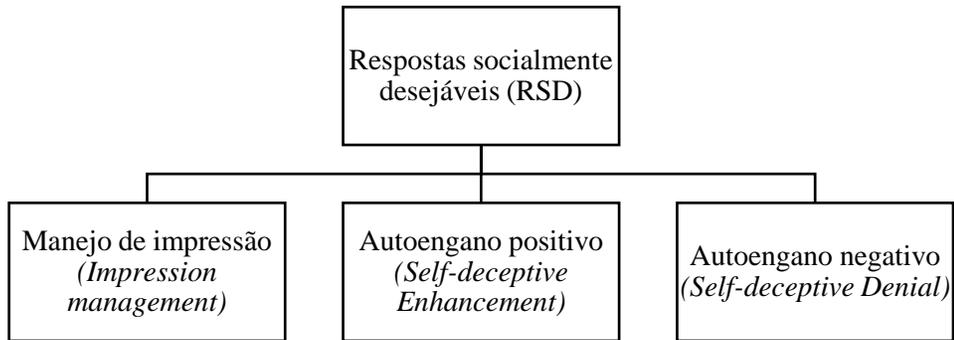


Figura 3. Modelo dimensional da desejabilidade social desenvolvido por Paulhus (1988).

O contínuo debate conduziu a uma nova percepção da desejabilidade social desviando o foco do nível de processamento (consciente *vs.* inconsciente) para o conteúdo (individualidade *vs.* coletividade). Paulhus e John (1998) analisaram várias pesquisas acerca da dimensionalidade das respostas socialmente desejáveis e perceberam a constância de dois fatores, aos quais denominaram de *Alpha* e *Gamma* (usaram esses termos por não terem nenhuma implicação teórica). Esses fatores diferem quanto ao conteúdo da personalidade (características egoístas e moralistas), mas ambos atuam nos dois níveis de processamento (consciente e inconsciente). Eles são compreendidos como constelações formadas por um valor, um motivo e uma tendência de auto favorecimento (Paulhus & John, 1998). Os dois valores básicos são individualidade (*agency*) e coletividade (*comunion*). A individualidade está ligada a esforço pessoal, criatividade, dominância e busca por autodesenvolvimento. Coletividade está ligado à comunidade, a busca pelo bem-estar de todos, o compartilhamento de afetos positivos e benefícios. Os motivos são necessidade por poder e necessidade por aprovação e; as tendências de auto favorecimento são as tendências egoístas e moralistas (Tabela 4). (Holden & Passey, 2009; Paulhus & John, 1998).

Tabela 4

*A constelação de Alpha e Gamma*

	Valor	Motivo	Tendência de auto favorecimento
Alpha	Auto agenciamento ( <i>agency</i> )	Necessidade por poder ( <i>need for power</i> )	Tendências egoístas ( <i>egoistic bias</i> )
Gamma	Comunhão ( <i>communion</i> )	Necessidade por aprovação ( <i>need for approval</i> )	Tendências moralistas ( <i>moralistic bias</i> )

**Nota.** Adaptado de Paulhus e John (1998).

Essa nova concepção das constelações Alpha e Gamma (Paulhus & John, 1998) alterou a proposta anterior de Paulhus (1984) no sentido dado à interpretação dos itens. Porém, o conteúdo passou por alterações mínimas. As tendências de autofavorecimento (egoísta e moralista) aparentam ser uma melhor explicação para respostas socialmente desejáveis, apesar de ainda serem necessários mais estudos (Paulhus & John, 1998; Vecchione, Alessandri, & Barbaranelli, 2013). O manejo de impressão (*impression management*), que se processa em nível consciente, foi dividido em manejo da impressão do eu (*agency management*), referente ao viés egoísta e manejo da atuação social (*communion management*), referente ao viés moralista. O autoengano, que se processa em nível inconsciente, permaneceu dividido em autoengano positivo (*self-deceptive enhancement*), referente ao viés egoísta e autoengano negativo (*self-deceptive denial*), referente ao viés moralista (Figura 4).

De uma forma ampla, pessoas que pontuam alto no viés egoísta se caracterizam como brilhantes intelectual e socialmente, tendem a se autovalorizar de forma exagerada, consideram-se superiores aos outros em coragem e criatividade, podendo serem vistas com características de “super-heróis”. Já pessoas que pontuam alto no viés moralista se caracterizam como excepcionais membros da sociedade, defensores extremos da ordem e da

moral e evitam a desaprovação social, podendo serem vistas com características de “santos” (Paulhus & John, 1998; Paulhus, 2002; Vecchione et al., 2013). O viés egoísta se relaciona com neuroticismo, extroversão e abertura, enquanto o viés moralista se relaciona com socialização e conscienciosidade (Paulhus & John, 1998; Pauls & Stemmler, 2003). Para avaliar essa nova perspectiva, Paulhus (2005) desenvolveu o Inventário Compreensivo de Respostas Desejáveis (*Comprehensive Inventory of Desirable Responding - CIDR*), similar ao BIDR, porém contendo quatro subescalas.

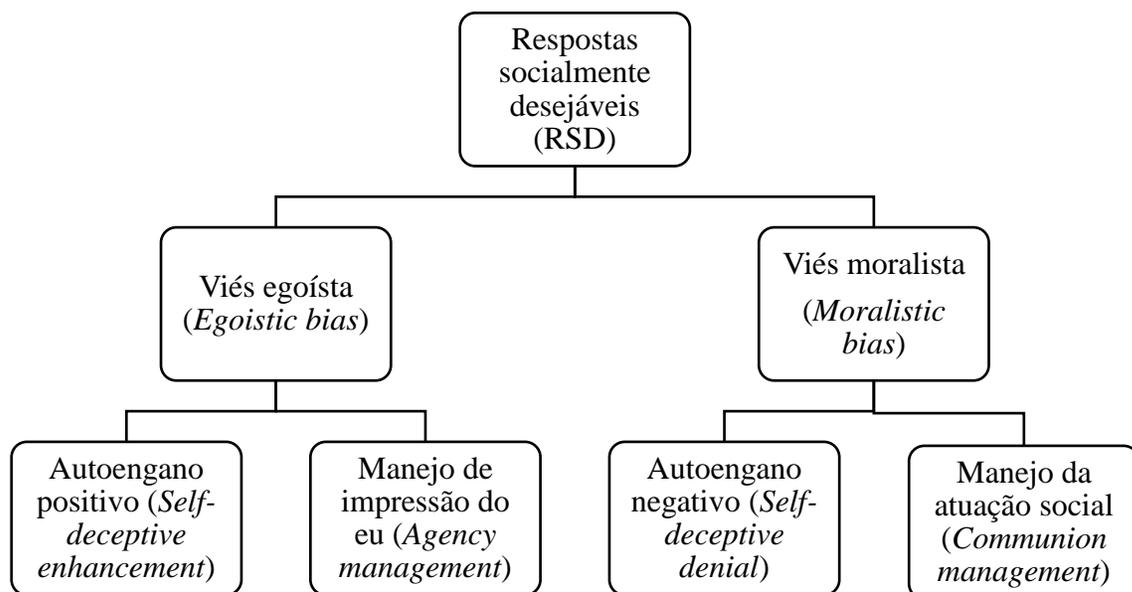
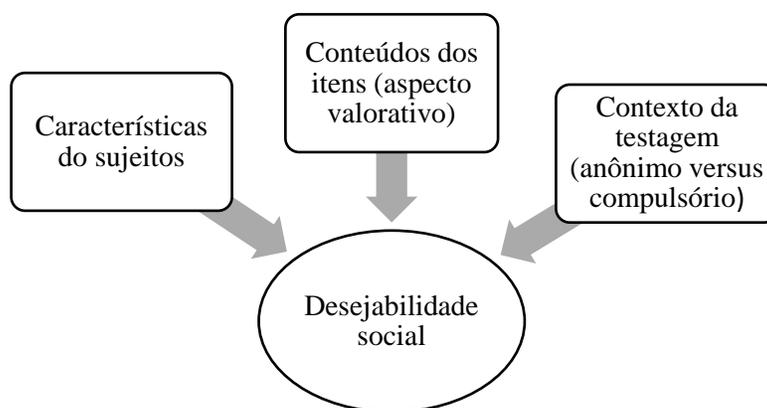


Figura 4. Modelo bidimensional de quatro facetas das respostas socialmente desejáveis desenvolvido por Paulhus e John (1998)

Para a ocorrência de respostas desejáveis, é necessária a interação de vários fatores. Os elementos que interagem para produzir a desejabilidade social são: (a) características individuais dos respondentes, (b) conteúdo dos itens e (c) contexto no qual a testagem ocorre (Figura 5). Em primeiro lugar, uma pessoa honesta terá maior probabilidade de fornecer respostas verdadeiras, enquanto uma pessoa que gosta de se enaltecer ou que tem uma percepção distorcida da realidade terá maior probabilidade de manipular positivamente suas respostas em um teste de personalidade (Bäckström & Björklund, 2013). Em segundo lugar,

os itens com conteúdo socialmente desejáveis tendem a eliciar esse tipo de viés por parte dos respondentes. O aspecto descritivo de um item se refere ao traço que ele avalia e se avalia um nível alto ou baixo desse traço, enquanto o aspecto valorativo se refere à popularidade ou desejabilidade do conteúdo. Itens com conteúdo muito desejáveis são mais propensos a serem endossados e aqueles com conteúdo mais indesejável são mais propensos a serem negados (Paulhus, 1991; Peabody, 1967). Em terceiro lugar, o contexto da testagem também pode influenciar. Situações de testagem de baixa motivação, em que o sujeito não tem nada a perder ou ganhar, por exemplo, situações de pesquisa anônima, produzem menos respostas socialmente desejáveis como conjunto de respostas e mais como estilo de resposta; ao contrário de contextos de alta motivação em que o sujeito será afetado pelo resultado da testagem, como em avaliações compulsórias (Bäckström & Björklund, 2013; Paulhus, 1991; Ziegler, 2015), os sujeitos tendem a produzir mais respostas socialmente desejáveis enquanto conjunto de respostas.



*Figura 5.* Elementos que interagem para a produção do viés de desejabilidade social.

Considerando todas as controvérsias e condições para a ocorrência do viés da desejabilidade social, são encontradas na literatura cinco formas de controle: controle da redução de demanda, análise fatorial, correlação parcial (Paulhus, 1991), modelação de equação estrutural multigrupo (Ziegler & Buehner, 2009) e neutralização ou controle racional

(Bäckström & Björklund, 2013; Paulhus, 1991). O controle de redução de demanda se baseia no controle das variáveis estranhas que podem aumentar a ansiedade do participante, pode ser reduzido por meio de avaliações anônimas e um bom *rapport*. O segundo método, análise fatorial, deve ser feito durante o processo de construção do teste, envolvendo retirar os itens que carregam mais em um fator de desejabilidade social (Bäckström et al., 2009; Ones, Viswesvarn & Reiss, 1998; DeYoung, Peterson & Higgins, 2002). O modelo de equação estrutural multigrupo compara o escore de um ou mais instrumentos a dois grupos (um controle e um experimental) em dois momentos diferentes. No tempo 1 com instruções padronizadas para os dois grupos e no tempo 2 com instrução padronizada para o grupo controle e instrução para se apresentar bem para o grupo experimental. Este último método é estatisticamente mais complexo e permite separar a variância de traços verdadeiros da variância do viés de desejabilidade social propriamente dito, ao considerar a desejabilidade social como um erro de medida sistemático (Ziegler & Buehner, 2009).

Por sua vez, a neutralização, método utilizado nessa pesquisa, (Bäckström & Björklund, 2013) ou controle racional (Paulhus, 1991) dos itens consiste em planejar a escrita do item levando sua desejabilidade em conta. Em geral, são apresentados itens iguais no aspecto valorativo e diferentes no aspecto descritivo ou ainda mediante a formulação de afirmações neutras, construindo escalas controlando o nível de desejabilidade dos itens por meio da regulação do aspecto valorativo dos mesmos (Peabody, 1967). O controle racional põe em pauta a noção de que instrumentos de autorrelato confundem a avaliação de aspectos descritivos (traço de interesse) e valorativos (valor atribuído pela cultura ao conteúdo). Na leitura do item a pessoa tende a considerar, também, o quão popular ou desejável é seu conteúdo, o que pode exercer influência na resposta a esse item, especialmente em situações de alta motivação (Peabody, 1984, 1987; Saucier, Ostendorf, & Peabody, 2001).

Considerando que os instrumentos se baseiam na linguagem natural das pessoas, afirmativas e adjetivos podem vir imbuídos desses julgamentos comuns do cotidiano, motivo pelo qual é vantajosa uma escrita cuidadosa dos itens. A solução pelo controle racional ou neutralização provoca uma mudança no modo de responder das pessoas, ao minimizar os efeitos da influência do aspecto valorativo, levando-as a manifestarem seus níveis de concordância ou discordância com os itens tendo como objeto primário o conteúdo descritivo. Há que se considerar que a neutralização não influencia outros fatores que levam a respostas socialmente desejáveis, como o contexto da testagem e as características individuais do examinando. Pensando nas características individuais que podem influenciar na formulação de respostas socialmente desejáveis pode-se falar sobre pessoas que pontuam alto em traços de psicopatia.

### **Psicopatia: histórico e avaliação**

A psicopatia tem uma longa história no meio clínico e acadêmico, desde uma visão moralmente neutra, com Pinel em 1801, para uma visão pejorativa e criminal, com Rush em 1812 e Koch em 1891 (Arrigo & Shipley, 2001). Foi somente com Harvey Cleckley, em 1941, com o lançamento do livro *The Mask of Sanity*, que houve uma organização e condensação dos sintomas desse distúrbio o qual ele rotulou “Psicopatia” e um retorno a uma visão menos condenatória.

Cleckley (1941/1988) listou 16 características que um estereótipo psicopata possui. Hoje considerado o “pai da psicopatia”, a pesquisa desse psiquiatra ainda é discutida no meio científico influenciando a compreensão e a construção de instrumentos de avaliação do atributo psicopatia. As características listadas por Cleckley são ter charme superficial e boa aparência, ausência de alucinações e outros sinais de pensamento irracional, ausência de

nervosismo e/ou manifestações psiconeuróticas, ser indigno de confiança, ser falso/desonesto, incapacidade para experimentar remorso e vergonha, conduta antissocial sem aparente justificção, dificuldade para aprender com a experiência, egocentrismo patológico e incapacidade para amar, pobres relações afetivas, perda específica de intuição, insensibilidade nas relações interpessoais, conduta exagerada e desagradável sob efeito de álcool e, as vezes, sem ele, ameaças de suicídio constante, mas raramente efetuadas, vida sexual impessoal, frívola e pouco estável e incapacidade para seguir qualquer plano de vida.

A partir da caracterização sistemática de Cleckley, pesquisadores se interessaram por uma avaliação mais objetiva da psicopatia. A avaliação de traços de psicopatia se concentrou mais na população carcerária, por serem mais prevalentes nessa população (15%-30%) do que na população geral (cerca de 1%-2%) (Beltri & Fuentes, 2008; Hare & Neumann, 2006). Hare, em 1985, apresentou a Lista de Checagem da Psicopatia (*Psychopathy Checklist - PCL*), - revisado, em 1991, o *Psychopathy Checklist Revised (PCL-R)* – sendo hoje o instrumento mais usado no mundo na avaliação desse atributo (Fowles & Dindo, 2009). Este teste é composto por 20 itens com conteúdo direcionado à população carcerária. O instrumento apresenta o formato de uma entrevista semiestruturada, com momento de heterorrelato e consulta a precedentes criminais. O PCL-R divide a psicopatia em dois fatores: o primeiro fator (F1) está relacionado a aspectos interpessoais e afetivos, como comportamentos de manipulação, insensibilidade, falta de empatia; e o segundo fator (F2) se relaciona com comportamentos antissociais, agressividade e impulsividade, como comportamento criminoso, abuso de álcool e outras drogas (Hare & Neumann, 2007).

O PCL-R recebeu muitas críticas pelo peso dado aos comportamentos antissociais na caracterização de traços de psicopatia (Fowles & Dindo, 2006; Skeem & Cooke, 2010). Em uma pesquisa para avaliar os casos clínicos relatados por Cleckley em seu livro *The mask of*

*sanity* a partir dos critérios estabelecidos por ele mesmo, Crego e Widiger (2015) elencaram além da classificação de Cleckley outros 33 traços considerados mais recentemente no desenvolvimento de medidas de mensuração e modelos da psicopatia. Entre os traços selecionados, os que tiveram maior média foram charme superficial, desonestidade, déficit emocional, comportamentos antissociais sem motivos explícitos, julgamento pobre, egocentrismo e incapacidade para amar, falta de reciprocidade nas relações interpessoais e ausência de um planejamento de vida claro. Nota-se que há uma predominância de aspectos interpessoais e afetivos nos traços com maiores médias. Esses dados levam a pensar que o comportamento antissocial e violento não devem ser considerados como centrais para a caracterização da psicopatia, apenas como correlatos frequentes, sendo as facetas interpessoais e afetivas como mais capazes de discriminar pessoas que pontuam alto em psicopatia do que a faceta antissocial (Hauck Filho, Teixeira, & Dias, 2012; Skeem & Cooke, 2010). Com essa interpretação é possível olhar os traços de psicopatia além da definição gerada pelo PCL-R e estender o estudo dos traços de psicopatia para a população geral, o que levou a necessidade de instrumentos voltados para essa população específica, em que o foco estaria nos aspectos interpessoais e afetivos.

Na avaliação da população geral, tem sido mais recorrente o uso de instrumentos de autorrelato de psicopatia (Jonason & Luévano, 2013; Jones & Paulhus, 2014; Levenson, Kiehl, & Fitzpatrick, 1995; Lilienfeld & Widows, 2005; Lynam et al., 2011; Paulhus, Neumann, & Hare, 2015; Vieira et al., 2014). Dois dos principais instrumentos de autorrelato utilizados para avaliar traços de psicopatia são a Escala de Autorrelato da Psicopatia de Levenson (*Levenson's Self Report of Psychopathy Scale – LSRP*, Levenson et al., 1995) e Inventário de Insensibilidade- Frieza emocional (*Inventory of Callous-Unemotional Traits – ICUT*: Essau, Sasagawa, & Frick, 2006). A LSRP possui 26 itens, e avalia psicopatia na

perspectiva de dois fatores: Fator primário que se caracteriza por propensão a mentir, falta de remorso, insensibilidade e comportamento manipulativo, está mais relacionado ao Fator 1 da escala PCL-R; e Fator secundário caracterizado pela impulsividade, intolerância à frustração, mudança rápida de humor, ausência de objetivos de logo prazo, está mais relacionado ao Fator 2 da escala PCL-R.

O ICUT contém 24 itens que avaliam traços de insensibilidade e frieza emocional. Os traços de insensibilidade e frieza emocional são avaliados a partir de três fatores: *uncaring* (falta de cuidado com o sentimento dos outros), *unemotional* (ausência de expressão de sentimentos) e *callousness* (falta de culpa, remorso e empatia). O inventário é voltado para a população geral jovem não carcerária (Essau et al., 2006), para universitários (Kimonis, Branch, Hagman, Graham, & Miller, 2013) e adultos da população geral (Byrd, Kahn, & Pardini, 2013). O ICUT como um todo tem maior relação com o Fator 1 do PCL-R, mas ainda são necessários mais estudos para se buscar evidências dessa relação (Kimonis, Branch, Hagman, Graham, & Miller, 2013).

### **Relacionando desejabilidade social e autorrelato de traços de psicopatia**

Dentre os sujeitos que são, possivelmente, mais propensos a dar respostas socialmente desejáveis a itens de autorrelato estão os que tem elevados traços de psicopatia. A descrição clínica feita por Cleckley apresenta que os psicopatas têm pouca ou nenhuma preocupação com a verdade, mesmo quando suas mentiras podem ser facilmente desmascaradas. Esses indivíduos se apresentam como pessoas sociáveis e confiáveis, usando a manipulação como parte do seu repertório diário. Pessoas que pontuam alto em psicopatia são mais propensas a contar mentiras (Book & Quinsey, 2004; Seto, Khattar, Lalumière, & Quinsey, 1997), a

explorar e manipular para ganhos pessoais (Kibeom Lee et al., 2013), e a sentir mais prazeres nesses tipos de comportamentos (Baughman, Jonason, Lyons, & Vernon, 2014).

Devido a essas características da personalidade psicopática o uso de autorrelato na avaliação de traços de psicopatia é criticado. Essas dúvidas se devem a percepção de que instrumentos de autorrelato são mais suscetíveis a vieses de resposta e que pessoas com elevados traços de psicopatia tem uma possível dificuldade de *insight*, que dificultaria perceber a real extensão dos problemas psicológicos e comportamentais (Lilienfeld & Fowler, 2006). Não obstante, talvez a principal crítica nesse sentido seja com relação à presença do viés da desejabilidade social.

Ray et al. (2012) realizaram uma metanálise com 45 estudos com o objetivo de verificar o grau da relação entre medidas de autorrelato de psicopatia e medidas de desejabilidade social. Os resultados mostraram uma pequena correlação negativa entre autorrelato de traços psicopatia total e desejabilidade social, mais especificamente  $r = -0,11$ ,  $p < 0,01$ . No que diz respeito aos fatores da psicopatia em separado, houve uma correlação negativa e baixa entre escores do Fator 2 do PCL-R e desejabilidade social,  $r = -0,16$ ,  $p < 0,01$ , e uma correlação nula entre o Fator 1 do PCL-R e a desejabilidade social,  $r = 0,01$ ,  $p > 0,05$ . Esses resultados, por menores que tenham sido, foram significantes o suficiente para levantar a hipótese de que pessoas com altos traços de psicopatia não são mais propensas – que qualquer outra pessoa - a mentirem em suas respostas a instrumentos de autorrelato em contexto de pesquisa.

Em estudo mais recente, Pechorro, Ayala-Nunes, Oliveira, Nunes, e Gonçalves (2016) avaliaram validade discriminante de uma escala de desejabilidade social, a *Socially Desirable Response Set-5* (SDS-5), relacionando-a a instrumentos de autorrelato de traços de psicopatia. Esse estudo encontrou correlações negativas e moderadas entre desejabilidade

social e traços de psicopatia. Mais especificamente, os instrumentos para avaliar validade discriminante com traços de psicopatia foram o *Antisocial Process Screening Device – Self Report* (APSD-SR) que teve uma correlação de  $r = -0,59, p < 0,001$ , o *Youth Psychopathy Traits Inventory* (YPI) com  $r = -0,62, p < 0,001$  e *Inventory of Callous-Unemotional Traits* (ICUT) com  $r = -0,37, p < 0,001$ . Essas relações corroboram os achados da metanálise de Ray et al. (2012), mostrando mais evidências de que ter muitos traços de psicopatia não implica que a pessoa irá manipular suas respostas a instrumentos de autorrelato.

Entretanto, como apontado por Verschuere et al. (2014), a investigação de Ray et al. (2012), e na mesma linha a pesquisa de Pechorro et al. (2016), apresentam falhas metodológicas. Essas pesquisas desconsideraram a possibilidade da presença de traços verdadeiros de personalidade que podem contaminar estimativas diretas da correlação entre psicopatia e desejabilidade social. Existe uma longa discussão na psicologia acerca de as escalas de desejabilidade social medirem um viés de resposta ou diferenças individuais verdadeiras (Holden & Passey, 2010; Pauls & Stemmler, 2003; Verschuere et al., 2014). Essas dúvidas levaram os pesquisadores a desenvolverem duas hipóteses (Holden & Passey, 2010; Verschuere et al., 2014): (a) hipótese do viés de respostas, na qual o controle da desejabilidade social acarretaria em um aumento da validade de critério do instrumento enquanto que (b) hipótese de traços verdadeiros traz que esse controle acarretaria em uma diminuição da validade de critério, pois estaria sendo retirados da equação traços que se sobrepõem e confundem a relação.

Algumas dessas diferenças individuais que confundem a avaliação da desejabilidade social são aspectos como conscienciosidade, socialização, extroversão, neuroticismo, abertura e modéstia (De Vries et al., 2014; Verschuere et al., 2014; Zettler, Hilbig, Moshagen, & de Vries, 2015). Na Tabela 5 podem ser observadas as relações entre os atributos. Esse

compartilhamento de traços pode levar a uma interpretação equivocada das correlações entre desejabilidade social e psicopatia, pois não se sabe a intensidade da influência desses outros traços de personalidade nessa relação. Isso implica na possibilidade de que a correlação negativa encontrada entre esses atributos não se deva a viés de respostas mas a verdadeiros baixos escores em desejabilidade social (Pechorro et al., 2016; Verschuere et al., 2014).

Tabela 5

*Direção da relação entre desejabilidade social e psicopatia com possíveis variáveis mediadoras*

	E	S	C	N	A	M
Autoengano	+		+	-		
Manejo de impressão	+	+				+
Psicopatia	+		-	-	+	-

*Nota.* E=extroversão, S=socialização, C=conscienciosidade, N=neurotiscismo, A=abertura, M=modéstia. Relações baseadas nos trabalhos De Vries et al. (2014), Decuyper, De Pauw, De Fruyt, De Bolle, e De Clercq (2009), Derefinko e Lynam (2013), Lee e Ashton (2014), Li e Bagger (2006), Pauls e Crost (2004), Ray et al. (2012) e Zettler et al. (2015).

Uma forma de verificar a relação linear entre autorrelato de traços de psicopatia e desejabilidade social é por meio do controle das variáveis que confundem essa relação, ou seja, retirando a influência dos traços verdadeiros e mantendo apenas a porção do viés de respostas (Figura 6, parte 'a'). Os instrumentos que avaliam personalidade também têm seus itens influenciados pela desejabilidade social, assim uma alternativa é a construção de uma versão neutralizada de instrumentos de personalidade já existentes (neutralização ou controle racional). Um inventário menos socialmente desejável traz vantagens quanto ao seu uso em contextos de pesquisas e aplicação, pois é possível uma avaliação mais acurada dos fatores. Quando o objetivo é aumentar a acurácia do aspecto descritivo dos fatores - retirando o foco

do nível de desejabilidade social - as novas escalas não-valorativas construídas são pertinentes uma vez que proporcionam um autorrelato mais fidedigno (Saucier et al., 2001).

Este projeto busca suprir uma lacuna na metanálise de Ray et al. (2012). A lacuna correspondente ao fato de os pesquisadores terem desconsiderado as diferenças individuais que podem interferir na relação ente desejabilidade social e autorrelato de psicopatia. Para verificar essa relação primeiro será construído uma versão neutralizada das escalas *Big Five Inventory* (BFI, Schmitt, Allik, McCrae, & Benet-Martinez, 2007) e *Modesty Scale* (MS-IPIP) . Essas escalas terão seus itens reescritos de forma que pareçam menos socialmente desejáveis, preservando o aspecto descritivo e alterando apenas o aspecto valorativo, baseando-se na técnica de neutralização sugerida por Bäckström e Björklund (2013), Paulhus (1991), Peabody (1967, 1984) e Saucier et al. (2001) (Estudo 1). Em um segundo estudo (Estudo 2) serão consideradas as hipóteses do papel das variáveis confundidoras como mediadoras da relação entre desejabilidade social e autorrelato de traço de psicopatia (Holden & Passey, 2010; Verschuere et al., 2014).

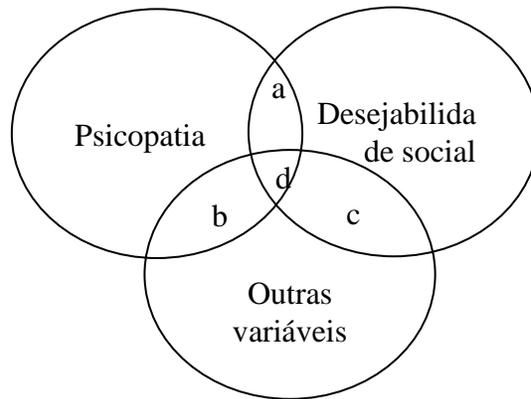


Figura 6. Representação da relação entre psicopatia, desejabilidade social e outras variáveis.

De forma geral, este projeto parte de métodos potencialmente úteis para o auxílio do controle da desejabilidade social, bem como das lacunas deixadas por pesquisas anteriores. Assim, objetiva investigar a relação entre viés de desejabilidade social e instrumentos de

autorrelato de traços de psicopatia. Em um âmbito mais específico, objetiva (a) refazer dois instrumentos breves de personalidade, o Inventário dos Cinco Grandes Fatores e a Escala de Modéstia, para diminuir a influência do viés de desejabilidade social; (b) verificar a relação entre viés de desejabilidade social e autorrelato de traços de psicopatia; (c) verificar se os traços verdadeiros de personalidade atuam como variável mediadora na relação entre viés de desejabilidade social e autorrelato de traços de psicopatia.

## **Menos desejabilidade social é desejável: neutralização de instrumentos avaliativos de personalidade (Artigo 1)**

**Resumo:** Respostas socialmente desejáveis acontecem quando um indivíduo faz uma avaliação excessivamente positiva de si mesmo em itens de autorrelato. Estudos têm sugerido que muitos inventários de autorrelato avaliativos de traços de personalidade apresentam itens com conteúdo valorativo (i.e., que pode ser visto como “bons/desejáveis” ou “ruim/indesejáveis”), o que pode predispor os indivíduos a respostas socialmente desejáveis. O presente estudo tem por objetivo a aplicação de um procedimento de neutralização de itens, desenvolvido por Bäckström e Björklund, a dois instrumentos avaliativos de traços de personalidade: o *Big Five Inventory* e o *Modesty Inventory*. A amostra foi composta por 379 universitários, entre 18 e 47 anos ( $M= 22,53$  anos;  $DP=6,2$ ). De forma geral, pode-se observar que as versões neutralizadas se correlacionariam positiva e fortemente com suas respectivas versões originais, se correlacionariam menos com um instrumento avaliativo de desejabilidade social, e teriam a mesma estrutura fatorial que seus respectivos instrumentos originais. Os resultados complementam a literatura, fornecendo mais evidências acerca da eficiência do procedimento de neutralização no controle da desejabilidade social.

**Palavras-chaves:** itens de teste, modéstia, desejabilidade social, cinco grandes fatores.

### **Less desirability is desirable: Neutralizing inventories for personality assessment**

**Abstract:** Socially desirable responses occur when someone do an overly positive evaluation about themselves in self-ratings assessment. Researches have been suggested that many personalities self-reports inventories present items with evaluative content (i.e., that can be seen as “good/desirables” or “bad/undesirables”), what could incline the subjects to socially desirables responses. The present study aim to apply an item neutralization procedure, developed by Bäckström e Björklund, in two personality traits inventories: *Big Five Inventory* and *Modesty Inventory*. Overall, is possible to understand that the neutralized versions were positively and strongly correlated with the originals versions, they also correlated less with a social desirability inventory, and have the same factor structure of their related originals versions. The results complement the literature, providing more evidences about the efficiency of neutralization procedure in the control of social desirability.

**Keywords:** test items, humility, social desirability, big five factors.

## Introdução

As pessoas são, em geral, motivadas pela aprovação social, o que interfere na maneira como interagem umas com as outras. Naturalmente, essa preocupação com a aparência social se estende para situações de testagem psicológica, principalmente quando a personalidade é o foco da avaliação. Em alguns casos, o testando pode estar interessado em demonstrar que possui algumas características valorizadas socialmente, assim endossando itens que sugerem que ele é, por exemplo, sociável, criativo, dinâmico, confiável ou resiliente, mesmo que não possua todas essas características. A essa exacerbação das qualidades, é dado o nome de *resposta socialmente desejável* (RSD). As RSD são um fenômeno complexo, que ocorre por uma variedade de motivos. Alguns dos mais importantes são o resultado esperado do teste, o contexto em que a avaliação ocorre, as características pessoais do examinando e a escrita dos itens específicos (Ziegler, 2015). Embora os três primeiros elementos sejam mais difíceis de serem controlados, o último deles—a escrita dos itens—é um elemento que possibilita modificações e aprimoramentos visando à redução de RSD, o que é o foco desta pesquisa. Assim, o objetivo do trabalho é construir versões alternativas de dois instrumentos de autorrelato que avaliam personalidade, buscando diminuir a probabilidade de RSD por meio do método de neutralização valorativa de itens, desenvolvido por Bäckström (2007).

A avaliação psicométrica via autorrelato possui diversas vantagens. Entre elas, vale mencionar o fato de possibilitar ao próprio sujeito falar sobre comportamentos e vivências internas, além de encurtar o tempo da avaliação e reduzir a necessidade de treinamento especializado (Paulhus & Vazire, 2007). Um item de autorrelato costuma descrever comportamentos, sentimentos e pensamentos, solicitando à pessoa que pontue o quanto o conteúdo tem a ver ou não com ela. No entanto, instrumentos de autorrelato são também,

potencialmente, suscetíveis a vieses de resposta. Por exemplo, algumas das situações descritas nos itens são percebidas como mais socialmente aceitas, enquanto outras podem ser percebidas como tabus, o que pode influenciar no quanto o item será endossado pelas pessoas. Em outras palavras, além do conteúdo descritivo do item, que se refere ao traço de interesse, em geral, está presente uma segunda dimensão, conhecida como “conteúdo valorativo”. Esse segundo tipo de conteúdo se refere a quão “bom” ou “ruim”, de acordo com o contexto cultural, é ser alguém com o traço descrito pelo item. Peabody (1967) demonstrou, empiricamente, que pares de descritores como audacioso (*bold*) e imprudente (*rash*), ou ainda cauteloso (*cautious*) e retraído (*timid*), são equivalentes de um ponto de vista descritivo, mas opostos em termos de desejabilidade social. Baseado na análise fatorial de um conjunto de quádruplas de indicadores como os descritos anteriormente, o autor encontrou uma fundamentação empírica para a separação entre conteúdo descritivo e valorativo de itens, chamando atenção para a importância do assunto.

Respostas socialmente desejáveis (RSD) ocorrem quando, em uma avaliação psicológica, um examinando tenta realçar ou atenuar características suas, com o propósito de atender às expectativas sociais (Paulhus & Reid, 1991). O fenômeno abrange duas dimensões relacionadas. A primeira delas é chamada de manejo de impressão, e ocorre quando a pessoa, consciente e deliberadamente, distorce suas respostas para causar uma impressão específica. Por exemplo, um examinando pode antecipar que a vaga de emprego para a qual está se candidatando requer que o funcionário seja carismático, o que pode motivá-lo a tentar passar a impressão de que possui essa característica nos testes psicológicos. A outra dimensão, chamada de autoengano, envolve processos inconscientes, e se manifesta quando a pessoa realmente acredita que possui mais qualidades (ou defeitos) do que de fato possui (Paulhus, 2002). Por exemplo, alguém pode ver a si mesmo como dono de uma bondade sobre-humana

(mesmo que isso contradiga a percepção de todos os informantes familiarizados com essa pessoa), e responder aos itens do teste de acordo com essa autopercepção enviesada.

Existe uma conexão bastante direta entre a presença de conteúdo valorativo em um item de autorrelato e a ocorrência de RSD a esse item específico. Se o enunciado de um item contém palavras com valência negativa ou positiva muito intensas, esses estímulos podem atuar como um gatilho, ativando processos relacionados a uma ou mais das dimensões das RSD, promovendo então distorções nas respostas aos itens (consciente ou inconscientemente, dependendo do caso). Assim, itens que descrevem comportamentos mais explicitamente desejáveis serão mais facilmente endossados e vice-versa, quando comparados a itens redigidos usando palavras com valência afetiva mais neutra ou ambígua (Bäckström, Björklund, & Larsson, 2012). Portanto, pode haver vantagens na redação cautelosa de itens evitando um tom pejorativo ou excessivamente positivo. Esse entendimento proporciona um método de prevenção de RSD, a *neutralização valorativa*, solução adotada no presente estudo no que diz respeito a dois instrumentos de traços de personalidade.

A neutralização avaliativa é uma forma de controlar a desejabilidade social por meio da reescrita dos itens. O método foi desenvolvido por Bäckström (2007) e colaboradores (Bäckström & Björklund, 2013, 2014, 2016, Bäckström, Björklund, & Larsson, 2009, 2014), com base nos estudos de Peabody (1967), Jackson (1984) e Paulhus (1988). A premissa da neutralização avaliativa parte do senso comum de que é possível passar a mesma informação com diferentes palavras. Essa premissa é aplicada à construção de itens, o que significa que o foco é a prevenção das RSD a partir da escrita cuidadosa dos itens, em vez de sua remediação *a posteriori*. Esse tipo de abordagem preventiva foi denominado, por Paulhus (1988), como método de “controle racional” de RSD.

A neutralização valorativa é implementada por meio de diversas etapas. Em primeiro lugar, deve-se partir de um bom conjunto de itens, ou seja, que sejam adequados indicadores do atributo latente de interesse. Nesse caso, é possível tanto escrever itens e contar com a avaliação semântica por parte de juízes especialistas na área que avaliem a pertinência dos itens, quanto usar um instrumento já existente e validado. Após, deve-se coletar informação sobre a desejabilidade social do conteúdo dos itens. Tipicamente, uma amostra de pessoas da população geral é convidada a avaliar o quão desejável é manifestar a característica ou comportamento descrito. Para esse fim, pode ser usada uma escala Likert em que o enunciado dos itens é classificado como 1 = *Totalmente indesejável* e 9 = *Totalmente desejável*. Na sequência, são calculadas médias dessas avaliações para cada item, informação que representa a magnitude do seu conteúdo valorativo. Por exemplo, um item com média 1,5 é um item que foi avaliado como extremamente indesejável, enquanto outro com média 8,6 representa um atributo altamente desejável. Já um item com média próxima a 5 não é desejável e nem indesejável, sendo tipicamente avaliado como neutro ou ambíguo em termos de valor social.

A etapa subsequente é a mais importante do processo. Ela consiste em reescrever os itens com médias próximas aos extremos 1 ou 9, que são aqueles mais explicitamente indesejáveis ou desejáveis, respectivamente. A premissa básica é identificar, no enunciado do item, as palavras com valência fortemente negativa ou positiva, tentando substituí-las por outras mais neutras ou menos impactantes (Bäckström et al., 2012). O ponto chave é diminuir o conteúdo valorativo, mas manter o conteúdo descritivo, sem fazer com que o item deixe de avaliar o fator de interesse. Por exemplo, o item sobre o fator Conscienciosidade “Sou uma pessoa que tende a ser desorganizada” contém a palavra *desorganizado*, que tem um valor social indesejável. Esse item pode ser rescrito como “Às vezes, deixo as coisas fora do lugar”,

que emprega palavras menos pejorativas para expressar um conteúdo descritivo similar. Apesar de sutil a diferença, ela é capaz de reduzir as RSD por parte dos indivíduos examinandos (Bäckström & Björklund, 2013). Evidentemente, para certificar que houve alteração no conteúdo valorativo após reescrever o item, é necessário submetê-lo a uma nova rodada de avaliação de desejabilidade por pessoas da população geral. Esse processo deve ser reiterado até que o conteúdo dos itens seja reduzido o maximamente possível. No presente estudo, adotou-se o critério de que a média geral dos itens deve ser próxima a 5, com um desvio-padrão menor do que 1 a considerar o conjunto de itens, como descrito mais adiante.

Uma preocupação legítima quanto ao procedimento da neutralização valorativa diz respeito à manutenção das características psicométricas dos itens neutralizados. Dado que minimizar o conteúdo valorativo significa remover variância compartilhada entre os itens, um revés que poderia ser hipotetizado é que o procedimento impacta na fidedignidade e nas associações do instrumento com variáveis externas. Não obstante, Bäckström e Björklund (2013) mostraram que a neutralização valorativa de um inventário dos Cinco Grandes Fatores (IPIP-100) resultou em um instrumento com fidedignidade aceitável e mesma estrutura fatorial que sua versão original não neutralizada. Em outro estudo, Bäckström, Björklund e Larsson (2014), encontraram que uma versão neutralizada do IPIP-300 (um inventário baseado no NEO-PI-R) apresentou correlações com uma série de variáveis externas muito similares àquelas apresentadas pela versão original do instrumento. Em resumo, as evidências sugerem que remover a variância valorativa de um instrumento não impacta nas propriedades psicométricas se for mantida a variância descritiva, relacionada ao atributo de interesse. Portanto, a neutralização valorativa é um procedimento viável, vantajoso e psicometricamente justificável de reduzir RSD na avaliação via autorrelato de traços de personalidade.

A redução das RSD a um instrumento psicométrico é um benefício com diversas potencialidades em contextos de pesquisas e aplicação cotidiana, uma vez que pode ampliar as possibilidades de uso de um instrumento. Além disso, representa um refinamento na avaliação via autorrelato de traços de personalidade, podendo aumentar a precisão da avaliação do aspecto descritivo do traço latente. Em virtude disso, baseando-se na proposta de Bäckström (2007), este trabalho teve como objetivo aplicar a técnica da neutralização valorativa em dois instrumentos de personalidade, o *Big Five Inventory* (BFI), que avalia os Cinco Grandes Fatores da personalidade, e o *Modesty Scale* (MS), uma escala de modéstia. Tendo em vista que o procedimento tem como alvo remover a variância valorativa, foram hipóteses que: 1) haveria correlação alta e positiva entre as versões original e neutralizada de cada instrumento; 2) os instrumentos neutralizados se correlacionariam menos com um instrumento avaliativo de desejabilidade social em comparação às suas versões originais; e 3) seria mantida a estrutura fatorial de ambos os instrumentos após a neutralização dos itens.

## Método

### Participantes

**Primários (Julgamento da desejabilidade dos itens).** A amostra foi de 50 participantes da população geral, com média de idades de 29,16 anos ( $DP = 8,27$ ), sendo 54,24% mulheres. Esses participantes serviram como juízes que classificaram os itens quanto à desejabilidade social do conteúdo. A inclusão desses participantes se fundamenta na necessidade de garantir que a reescrita dos itens de fato reduziu o componente valorativo, da forma como esperado.

**Secundários (Validação dos itens neutralizados).** A amostra foi de 379 universitários, entre 18 e 47 anos ( $M=22,53$  anos;  $DP=6,2$ ), sendo 58% homens. Os

participantes eram 73,1% brancos, 20,1% pardos e 5,5% negros. Em relação à renda 51% declararam possuir de 1 a 5 salários mínimos, 27,5% de 6 a 10 salários mínimos, 7,5% de 11 a 15 salários mínimos, e 6,3% mais de 15 salários mínimos. Em relação ao relacionamento, 49,7% eram solteiros, 35,4% namoravam, e 13% eram casados. Em relação à escolaridade dos pais, 30,3% e 29,3% declararam que seus pais e mães tinham ensino médio completo, respectivamente.

### **Instrumentos**

**Big Five Inventory (BFI - Benet-Martinez & John, 1998. Anexo 5)** O BFI é um inventário que avalia os cinco grandes fatores da personalidade, sendo composto por cinco subescalas referente aos fatores Conscienciosidade ( $\alpha = 0,78$ ), Socialização ( $\alpha = 0,70$ ), Neuroticismo ( $\alpha = 0,79$ ), Extroversão ( $\alpha = 0,77$ ) e Abertura ( $\alpha = 0,76$ ). A escala de resposta dos itens é do tipo Likert, 1 = *Discordo totalmente* a 5 = *Concordo totalmente*. A tradução brasileira do BFI foi realizada por Santos e Primi (2014).

**Escala de Modéstia (Modesty Scale, do NEO-PI-IPIP. Anexo 6)**. A escala faz parte de um instrumento mais extenso, baseado no NEO-PI, extraída do *International Personality Item Pool* (IPIP). O instrumento contém 10 itens que avaliam traços de modéstia e modéstia ( $\alpha = 0,77$ ). A escala de resposta dos itens é do tipo Likert, 1 = *Discordo totalmente* e 5 = *Concordo totalmente*. A tradução dos itens foi realizada pelos autores do presente estudo, sendo verificada a adequação dos termos para a cultura brasileira e seguida de tradução reversa por um terceiro pesquisador alheio do objetivo do instrumento, conforme recomendações da literatura (Borsa, Damásio, & Bandeira, 2012).

**Escala de Manejo de impressão e Autoengano (Impression Management/Self-Deception Scales - IMS/SD-IPIP, PAS: Paulhus, 1991. Anexo 7)**. Trata-se de uma escala

de autorrelato de 30 itens, que avaliam duas dimensões da desejabilidade social: (a) Manejo de impressão, uma tendência de produzir respostas distorções conscientes nas respostas, com o propósito de causar uma boa impressão ( $\alpha = 0.82$ ); e (b) Autoengano, uma distorção na percepção das próprias características ( $\alpha = 0.80$ ). A escala de resposta dos itens é do tipo Likert, 1 = *Discordo totalmente* a 5 = *Concordo totalmente*. A tradução da IMS/SD-IPIP foi realizada pelo grupo de pesquisa do orientador do presente projeto de pesquisa, seguindo os mesmos cuidados tidos para com a escala de modéstia descrita anteriormente.

### **Procedimentos**

O estudo foi conduzido em duas etapas. Na primeira etapa, os itens de todos os instrumentos foram submetidos à avaliação de desejabilidade social por parte dos participantes primários do estudo. Foi utilizada uma escala de resposta do tipo Likert de 1 = *Totalmente indesejável* a 9 = *Totalmente desejável*. O objetivo desse procedimento foi identificar quais itens apresentavam conteúdo valorativo mais extremado, sendo caracterizados como tal aqueles com médias próximas a 1 ou 9. Na sequência, esses itens identificados foram reescritos segundo a proposta de neutralização valorativa (Backstrom, 2007), e submetidos, novamente, aos participantes primários para verificar se houve alguma alteração na desejabilidade social dos enunciados. Isso foi repetido oito vezes, até que todos os itens tivessem sido neutralizados, conforme alguns critérios descritos mais adiante. Vale ressaltar que alguns itens foram neutralizados já na primeira rodada, enquanto outros necessitaram de modificações sucessivas. Itens já neutralizados não foram mais apresentados aos participantes primários nas rodadas subsequentes. Na segunda etapa, os novos itens foram aplicados aos participantes secundários em conjunto com os itens originais. Os dados coletados foram analisados, para verificar as qualidades psicométricas dos novos

instrumentos. Os participantes secundários, diferentemente dos juízes, responderam aos itens se avaliando, usando uma escala Likert para indicar o quanto concordavam ou discordavam do enunciado do item enquanto descritivo da sua personalidade (1 = *Discordo totalmente* a 5 = *Concordo totalmente*).

Foram empregadas estratégias mistas de coleta de dados. Os participantes primários foram convidados pela internet via *e-mail* e rede social (*Facebook*), em que lhes foi enviado um *link* do site *Survey Monkey*. No início do questionário *online*, foi fornecida uma breve explicação sobre o objetivo da pesquisa, além de um exemplo de análise esperada dos participantes visando a uma solidificação da explicação anterior. Em seguida, o instrumento foi apresentado, sendo o participante convidado a classificar a desejabilidade social de uma série de itens de autorrelato. Ao final, foram solicitadas apenas informações demográficas de sexo e idade. Os participantes secundários, por sua vez, foram avaliados de forma presencial e coletiva, em sala de aula, em uma universidade particular nas cidades de Campinas-SP e Itatiba-SP. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade São Francisco sob o CAAE 53659515.2.0000.5514.

### **Plano de análise de dados**

Para a primeira etapa, foram realizadas análises descritivas de média e desvio padrão, com o software R, pacote *psych* (Revelle, 2014). Como já descrito anteriormente, assumiu-se como critério principal de neutralização que cada item apresentasse média o mais próximo possível de 5 após as rodadas de neutralização e classificação por parte dos participantes primários. O procedimento foi encerrado apenas após obter uma média geral próxima a 5, e um desvio-padrão menor do que 1, indicando a presença de poucos itens mais distantes do ponto central da escala de 9 pontos usada para classificar os itens. Outra perspectiva de

avaliar a qualidade do procedimento de neutralização foi por meio de uma regressão, testando, em cada rodada, se a desejabilidade social (variável preditora) dos itens estava relacionada ao fato de o item avaliar o polo superior ou inferior (variável critério) do atributo (variável binária codificada como 1 e -1, respectivamente). A expectativa era que o polo descritivo de cada item não estivesse relacionado às notas de desejabilidade, ou seja, que itens do polo inferior do traço não fossem, consistentemente, avaliados como negativos (ou o contrário) e vice-versa. Sendo isso obtido, a análise de regressão com as duas variáveis deveria revelar um beta e um  $R^2$  próximos a 0.

Para a segunda etapa, foram analisadas estatísticas descritivas dos itens (média e desvio padrão) e a consistência interna dos instrumentos por meio do coeficiente alfa. Posteriormente, foi rodada uma análise fatorial exploratória para investigar a estrutura fatorial do BFI (versão original) e do NBFI (versão neutralizada). Foi empregado o estimador quadrados mínimos ponderados robustos (*Weighted Least Squares Mean- and Variance-adjusted*), em combinação a uma matriz de correlações policóricas. A rotação foi oblíqua *Geomin*, pois mesmo controlando o aspecto valorativo os fatores ainda podem apresentar algum grau de relacionamento. Foi empregado o programa MPlus 7.11. Por último, as versões neutralizadas dos instrumentos BFI e Escala de Modéstia foram correlacionadas às suas respectivas versões originais, sendo esperadas correlações positivas e de magnitude, pelo menos, moderada.

## **Resultados**

A primeira parte das análises contemplou a etapa de neutralização dos itens. Ao todo foram oito rodadas até obter resultados de acordo com os critérios descritos anteriormente, o que pode ser visto na Tabela 1. Como esperado, ao longo das rodadas, houve uma diminuição

gradativa na saliência do conteúdo valorativo, informação que se confirma a partir das médias de desejabilidade dos itens, dos desvios padrão, dos coeficientes de regressão e dos coeficientes de determinação. Os instrumentos originais, apesar de apresentarem uma média geral próxima a 5 ( $M = 5,74$ ), possuíam muitos itens distantes dessa média ( $DP = 2,32$ ), além de uma clara conexão entre polo descritivo de seus itens e a desejabilidade social (isto é, altos escores na escala coincidindo com características desejáveis, e baixos escores coincidindo com aspectos negativos, ou vice-versa;  $\beta = 0,54$ ,  $p < 0,001$ ,  $R^2 = 0,29$ ). As versões finais neutralizadas dos instrumentos apresentaram média ( $M$ ) = 4,87, desvio padrão ( $DP$ ) = 0,55, coeficiente de regressão ( $\beta$ ) = 0,13 ( $p < 0,01$ ) e coeficiente de determinação ( $R^2$ ) = 0,05. As medidas de cada rodada poder ser observada na Tabela 1. A diminuição dessas medidas sugere um favorecimento do aspecto descritivo em detrimento do aspecto valorativo na interpretação do conteúdo dos itens.

Tabela 1

*Medidas descritivas dos itens neutralizados por rodada*

<b>Rodadas de neutralização</b>	<b><i>k</i></b>	<b><i>M</i></b>	<b><i>DP</i></b>	<b><i>B</i></b>	<b><i>R</i><sup>2</sup></b>
<b>0</b>	54	5,74	2,32	0,54***	0,29
<b>1</b>	54	5,87	1,37	0,18**	0,03
<b>2</b>	54	5,21	0,85	-0,01**	0,00
<b>3</b>	54	5,18	0,68	0,03**	0,00
<b>4</b>	54	5,17	0,64	0,03**	0,00
<b>5</b>	54	5,13	0,63	0,12**	0,01
<b>6</b>	54	4,72	0,7	0,39*	0,15*
<b>7</b>	54	4,89	0,63	0,22*	0,12*

8	54	4,87	0,55	0,13**	0,05**
---	----	------	------	--------	--------

*Nota:* k = número de itens, *M* = média, *DP* = desvio padrão,  $\beta$  = coeficiente de regressão,  $R^2$  = coeficiente de determinação.

\* $p < 0,01$ .

\*\* $p < 0,001$ .

Na segunda etapa, foram aplicados, a uma outra amostra composta por universitários, os itens originais e aqueles neutralizados, com o objetivo de verificar as qualidades descritivas e psicométricas dos novos instrumentos. Os dados coletados com essa segunda amostra foram analisados, e são relatados a seguir. Na Tabela 2, são apresentados os valores da consistência interna por fator dos instrumentos originais e neutralizados. Devido à redução de variância comum via neutralização valorativa, a consistência interna das escalas sofreu um decréscimo em relação aos itens originais. Não obstante, a consistência interna permaneceu aceitável para a maioria das escalas, conforme o esperado.

Tabela 2

*Consistência interna, média e desvio padrão dos instrumentos originais e neutralizados*

Fatores	Originais			Neutralizados		
	$\alpha$	M	SD	$\alpha$	M	SD
Extroversão	0,78	3,3	0,72	0,65	2,8	0,68
Conscienciosidade	0,69	3,5	0,58	0,41	3,0	0,5
Socialização	0,59	3,7	0,54	0,43	3,1	0,53
Neurotiscismo	0,83	3,0	0,84	0,64	3,4	0,65
Abertura	0,70	3,5	0,61	0,59	3,1	0,59
Modéstia	0,77	2,6	0,69	0,74	2,9	0,69

Na sequência, foram analisadas as correlações entre os fatores dos instrumentos originais e neutralizados, buscando constatar se, de fato a neutralização produziu instrumentos altamente correlacionados às suas versões originais. Na primeira parte da Tabela 3, estão apresentadas as correlações dos fatores entre si nas duas versões dos instrumentos—original e neutralizada. Percebe-se que a magnitude das correlações entre

fator foi atenuada na versão neutralizada do BFI, o que se explica pela redução na variância valorativa. Ainda que as correlações já não fossem altas entre os fatores do BFI original, os coeficientes da versão neutralizada estiveram ainda mais próximos de zero. Na segunda parte da Tabela 3, estão os coeficientes de validade convergente. Como hipotetizado, as correlações entre os fatores das versões originais e neutralizadas foram todas positivas, de magnitude moderada (0,49 para socialização) a alta (0,77 para extroversão). Ou seja, a neutralização reduziu a variância valorativa, mas manteve a variância descritiva contida nos itens, sustentando a proposta de que os itens neutralizados continuaram avaliando os mesmos fatores dos instrumentos originais.

Tabela 3

*Correlação entre os fatores das versões original e neutralizada e entre as versões*

	E	C	S	N	H	
<b>BFI e MS original</b>						
Conscienciosidade	0,13	-				
Socialização	0,08	0,2	-			
Neuroticismo	-0,18	-0,16	-0,32	-		
Abertura	0,29	0,16	0,18	-0,09	-	
Modéstia	-0,35	0,03	0,15	0,11	-0,15	-
<b>BFI e MS neutralizado</b>						
Conscienciosidade	0,01	-				
Socialização	-0,06	0,04	-			
Neuroticismo	0,09	0,06	-0,1	-		
Abertura	0,16	-0,08	0,18	0,04	-	
Modéstia	-0,35	0,04	0,09	0,05	-0,18	-
<b>Originais × Neutros</b>	<b>En</b>	<b>Cn</b>	<b>Sn</b>	<b>Nn</b>	<b>An</b>	<b>Hn</b>
Extroversão	0,77**	-0,01	-0,12	0,07	0,13	-0,31
Conscienciosidade	-0,03	0,55**	0,02	0,01	-0,1	-0,03
Socialização	0,05	0,18	0,49**	-0,09	0,02	0,12
Neuroticismo	-0,11	-0,02	-0,08	0,68**	0,07	0,03
Abertura	0,19	0,04	0,12	-0,03	0,59**	-0,22
Modéstia	-0,33	-0,01	0,20	0,11	-0,08	0,69**

*Nota.* En, Cn, Sn, Nn, An e Hn referem-se as dimensões das escalas neutralizadas; \*\* $p < .001$ .

Ainda outra hipótese correlacional foi testada. Considerando que o aspecto valorativo foi controlado nas versões neutralizadas, espera-se que se elas correlacionem menos com instrumentos que avaliam desejabilidade social. Na Tabela 4, é possível comparar as correlações dos instrumentos originais e neutralizados com uma escala de desejabilidade social. Mais especificamente, a tabela mostra a associação com cada fator da escala de desejabilidade social (i.e., manejo de impressão e autoengano), bem como com seu escore total. Para verificar se a diminuição da relação das versões neutralizadas com desejabilidade social não se deveu ao acaso, foi calculada a significância estatística da diferença entre as correlações. Houve uma redução estatisticamente significativa para quase todos os coeficientes de correlação (exceto para os envolvendo o fator extroversão do BFI). Isso confirma o sucesso da neutralização valorativa dos itens enquanto possibilitando uma redução no componente valorativo dos itens, responsável por eliciar as RSD.

Tabela 4

*Correlação entre os instrumentos e desejabilidade social*

Fatores	Originais			Neutralizados		
	IM	SfD	Total	IM	SfD	Total
Extroversão	-0,05	0,35	0,13	-0,09	0,2 <sup>a</sup>	0,02
Conscienciosidade	0,43	0,32	0,50	0,26 <sup>b</sup>	0,14 <sup>a</sup>	0,02 <sup>b</sup>
Socialização	0,41	0,11	0,39	0,26 <sup>a</sup>	-0,16 <sup>b</sup>	-0,30 <sup>b</sup>
Neuroticismo	-0,18	-0,46	-0,36	0,04 <sup>b</sup>	-0,3 <sup>b</sup>	-0,11 <sup>b</sup>
Abertura	0,09	0,17	0,15	-0,06 <sup>a</sup>	-0,01 <sup>b</sup>	-0,06 <sup>a</sup>
Modéstia	0,33	-0,44	0,06	0,21 <sup>a</sup>	-0,34 <sup>a</sup>	0,01 <sup>b</sup>

*Nota.* IM=manejo de impressão, SfD= autoengano.

<sup>a</sup> $p < .01$  para a diferença entre coeficientes.

<sup>b</sup> $p < .001$  para a diferença entre coeficientes.

Afinal, investigou-se se a estrutura fatorial dos instrumentos BFI e Escala de Modéstia permaneceria a mesma nas versões neutralizadas. Para o BFI e sua versão neutralizada, foram empregadas duas estratégias de análise: com todos os itens e com uma seleção menor de indicadores. Mais detalhadamente, o BFI original foi avaliado por meio de uma análise fatorial exploratória com todos os 44 itens, e outra com 15 parcelas formadas pela soma de triplas de itens (14 triplas e uma dupla). Por sua vez, uma análise exploratória buscou encontrar a solução composta pelos melhores itens neutralizados do BFI. Para a Escala de Modéstia, foi conduzida apenas uma análise com todos os itens. Os resultados podem ser encontrados na Tabela 5. Como visto, tanto para o BFI quanto para a Escala de Modéstia, o ajuste aos dados foi bastante modesto quando considerados todos os itens originais aplicados aos modelos propostos na literatura (cinco fatores oblíquos para o BFI, e um fator apenas para a Escala de Modéstia). Os índices de modificação foram sugestivos de que a falta de ajuste se deveu, principalmente, à presença de correlações residuais entre itens com escrita similar, fenômeno conhecido como “dependência local”. Confirmando essa hipótese, um modelo de cinco fatores oblíquos do BFI utilizando com 15 parcelas em vez dos 44 itens originais apresentou um bom ajuste aproximado aos dados.

Tabela 5.

*Análise fatorial exploratória dos instrumentos originais e neutralizados*

Instrumento/versão	$\chi^2$	df	RMSEA	CFI	TLI
BFI (cinco fatores oblíquos)					
44 itens	1389,19*	736	0,048	0,890	0,858
15 parcelas	71,70*	40	0,046	0,976	0,928
44 itens neutralizados	1352,06*	736	0,047	0,833	0,786
20 melhores itens neutralizados	190,65*	100	0,049	0,958	0,921
Escala de Modéstia (um fator)					

10 itens	205,31*	26	0,135	0,901	0,829
10 itens neutralizados	344,52*	26	0,181	0,883	0,797

*Nota.* *df* = degrees of freedom, RMSEA = Root mean square error of approximation, CFI = confirmatory fit index, TLI = Tucker-Lewis index, BFI = Big Five Inventory, NBFI = neutralized Big Five Inventory, N Humility = neutralized Humility Inventory.

\* $p < .01$

No que diz respeito à análise dos instrumentos neutralizados, os resultados foram bastante promissores. Em primeiro lugar, ambas as versões neutralizadas dos instrumentos BFI e Escala de Modéstia, quando analisadas com todos os seus itens, apresentaram um ajuste aos dados similar àquele encontrado para os instrumentos originais. No caso do BFI neutralizado, foi ainda possível fazer uma seleção com os melhores 20 itens, a fim de compor um instrumento breve. Um modelo de cinco fatores oblíquos para esse conjunto seletivo de itens apresentou um bom ajuste aproximado aos dados, de maneira similar ao encontrado para o BFI ao empregar 15 parcelas de itens. A Tabela 6 apresenta as cargas fatoriais para esses 20 itens neutralizados nos cinco fatores oblíquos extraídos. Para fins de melhor entendimento, foram incluídos na análise para essa tabela os escores brutos dos cinco grandes fatores, calculados a partir dos itens originais do BFI. Apesar da presença de algumas cargas fatoriais cruzadas, essa inclusão confirma a interpretação de que os fatores extraídos são equivalentes aos cinco grandes fatores da personalidade. O ajuste para essa análise suplementar foi razoável,  $\chi^2(185) = 376,08$ , RMSEA = 0,052, CFI = 0,931, TLI = 0,887.

Tabela 6.

*Análise fatorial exploratória dos 20 melhores itens neutralizados do BFI*

	<b>F1</b>	<b>F2</b>	<b>F3</b>	<b>F4</b>	<b>F5</b>
NBFI11_E	<b>-0,408</b>	0,131	0,231	0,195	0,009
NBFI16_E	<b>0,783</b>	0,022	0,027	-0,183	-0,137
NBFI31_E	<b>0,879</b>	0,051	0,031	-0,082	-0,083
NBFI36_E	<b>-0,308</b>	0,067	0,126	0,005	<b>-0,351</b>
NBFI18_C	0,056	0,088	0,202	<b>0,625</b>	-0,028
NBFI28_C	-0,089	-0,050	0,216	<b>0,596</b>	0,066
NBFI33_C	0,142	-0,102	-0,021	<b>0,433</b>	-0,084
NBFI43_C	0,096	-0,037	0,292	<b>-0,434</b>	0,021
NBFI19_N	<b>0,509</b>	<b>0,651</b>	-0,004	0,052	0,174
NBFI24_N	0,003	<b>-0,575</b>	<b>0,642</b>	0,009	0,083
NBFI29_N	0,067	<b>-0,646</b>	<b>0,580</b>	-0,009	0,102
NBFI34_N	<b>0,469</b>	<b>0,648</b>	0,078	0,145	0,092
NBFI22_S	-0,152	0,071	0,060	-0,013	<b>-0,474</b>
NBFI27_S	-0,063	0,218	-0,008	0,102	<b>0,329</b>
NBFI37_S	-0,050	<b>0,392</b>	0,001	-0,075	-0,233
NBFI42_S	0,260	0,182	0,204	-0,023	<b>0,441</b>
NBFI20_A	-0,005	0,004	<b>0,562</b>	0,013	-0,078
NBFI25_A	-0,061	-0,244	<b>0,474</b>	0,110	-0,041
NBFI35_A	0,018	<b>0,425</b>	<b>0,376</b>	-0,017	-0,131
NBFI40_A	0,002	0,095	<b>0,355</b>	-0,104	0,058
BFI-Extroversão	<b>-0,846</b>	0,166	0,135	-0,039	-0,006
BFI-Socialização	-0,078	0,101	0,054	-0,235	<b>0,652</b>
BFI-Conscienciosidade	-0,009	-0,033	0,112	<b>-0,802</b>	-0,005
BFI-Neuroticismo	-0,007	<b>-0,786</b>	0,284	0,176	-0,070
BFI-Abertura	-0,170	0,195	<b>0,488</b>	-0,143	-0,026

*Nota.* Cargas fatoriais acima de 0,30 foram colocadas em negrito para facilitar a interpretação da solução fatorial.

A Tabela 7, por sua vez, inclui as cargas fatoriais estimadas para os itens neutralizados da Escala de Modéstia no modelo de um fator testado. Como visto, todos os itens apresentaram carga acima de 0,30, sendo bastante altas em alguns casos (e.g., item NHU\_09, com carga 0,89). Mais uma vez, os resultados evidenciam a viabilidade da neutralização proposta. Vale aobservar que as cargas fatoriais mais modestas ficaram por conta dos itens sobre falta de modéstia (*false keyed* ou invertidos).

Tabela 7.

*Análise fatorial dos itens neutralizados da Escala de Modéstia*

	<b>F1</b>
NHU_01	-0,318
NHU_02	-0,408
NHU_03	-0,306
NHU_04	-0,332
NHU_05	0,644
NHU_06	0,697
NHU_07	0,396
NHU_08	0,830
NHU_09	0,885
NHU_10	0,554

## Discussão

Os itens dos instrumentos que avaliam personalidade descrevem comportamentos, crenças e estados afetivos suscetíveis à valoração social, ou seja, alguns podem ser percebidos como “bons” ou desejáveis e outros como “ruins” ou indesejáveis. Os itens julgados como bons são mais prováveis de receberem maiores pontuações, especialmente entre os respondentes que querem passar uma autoimagem positiva para o avaliador. A presente pesquisa teve como objetivo aplicar a técnica da neutralização valorativa nos itens de dois instrumentos que avaliam personalidade – isto é, o BFI e a EM), visando a diminuir a desejabilidade dos itens para que o traço em si possa ser melhor avaliado. Apesar de terem sido necessárias diversas rodadas de neutralização, foi possível obter um conjunto neutralizados de itens com aparente “validade de face”, sendo preservado, dentro do possível, o conteúdo descritivo dos itens originais. De maneira geral, os resultados sustentaram as hipóteses levantadas, a saber, de que os instrumentos neutralizados: 1) se correlacionariam positiva e fortemente com suas respectivas versões originais, 2) se correlacionariam menos com um instrumento avaliativo de desejabilidade social, e 3) teriam a mesma estrutura fatorial que seus respectivos instrumentos originais.

Em conformidade com as expectativas, as versões originais e neutralizadas dos instrumentos se correlacionaram em grau moderado a alto. Poderia ser argumentado que isso ocorreu porque houve uma diminuição da variância irrelevante, aqui representada pela desejabilidade social, dos escores da versão neutralizada. A variância irrelevante é composta por tudo que influencia a resposta ao item que não tem relação com o traço latente avaliado (AERA, APA, NCME, 2014; Messick, 1995). Outro ponto é que alguns coeficientes, como aqueles para os fatores conscienciosidade e socialização, foram menores do que o esperado (0,49 e 0,55) para duas escalas que avaliam o mesmo atributo. Entretanto, vale observar que

esses são, precisamente, os fatores mais sujeitos à desejabilidade social no modelo dos Cinco Grandes Fatores, pois dizem respeito a características altamente valorizadas socialmente, tais como asseio, dedicação, planejamento, generosidade, bondade e boas maneiras. Naturalmente, esses são fatores para os quais se espera uma maior parcela de variância valorativa. Em comparação com os demais fatores, a neutralização valorativa representa a retirada de uma parcela maior de variância irrelevante, o que explica a correlação menos expressiva com as escalas originais.

Outro resultado favorável é que as correlações com as dimensões da desejabilidade social foram menores para os instrumentos neutralizados relativamente aos originais. Novamente, devido a diminuição da variância irrelevante, neste caso o aspecto valorativo dos itens, a diferença entre esses instrumentos e avaliações externas de desejabilidade social é esperada e desejada. Esse padrão foi observado nos estudos de Bäckström e Björklund (2013, 2014). À exceção do fator extroversão do BFI, os resultados confirmaram amplamente as expectativas, sugerindo que os itens neutralizados tendem a produzir menores associações com inventários avaliativos das dimensões da desejabilidade social. No que diz respeito à exceção, o fator extroversão, uma hipótese aqui levantada é que os itens típicos de manejo de impressão enfatizam aspectos próprios da extroversão, como a facilidade nas relações sociais e a externalização de afetos positivos (Bäckström & Björklund, 2013; Fielden, Kim, & MacCann, 2015). Se isso estiver correto, a presença da variância descritiva em comum pode ter mantido a correlação positiva com o fator extroversão mesmo após neutralizar os itens. No entanto, essa intuição precisa ainda de um teste empírico mais aprofundado em estudos futuros.

A estrutura fatorial encontrada também favoreceu a neutralização aqui proposta como um método viável de prevenção de RSD a inventários de personalidade. Ainda que tenha sido

necessário selecionar os melhores itens no caso do BFI (20 itens), as soluções fatoriais de ambos os instrumentos se mostraram interpretáveis de uma maneira similar àquela típica das versões originais. Um resultado específico dessa análise também chama a atenção. Especificamente, as correlações entre fatores do BFI se mostraram mais atenuadas na versão neutralizada, em comparação à versão original. Estudos anteriores (Bäckström, 2007; Bäckström & Björklund, 2013;2016; Bäckström, Björklund, & Larsson, 2009) sugerem que as correlações entre os Cinco Grandes Fatores (e mesmo os fatores de segunda ordem estimados a partir dessas correlações; Bäckström, 2007; Bäckström & Björklund, 2016) são, em geral, o produto da presença de variância valorativa comum aos itens do instrumento. Assim, as correlações próximas a zero na versão neutralizada do BFI constituem uma evidência adicional de que os procedimentos promoveram a redução da variância valorativa nos itens.

Ainda outros aspectos merecem um breve comentário. Em primeiro lugar, a consistência interna das versões neutralizadas dos itens foi ligeiramente inferior àquela dos itens originais. No entanto, o mesmo padrão foi encontrado por Bäckström e Björklund (2013) que obtiveram consistência interna menor na versão neutralizada (0,73 versus 0,86 para extroversão, 0,70 versus 0,52 para abertura, 0,84 versus 0,81 para conscienciosidade, 0,88 versus 0,70 para socialização e 0,88 versus 0,85 para neuroticismo). Apesar de os instrumentos no estudo citado terem sido diferentes dos usados na atual pesquisa (além disso, continham muito mais itens), o foco é o padrão de diminuição da consistência interna em versões neutralizadas de instrumentos de personalidade. Isso é esperado dada a redução na variância comum entre os itens, decorrente de remover variância valorativa.

Em segundo lugar, a medida externa de desejabilidade social não pode ser considerada “pura”. A literatura mostra que instrumentos psicométricos de autorrelato de desejabilidade

social captam não apenas estilo de resposta, mas também traços legítimos de personalidade (Uziel, 2010). Assim, talvez os coeficientes não reflitam, com precisão, o decréscimo na variância valorativa nos itens. Ainda, é possível que parte da redução das correlações após a neutralização se deva à retirada, não intencional, de uma pequena porção de variância descritiva. Novas investigações, portanto, devem buscar estabelecer medidas externas mais confiáveis de deseabilidade social, afim de precisar melhor a associação com os itens neutralizados aqui apresentados.

### **Considerações Finais**

De maneira geral, os achados se somam à literatura que sugere ser possível neutralizar itens de autorrelato de personalidade. O método da neutralização tem a vantagem de ser simples, prático e acessível a pesquisadores. O controle do aspecto valorativo dos itens permite que seja feita, possivelmente, uma avaliação mais acurada do traço de interesse, uma vez que reduz a variância irrelevante dos escores, ordenando de maneira mais confiável as pessoas que possuem baixo ou alto nível no traço latente avaliado.

O método de neutralização não é uma cura mágica. Ele apenas propõe um olhar mais cuidadoso por parte dos pesquisadores quando estão construindo itens, uma vez que a escrita de um item irá influenciar na forma como as pessoas responderão a ele. Este estudo fez uso da neutralização em um instrumento que avalia os cinco grandes fatores da personalidade e em um que avalia modéstia, mostrando a simplicidade e eficácia do método. Há bons motivos para crer que o procedimento pode ser aplicado, com sucesso, a itens que avaliam muitos outros tipos de traços de personalidade.

## Referências

- American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education, Joint Committee on Standards for Educational, & P. T. (US). (2014). *Standards for educational and psychological testing* (5th ed.). Washington, DC: Amer Educational Research Assn.
- Bäckström, M. (2007). Higher-Order Factors in a Five-Factor Personality Inventory and its Relation to Social Desirability, *23*(1984), 63–70. <http://doi.org/10.1027/1015-5759.23.2.63>
- Bäckström, M., & Björklund, F. (2013). Social desirability in personality inventories: symptoms, diagnosis and prescribed cure. *Scandinavian Journal of Psychology*, *54*(2), 152–9. <http://doi.org/10.1111/sjop.12015>
- Bäckström, M., & Björklund, F. (2014). Social Desirability in Personality Inventories The Nature of the Evaluative Factor. <http://doi.org/10.1027/1614-0001/a000138>
- Bäckström, M., & Björklund, F. (2016). Is the general factor of personality based on evaluative responding ? Experimental manipulation of item-popularity in personality inventories. *PAID*, *96*, 31–35. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2016.02.058>
- Bäckström, M., Björklund, F., & Larsson, M. R. (2009). Five-factor inventories have a major general factor related to social desirability which can be reduced by framing items neutrally. *Journal of Research in Personality*, *43*(3), 335–344. <http://doi.org/10.1016/j.jrp.2008.12.013>
- Bäckström, M., Björklund, F., & Larsson, M. R. (2012). Social Desirability in Personality Assessment. In M. Ziegler, C. MacCann, & R. D. Roberts (Eds.), *New perspectives on faking in personality assessment* (pp. 201–213). New York, NY: Oxford University Press, Inc.

- Bäckström, M., Björklund, F., & Larsson, M. R. (2014). Criterion Validity is Maintained When Items are Evaluatively Neutralized : Evidence from a Full-scale Five-factor Model Inventory, *633*(April), 620–633.
- Benet-Martinez, V., & John, O. E. (1998). Los Cinco Grandes Across Cultures and Ethnic Groups : Multitrait Multimethod Analyses of the Big Five in Spanish and English, *75*(3), 729–750.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Cross-Cultural Adaptation and Validation of Psychological Instruments. *Paidéia*, *22*(53), 423–432.  
<http://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272253201314> Cross-Cultural
- Fielden, C., Kim, L. E., & MacCann, C. (2015). Extraversion. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, *8*(1916), 623–627. <http://doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.25099-X>
- Jackson, D. N. (1984). *Personality Research Manual* (3rd ed.). Port Huron, MI: Research Psychologists Press.
- Messick, S. (1995). Validity of Psychological Assessment. *American Psychologist*, *50*(9), 741–749. <http://doi.org/10.1037//0003-066X.50.9.741>
- Paulhus, D. L. (1988). Balanced inventory of desirable responding (BIDR). *Acceptance and Commitment Therapy. Measures Package*. <http://doi.org/10.1037/0022>
- Paulhus, D. L. (1991). Measurement and control of response bias. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wriggsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 17–59). San Diego, CA: Academic Press.
- Paulhus, D. L. (2002). Socially desirable responding: the evolution of a construct. In H. I. Brown, D. N. Jackson, & D. E. Wiley (Eds.), *The role of constructs in psychological and educational measurement* (pp. 49–69). Mahwah, NJ: Erlbaum.

- Paulhus, D. L., & Reid, D. B. (1991). Enhancement and denial in socially desirable responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, *60*(2), 307–317.
- Paulhus, D. L., & Vazire, S. (2007). The Self-Report Method. In R. W. Robins, R. C. Fraley, & R. F. Krueger (Eds.), *Handbook of Research Methods in Personality Psychology* (pp. 224–239). The Guilford Press.
- Peabody, D. (1967). Trait interferences: evaluative and descriptive aspects. *Journal of Personality and Social Psychology*, *7*(4, Pt.2), 1–18. <http://doi.org/10.1037/h0025230>
- Revelle, W. (2014). psych: Procedures for Personality and Psychological Research. R package version 1.4.3. *CRAN Project*.
- Santos, D., & Primi, R. (2014). *Desenvolvimento socioemocional e aprendizagem escolar: uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas*. São Paulo.
- Uziel, L. (2010). Rethinking Social Desirability Scales: From Impression Management to Interpersonally Oriented Self-Control. *Perspectives on Psychological Science : A Journal of the Association for Psychological Science*, *5*(3), 243–62.  
<http://doi.org/10.1177/1745691610369465>
- Ziegler, M. (2015). “F\*\*\* You, I Won’t Do What You Told Me!” – Response Biases as Threats to Psychological Assessment. *European Journal of Psychological Assessment*, *31*(3), 153–158. <http://doi.org/10.1027/1015-5759/a000292>

## A relação entre viés de desejabilidade social e autorrelato de psicopatia (Artigo 2)

**Resumo:** As pessoas que pontuam alto em psicopatia são conhecidas por mentirem muito, logo desenvolveu-se a crença de que tais pessoas seriam mais propensas a responderem testes psicológicos de forma mais socialmente desejável. Estudos vem contradizendo essa crença ao apresentar associações negativas e significativas entre traços de psicopatia e desejabilidade social. O objetivo é verificar se a relação entre essas variáveis continua negativa após o controle de outros traços de personalidade que podem mediar essa relação. A amostra foi de 481 universitários de São Paulo (79%) e Piauí (21%), com idades entre 18 e 62 anos ( $M = 24,29$  anos;  $DP = 7,69$ ). Estudos de mediação múltipla paralela e modelo de equações estruturais mostraram uma associação negativa e significativa entre traços de psicopatia e desejabilidade social, com valores variando de  $-0,30$  a  $-0,54$  com  $p < 0,01$ . Os traços que mediarão a relação de forma mais expressiva foram socialização, conscienciosidade e neuroticismo. Os resultados são coerentes com a literatura e potencialmente mais próximos da verdadeira natureza da relação entre variáveis por haver controlado outras variáveis e ter usado dois métodos modernos de controle estatístico. Assim essa pesquisa colabora com o estudo das duas variáveis ao colocar que viés de desejabilidade social não invalidam a avaliação de traços de psicopatia via autorrelato.

**Palavras-chaves:** cinco grandes fatores, modéstia, mediação, autorrelato.

### The relationship between social desirability and self-reported psychopathy

**Abstract:** People who score high on psychopathy tests are known to lie a lot, because of this, it was developed the belief that those people would be more likely to respond psychological surveys in a more socially desirable way. Studies have contradicted this belief by presenting negative and significant associations between traits of psychopathy and social desirability. The objective is to verify if the relations between these variables remains negative after controlling other personality traits that can mediate this relation. The sample consisted of 481 university students from São Paulo (79%) and Piauí (21%), aged 18 to 62 ( $M = 24.29$  years;  $SD = 7.69$ ). Parallel multiple mediation studies and structural equations model showed a negative and significant association between traits of psychopathy and social desirability, with values ranging from  $-.30$  to  $-.54$  and  $p < .01$ . The traits that mediated the relationship more expressively were socialization, conscientiousness and neuroticism. The results are consistent with the literature and potentially closer to the true nature of the relationship between variables by having controlled other variables and using two modern methods of statistical control. Thus this research collaborates with the study of the two variables by asserting that bias of social desirability do not invalidate the self-report evaluation of psychopathic traits.

**Keywords:** big five, modesty, mediation, self-report.

## Introdução

Pessoas que pontuam alto em traços de psicopatia são conhecidas por contarem muitas mentiras, serem irresponsáveis e manipuladoras. Estas características levantam o questionamento acerca da eficácia de instrumentos de autorrelato para avaliar esses traços. Dependendo do contexto da avaliação, acredita-se que tais sujeitos sejam muito mais suscetíveis a distorcerem suas respostas de forma a criar uma imagem específica de si mesmos, isto é, de fornecerem respostas socialmente desejáveis. Entretanto, estudos vem mostrando uma relação negativa entre traços de psicopatia e desejabilidade social (e.g. Pechorro, Ayala-Nunes, Oliveira, Nunes, & Gonçalves, 2016; Ray et al., 2012), sugerindo que pessoas que pontuam alto em traços de psicopatia não manipulam suas respostas mais do que pessoas da população geral. Assim, o objetivo dessa pesquisa é verificar como se dá essa relação em uma amostra brasileira.

O instrumento mais utilizado para avaliar traços de psicopatia é o *Psychopathy Checklist Revised* (PCL-R), desenvolvida por Hare (2003). Esse instrumento é uma entrevista semiestruturada de 20 itens que exige um treinamento específico e um tempo de aplicação de aproximadamente duas horas. O PCL-R apresenta dois fatores, o fator 1 está relacionado a interações interpessoais e relações afetivas e o fator 2 está relacionado com estilo de vida parasitário e comportamento criminoso. Apesar de bastante utilizado esse instrumento apresenta limitações no uso, pois é voltado para população carcerária, de difícil aplicação e com tempo de aplicação extenso (Fowles & Dindo, 2006). Tentando tornar mais prática e acessível a avaliação desses traços foram desenvolvidos instrumentos de autorrelato como o *Levenson's Self-Report Psychopathy* (LSRP; Levenson, Kiehl, & Fitzpatrick, 1995), o *Psychopathic Personality Inventory Revised* (PPI/PPI-R; Lilienfeld & Widows, 2005) e o

*Inventory of Callous-Unemotional Traits* (ICUT; Essau, Sasagawa, & Frick, 2006). Porém, instrumentos de autorrelato também apresentam suas desvantagens, como serem mais suscetíveis a terem suas respostas manipuladas e falsificadas com o intuito de gerar uma avaliação que seja de acordo com os objetivos do examinando.

A falsificação das respostas em um teste psicológico ocorre quando o sujeito quer transmitir uma imagem específica de si mesmo, seja ela negativa ou positiva (MacCann, Ziegler, & Roberts, 2012). Quando o objetivo é formar uma imagem negativa esse viés é chamado de *malingering*. Já quando o objetivo é formar uma imagem positiva esse viés é chamado de desejabilidade social (Helmes, Holden, & Ziegler, 2015). A desejabilidade social é um dos focos de interesse dessa pesquisa. Ela se caracteriza pelo fornecimento de respostas que fazem a pessoa parecer muito desejável, agradável, inteligente e compreensiva no meio social (Paulhus, 2002).

Um debate que cerca a desejabilidade é se ela se trata de um viés ou um traço verdadeiro de personalidade (Holden & Passey, 2010). A correlação alta e significativa da desejabilidade com traços de personalidade como extroversão, conscienciosidade e neuroticismo suscitou esse debate (Holden & Passey, 2010; Ones, Viswesvaran, & Reiss, 1996). Enquanto viés de repostas, a desejabilidade pode ser controlada por meio de instrumentos que avaliem esse viés e/ou por controle estatísticos, dessa forma, após ser controlada, deveria aumentar a validade de critério de instrumentos psicológicos. Já como traço verdadeiro de personalidade, a desejabilidade social apresenta características semelhantes a de outros traços, dessa forma, quando há o controle da desejabilidade social, ocorre um decréscimo na validade de critério pois está sendo desconsiderado uma parte importante do sujeito (Holden & Passey, 2010; Pauls & Stemmler, 2003; Verschuere et al., 2014). Assim, quando se trata de relacionar a desejabilidade social com traços de psicopatia,

Verschuere et al. (2014) sugerem que baixos escores em desejabilidade social são reflexos das características de uma pessoa que pontua alto em traços de psicopatia, ao invés de se tratar de um viés de resposta, uma vez que eles são conhecidos por violar normas sociais sendo mais improvável que endossem itens que descrevam comportamentos que respeitem tais normas.

Quando se pensa nas pessoas que tem muitos traços de psicopatia acredita-se que elas apresentem mais viés de desejabilidade social. Em uma metanálise, com 45 estudos, desenvolvida por Ray et al. (2012), eles examinaram a relação entre escores de três medidas de autorrelato de traços de psicopatia (LSRP, PPI e PPI-R) com escores de medidas de falsificação (*malingering* e desejabilidade social). Nesse estudo encontraram uma relação negativa e significativa entre escores de desejabilidade social e do fator geral de psicopatia ( $r = -0,11, p < 0,01$ ) e com o fator 2 da psicopatia ( $r = -0,16, p < 0,01$ ). O escore total do fator 1 não apresentou associação significativa com desejabilidade social. Os autores ainda rodaram análises de moderação que indicaram que a escala de psicopatia modera somente a associação entre desejabilidade social e fator 1 da psicopatia, sendo mais forte a associação do fator 1 da LSRP ( $r = -0,11, p < 0,05$ ) do que o fator 1 da PPI-R ( $r = 0,05, p < 0,13$ ). Esses achados da metanálise contradizem a crença popular de que pessoas que pontuam alto em traços de psicopatia apresentam mais desejabilidade social.

A metodologia utilizada na metanálise de Ray et al. (2012) foi questionada por Verschuere et al. (2014). No seu estudo, Verschuere et al. (2014), também encontraram uma associação negativa entre escores de desejabilidade social e de medidas de autorrelato de traços de psicopatia (LSRP:  $r = -0,39$ , YPI:  $r = -0,35$ , PPI-R:  $r = -0,37$ , todos  $p's < 0,001$ ), mas sugeriram que traços como neuroticismo e conscienciosidade poderiam explicar tanto baixos escores em desejabilidade social quanto altos escores em psicopatia. Esse

questionamento implica que a associação negativa encontrada na metanálise de Ray et al. (2012) não reflita a verdadeira natureza da relação entre as variáveis, deixando esse ponto em aberto para investigação. Outras pesquisas sugerem a possível mediação, menos expressiva, de outros traços na relação entre desejabilidade social e traços de psicopatia, como modéstia, extroversão, socialização e abertura (Derefinko & Lynam, 2013; Lee et al., 2013; Li & Bagger, 2006; Ones et al., 1996).

Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa é verificar a relação entre desejabilidade social e traços de psicopatia após o controle de possíveis variáveis confundidoras (modéstia, extroversão, socialização, conscienciosidade, neuroticismo e abertura). Assim, as hipóteses do estudo são que (a) a relação entre desejabilidade social e traços de psicopatia será negativa e (b) os traços de extroversão, conscienciosidade e neuroticismo irão mediar essa relação de forma mais expressiva.

## **Método**

### **Participantes**

A amostra foi composta por 481 participantes com idade entre 18 e 62 anos ( $M=24,29$  anos;  $DP=7,69$ ), sendo 99,6% universitários das cidades de Teresina-PI, Itatiba-SP e Campinas -SP. Sendo 59,5% mulheres. Quanto a etnia 56,7% são brancos e 29,4 % pardos. Quanto a renda mensal 58,9% ganha de 1 a 5 salários mínimos. Quanto ao tipo de relacionamento 47,8% são solteiros e 33,7% namorando. Quanto aos cursos universitários, 27,3% cursam psicologia, 26,7% cursam direito e 18,5% cursam engenharia química. Em relação aos dados faltantes, 3,6% não relataram a idade, 3,2% o sexo, 4,4% a etnia, 4,8% a renda e 3,4% o relacionamento, 39,8% o curso universitário.

## Instrumentos

**Escala de Manejo de impressão e Autoengano (*Impression Management/Self-Deception Scales - IMSDS-IPIP, PAS: Paulhus, 1991. Anexo 7*).** O instrumento é de autorrelato, e possui 30 itens que avaliam a desejabilidade social em duas dimensões: (a) Manejo de impressão (20 itens, ex: “Raramente cometo excessos prazerosos”,  $\alpha=0,82$ ); e (b) Autoengano, (10 itens, ex: “Sinto-me à vontade comigo mesmo”,  $\alpha=0,80$ ).

**Escala Egoísta e Moralista (*Egoistic and Moralistic Scale – EMS, Vecchione et al., 2013. Anexo 8*).** O instrumento é de autorrelato, e possui 14 itens que avaliam a desejabilidade social em duas dimensões: (a) Manejo de impressão do eu ou viés egoísta (07 itens, ex: “Sempre entendo imediatamente tudo o que leio”,  $\alpha=0,76$ ); e (b) Manejo da atuação social ou viés moralista (07 itens, ex: “Sempre sou uma pessoa completamente honesta com todos”,  $\alpha=0,70$ ).

**Inventário dos Cinco Grandes Fatores Neutralizada (*Neutralized Big Five Inventory – NBFI. Anexo 9*).** Trata-se de um inventário de autorrelato que possui 44 itens, e avalia os cinco grandes fatores da personalidade, desenvolvido pelos autores a partir de uma neutralização valorativa dos itens do *Big Five Inventory* (Costa & Hauck-Filho, 2016). O NBFI foi desenvolvido com a finalidade de proporcionar uma avaliação da personalidade via autorrelato minimizando a ocorrência de respostas socialmente desejáveis. Da mesma forma como o BFI original, o NBFI é composto por cinco subescalas: Conscienciosidade (9 itens; ex: “Sempre faço o que me pedem”;  $\alpha=0,41$ ), Socialização (9 itens; ex: “Evito revidar mesmo quando as pessoas me ofendem”;  $\alpha=0,43$ ), Neuroticismo (8 itens, ex: “Tenho diversas preocupações”;  $\alpha=0,64$ ), Extroversão (8 itens; ex: “Sou uma pessoa reservada”;  $\alpha=0,65$ ) e Abertura (9 itens; ex: “Sempre tenho ideias mais originais que os outros”;  $\alpha=0,59$ ).

**Escala de Modéstia Neutralizada (*Neutralized Modesty Scale* – NMS. Anexo 10).**

Trata-se de uma escala de autorrelato com 10 itens que avaliam traços de modéstia (Costa & Hauck-Filho, 2016). Da mesma forma como o NBFI, a Escala de Modéstia Neutralizada foi desenvolvida a partir da neutralização de itens de um inventário já existente (Escala de Modéstia - NEO-PI-IPIP), buscando prevenir respostas socialmente desejáveis. Os itens do instrumento foram redigidos de forma relativamente neutra ou ambígua quanto à desejabilidade social (ex: “Gosto que saibam sobre minhas capacidades”), e a consistência interna para o total de itens se mostrou aceitável no estudo de desenvolvimento da ferramenta,  $\alpha = 0,74$ .

**Inventário de Insensibilidade-Frieza Emocional (*Inventory of Callous-Unemotional Traits* – ICUT, Essau et al., 2006. Anexo 11).** O ICUT é uma escala de autorrelato de 24 itens, divididos em três dimensões: desinteresse pelos outros (*uncaring* - 8 itens; ex: “Eu tento não ferir os sentimentos dos outros,  $\alpha = 0,73$ ), frieza emocional (*unemotional* - 5 itens; ex: “Eu mostro meus sentimentos abertamente”,  $\alpha = 0,64$ ) e insensibilidade (*callousness* - 11 itens; ex: “Eu não me importo de ter que machucar alguém para conseguir o que eu quero.”,  $\alpha = 0,70$ ).

**Escala de Autorrelato de Psicopatia de Levenson (*Levenson’s Self Report Psychopathy Scale* – LSRP, Levenson, Kiehl, & Fitzpatrick, 1995. Anexo 12) .** A escala é de tipo autorrelato, e possui 26 itens que avaliam traços de psicopatia em população geral. A LSRP é dividida em duas subescalas: a primeira referente ao fator primário (16 itens, ex: “Cuidar de mim mesmo é a minha maior prioridade”,  $\alpha = 0,82$ ), a segunda referente ao fator secundário (10 itens, ex: “Eu me entedio com frequência”,  $\alpha = 0,63$ ).

**Procedimentos**

Os participantes foram avaliados de forma presencial em universidades pública e privada, e de forma online por meio do envio de um link por *e-mail* e *Facebook*, para acessar a pesquisa na base do *Survey Monkey*. Foram informados do objetivo da pesquisa e assinaram o TCLE. Os instrumentos que avaliam desejabilidade social (IMSD-IPIP e EMS) foram os primeiros a serem apresentados, os outros instrumentos foram apresentados em ordem aleatória para cada participante. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade São Francisco sob o CAAE 53659515.2.0000.5514.

### **Análise de dados**

Inicialmente, foram realizadas análises descritivas dos dados, e verificada a consistência interna dos instrumentos utilizados. Em seguida, foi realizada uma análise preliminar de mediação múltipla paralela (Hayes, 2013), para avaliar a existência de uma relação entre escores de traços de psicopatia (escore total do LSRP) e desejabilidade social (escore total do IMSDS), controlando a influência (mediação) de seis traços de personalidade (modéstia, extroversão, socialização, conscienciosidade, neuroticismo e abertura). Por meio dessa análise, é possível verificar a relação parcial única (efeito direto) entre os traços de psicopatia e a desejabilidade social, bem como a parcela de variância devida aos mediadores (o efeito indireto). Um método de *bootstrapping* foi utilizado para avaliar os efeitos indiretos, sendo criadas 10,000 amostras com 95% de intervalo de confiança (foram excluídos 17 casos por estarem com informações incompletas). Posteriormente, uma análise de modelagem de equação estrutural (MEE) foi realizada no programa MPlus para verificar o ajuste do modelo de mediação múltipla proposto, e estimar os coeficientes do modelo controlando os erros de medida dos instrumentos empregados. Para essa análise, o fator psicopatia foi definido tendo como indicadores todos os escores das dimensões dos instrumentos LSRP e ICUT. O fator

desejabilidade social foi definido por todos os escores das dimensões dos instrumentos IMSDS e EMS.

## Resultados

Preliminarmente ao teste dos modelos, foi investigada a correlação bivariada entre todas as variáveis de estudo. Na Tabela 1 estão apresentados os valores das correlações entre os instrumentos e a consistência interna de cada um deles. É possível observar um padrão segundo o qual os escores totais da LSRP e do ICUT apresentaram relações negativas com instrumentos de desejabilidade social. O fator conscienciosidade e socialização apresentaram relações negativas com todas as escalas de psicopatologia e relações positivas com as escalas de desejabilidade social. O fator neuroticismo teve uma relação mais forte e negativa com as subescalas ‘*Unemotional*’ e escore total do ICUT. A extroversão se destacou mais na relação com as subescala ‘*Unemotional*’ do ICUT, apresentando uma relação positiva. O fator abertura apresentou relações não significativas com quase todas as escalas. O traço modéstia apresentou relações mais forte e negativa com psicopatologia primária da LSRP, com a subescala de autoengano da IMSDS e com o escore total da EMS.

Para testar se controlando outros traços de personalidade (modéstia, extroversão, socialização, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência) diminui ou aumenta a associação entre desejabilidade social e traços de psicopatologia, dois modelos de mediação múltipla foram analisados. Os modelos incluíram o efeito direto da desejabilidade social nos traços de psicopatologia, o efeito indireto via cada traço de personalidade destacados como mediadores e o efeito total do modelo (Hayes, 2013). O primeiro modelo de mediação múltipla testado incluiu como variável independente (X) escores no IMSDS, e variável dependente (Y) o escore total no instrumento LSRP. O modelo proposto, apresentado na

Figura 1, explicou uma porção moderada e significativa do LSRP ( $R^2=0,52$ ,  $p<0,001$ ). O efeito total da desejabilidade social em traços de psicopatia foi significativo e de magnitude moderada ( $\beta= -0,57$ ,  $SE=0,04$ ,  $p<0,001$ ). O efeito direto também foi moderado e significativo ( $\beta= -0,52$ ,  $SE=0,04$ ,  $p<0,001$ ), indicando uma mediação parcial. O sinal negativo sugere que valores mais elevados em desejabilidade social acompanham valores menores em traços de psicopatia. Testes de *bootstrap* revelaram que socialização (95% IC: -0,05 – -0,01), conscienciosidade (95% IC: -0,08 – -0,01) e neuroticismo (95% IC: 0,00 – 0,03) medeiam parcialmente a relação IMSDS  $\rightarrow$  LSRP. Comparações emparelhadas dos mediadores mostram que o efeito indireto do neuroticismo é estatisticamente diferente dos efeitos da socialização e conscienciosidade, porém não sendo possível indicar qual o mais forte, pois possuem sinais diferentes. Porém os efeitos indiretos da socialização e conscienciosidade não apresentam diferença estatisticamente significativa. (Hayes, 2013).

Na Tabela 2 estão os valores dos coeficientes da relação entre cada mediador e as subescalas (psicopatia primária e psicopatia secundária) do LSRP. O fator modéstia apresentou relação significativa e negativa apenas com psicopatia primária. Os fatores extroversão e abertura não apresentaram relações significativas com qualquer subescala. O fator socialização se relacionou de forma significativa e negativa com as duas subescalas e com magnitude similar. O fator neuroticismo apresentou comportamento mais complexo, tendo uma relação significativa e negativa com psicopatia primária e positiva com psicopatia secundária. O efeito direto ( $c'$ ) da desejabilidade social foi significativo e moderado para as duas subescalas, sendo  $\beta= -0,51$  ( $SE=0,05$ ,  $p<0,001$ ) para psicopatia primária e  $\beta= -0,54$  ( $SE=0,06$ ,  $p<0,001$ ) para psicopatia secundária.

## Correlações entre os instrumentos e consistência interna

Escalas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
1. LSRP_PP	(0,84)																		
2. LSRP_PS	0,34	(0,67)																	
3. LSRP_T	0,89	0,72	(0,84)																
4. ICU_C	0,59	0,38	0,62	(0,63)															
5. ICU_UC	0,40	0,36	0,47	0,44	(0,66)														
6. ICU_UM	0,15	0,09	0,16	0,30	0,24	(0,80)													
7. ICU_T	0,53	0,38	0,57	0,82	0,72	0,69	(0,79)												
8. SD_IM	0,53	0,45	-0,60	0,43	-0,52	-0,11	-0,47	(0,80)											
9. SD_SD	-0,02 <sup>a</sup>	-0,36	-0,19	-0,00 <sup>a</sup>	-0,26	-0,03 <sub>a</sub>	-0,12	0,35	(0,70)										
10. SD_T	-0,39	-0,50	-0,52	-0,31	-0,50	-0,09 <sub>a</sub>	-0,39	0,89	0,74	(0,83)									
11. EMS_E	0,14	-0,18	0,01 <sup>a</sup>	0,20	-0,17	0,06	0,06 <sup>a</sup>	0,20	0,64	0,46	(0,77)								
12. EMS_M	-0,03 <sup>a</sup>	-0,20	-0,11	-0,05 <sup>a</sup>	-0,27	-0,08 <sub>a</sub>	-0,17	0,43	0,24	0,43	0,38	(0,75)							
13. EMS_T	0,07 <sup>a</sup>	-0,23	-0,05 <sup>a</sup>	0,09	-0,26	-0,01 <sub>a</sub>	-0,06 <sub>a</sub>	0,38	0,54	0,53	0,84	0,82	(0,80)						
14. MOD	-0,23	0,03 <sup>a</sup>	-0,16	-0,19	-0,02 <sup>a</sup>	0,09*	-0,06 <sub>a</sub>	0,11	-0,34	-0,09 <sub>a</sub>	0,34	-0,05 <sub>a</sub>	-0,24	(0,78)					
15. NBF_E	-0,01 <sup>a</sup>	0,02 <sup>a</sup>	0,00 <sup>a</sup>	-0,00 <sup>a</sup>	-0,02 <sup>a</sup>	0,24	0,09	0,07 <sup>a</sup>	-0,13	-0,01 <sub>a</sub>	-0,11*	0,08 <sup>a</sup>	-0,02 <sub>a</sub>	0,26	(0,67)				
16. NBF_S	-0,23	-0,21	-0,27	-0,20	-0,20	-0,03	-0,19	0,23	-0,04 <sub>a</sub>	0,15	0,01 <sup>a</sup>	0,19	0,12	0,11	0,13	(0,50)			
17. NBF_C	-0,09	-0,44	-0,27	-0,21	-0,29	-0,12	-0,28	0,32	0,33	0,39	0,25	0,24	0,30	-0,12	-0,08 <sub>a</sub>	0,05 <sup>a</sup>	(0,51)		
18. NBF_N	-0,15	0,18	-0,02	-0,14	-0,17	-0,30	-0,27	0,00 <sup>a</sup>	-0,27	-0,13	-0,24	-0,05 <sub>a</sub>	-0,18	-,13	0,14	-0,03 <sub>a</sub>	-0,17	(0,59)	
19. NBF_A	-0,03 <sup>a</sup>	-0,01 <sup>a</sup>	0,01 <sup>a</sup>	0,06 <sup>a</sup>	0,01 <sup>a</sup>	-0,05 <sub>a</sub>	0,01 <sup>a</sup>	-0,50 <sub>a</sub>	0,03 <sup>a</sup>	-0,02 <sub>a</sub>	0,14	0,11	0,15	-0,15	-0,00 <sub>a</sub>	0,07 <sup>a</sup>	-0,02 <sub>a</sub>	-0,02 <sub>a</sub>	(0,49)

Nota. Todas as correlações foram significativas a  $p < 0,05$ . Entre parênteses está indicada o alpha de cada escala. Todos os ‘\_T’= Escore total da escala. LSRP=Levenson Self-Report Psychopathy (PP=Psicopatia primária; PS=Psicopatia secundária), ICU=Inventory Callous-Unemotional (C=Callous; UC=Uncaring; UM=Unemotional), SD=Social desirability (IM= impression management; SD=self-deception); EMS=Egoistic and Moralistic Self-Enhancement Scale (E=Egoistic; M=Moralistic); MOD=Modesty Scale; NBF=Neutralized Big Five Inventory (E=extroversão; S= socialização; C=conscienciosidade; N=neuroticismo; A=abertura à experiência)

<sup>a</sup>Correlações não significativas.

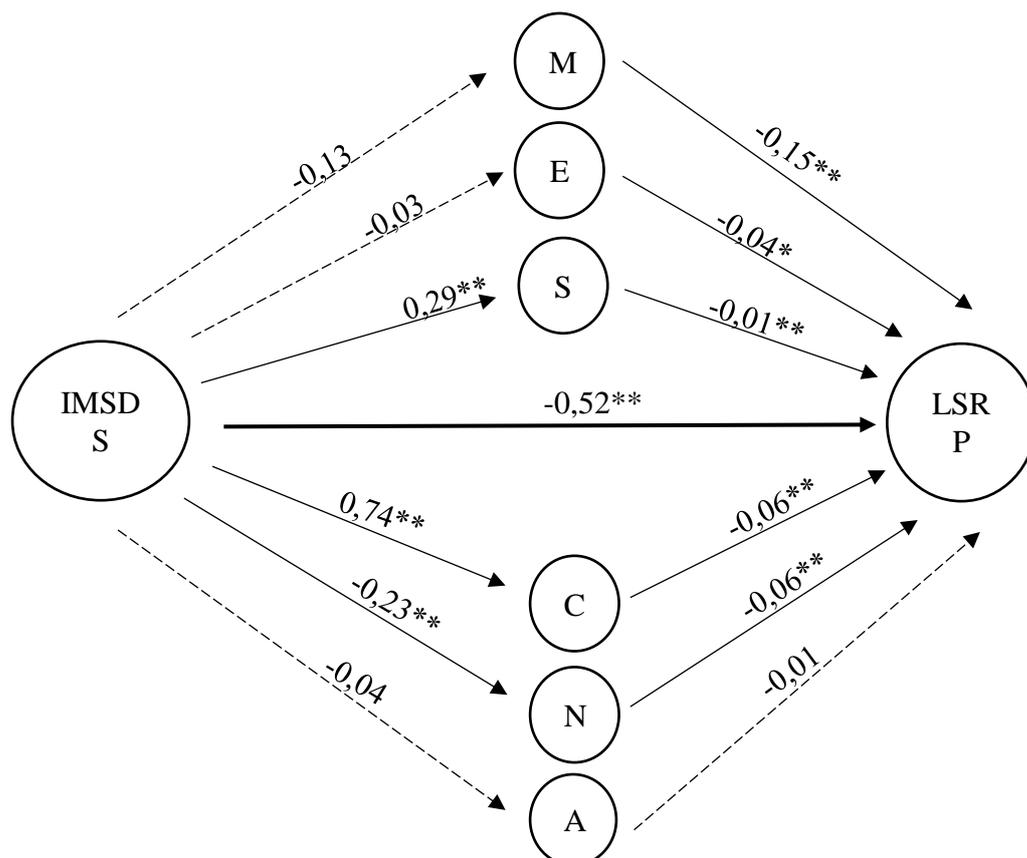
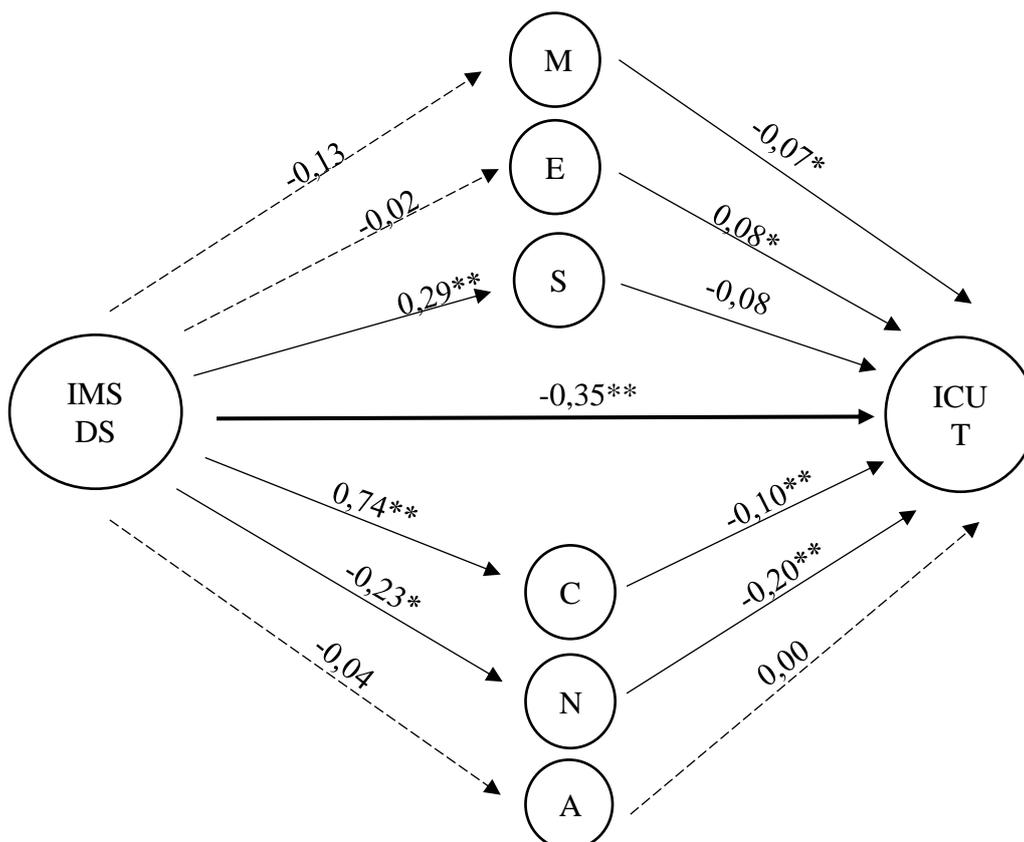


Figura 1. Modelo de mediação múltipla paralela da relação entre traços de psicopatia (medido pela LSRP) e desejabilidade social (medida pela IMSDS). Estão mostradas acima das setas os valores padronizados dos coeficientes de regressão para cada caminho do modelo. M=modéstia; E= extroversão; S=socialização; C=conscienciosidade; N=neuroticismo; A=abertura. As setas quebradas indicam relações não significativas, e as setas cheias indicam relações significativas \* $p < 0,05$  e \*\* $p < 0,001$ .

Na sequência, foi testado um modelo de mediação múltipla paralela considerando agora como variável dependente (Y) os escores no instrumento ICUT. O modelo, apresentado na Figura 2, explicou uma porção pequena e significativa da variável dependente ( $R^2 = -0,39$ ,  $p < 0,001$ ). O efeito total da desejabilidade social nos traços de psicopatia foi de pequeno a moderado, e significativo ( $\beta = -0,39$ ,  $SE = 0,04$ ,  $p < 0,001$ ). O efeito direto também foi de pequeno a moderado, e significativo ( $\beta = -0,35$ ,  $SE = 0,04$ ,  $p < 0,001$ ), indicando uma mediação parcial. O sinal negativo sugere que valores mais elevados em desejabilidade social acompanham valores menores em traços de psicopatia. Testes de *bootstrap* revelaram que extroversão (95% IC: 0,00 – 0,03), conscienciosidade (95% IC: -0,11 – -0,04) e neuroticismo (95% IC: 0,02 – 0,08)

medeiam parcialmente a relação ICUT → IMSDS. Comparações emparelhadas dos mediadores mostram que esses três caminhos indiretos são estatisticamente diferentes, porém não sendo possível indicar qual o mais forte quando se compara neuroticismo com socialização e conscienciosidade, pois possuem sinais diferentes. Pode-se sugerir que neuroticismo produz uma mudança positiva e conscienciosidade e socialização uma mudança negativa em traços de psicopatia. Entretanto é possível comparar socialização com conscienciosidade, pois apresentam o mesmo sinal, o que sugere que o efeito mediador da socialização ( $\beta = -0,02$ ,  $SE = 0,01$ ) é maior que o de conscienciosidade ( $\beta = -0,08$ ,  $SE = 0,02$ ) (Hayes, 2013).

Na Tabela 2 estão os valores dos coeficientes da relação entre cada mediador e as subescalas (*callousness*, *uncaring* e *unemotional*) do ICUT (*b*). O fator modéstia apresentou relação significativa e negativa apenas com *callousness*. O fator extroversão não apresentou relação significativa apenas com *uncaring*. O fator socialização não apresentou relação significativa apenas com *unemotional*. O fator neuroticismo apresentou relação significativa e negativa com todas as subescalas. O fator abertura não apresentou relação significativa com qualquer subescala. O efeito direto (*c'*) da desejabilidade social foi significativo pequeno para a subescala *callousness* ( $\beta = -0,30$ ,  $SE = 0,05$ ,  $p < 0,001$ ), significativo e moderado para a subescala *uncaring* ( $\beta = -0,52$ ,  $SE = 0,05$ ,  $p < 0,001$ ) e efeito não significativo para a subescala *unemotional* ( $\beta = -0,15$ ,  $SE = 0,06$ ,  $p = 0,11$ ).



*Figura 2.* Modelo de mediação múltipla paralela da relação entre traços de psicopatia (medido pelo ICUT) e desejabilidade social (media pela IMSDS). Estão mostradas acima das setas os valores padronizados dos coeficientes de regressão para cada caminho do modelo. M=modéstia; E= extroversão; S=socialização; C=conscienciosidade; N=neuroticismo; A=abertura. As setas quebradas indicam relações não significativas, e as setas cheias indicam relações significativas \* $p < 0,05$  e \*\* $p < 0,001$ .

Tabela 2

*Coefficientes de regressão e sumário do modelo de mediação paralela múltipla para as subescalas do LSRP e ICU*

Antecedentes (M)	Consequentes (Y)					
	LSRP_PP	LSRP_PS	ICU_C	ICU_UC	ICU_UM	
Modéstia (M1)	$b^1$	-0,20*	-0,04	-0,16*	-0,03	0,06
Extroversão (M2)	$b^2$	0,05	0,00	0,04*	0,01	0,26*
Socialização (M3)	$b^3$	-0,09*	-0,09*	-0,08*	-0,08*	-0,06
Conscienciosidade (M4)	$b^4$	0,02	-0,22*	-0,09*	-0,09*	-0,14*
Neuroticismo (M5)	$b^5$	-0,12*	0,07*	-0,11*	-0,16*	-0,44*
Abertura (M6)	$b^6$	-0,00	-0,02	0,01	-0,00	-0,05
IMSDS (X)	$c'$	-0,51*	-0,54*	-0,30*	-0,52*	-0,15
$R^2$		0,53*	0,59*	0,46*	0,58*	0,45*

*Nota.* LSRP=Levenson Self-Report Psychopathy (PP=Psicopatia primária; PS=Psicopatia secundária), ICU= Inventory Callousness-Unemotional (C=Callousness; UC=Uncaring; UM=Unemotional), IMSDS = Impression Management/Self-Deception Scales.

$b^x$  = efeito direto de M em Y

$c'$  = efeito direto de X em Y

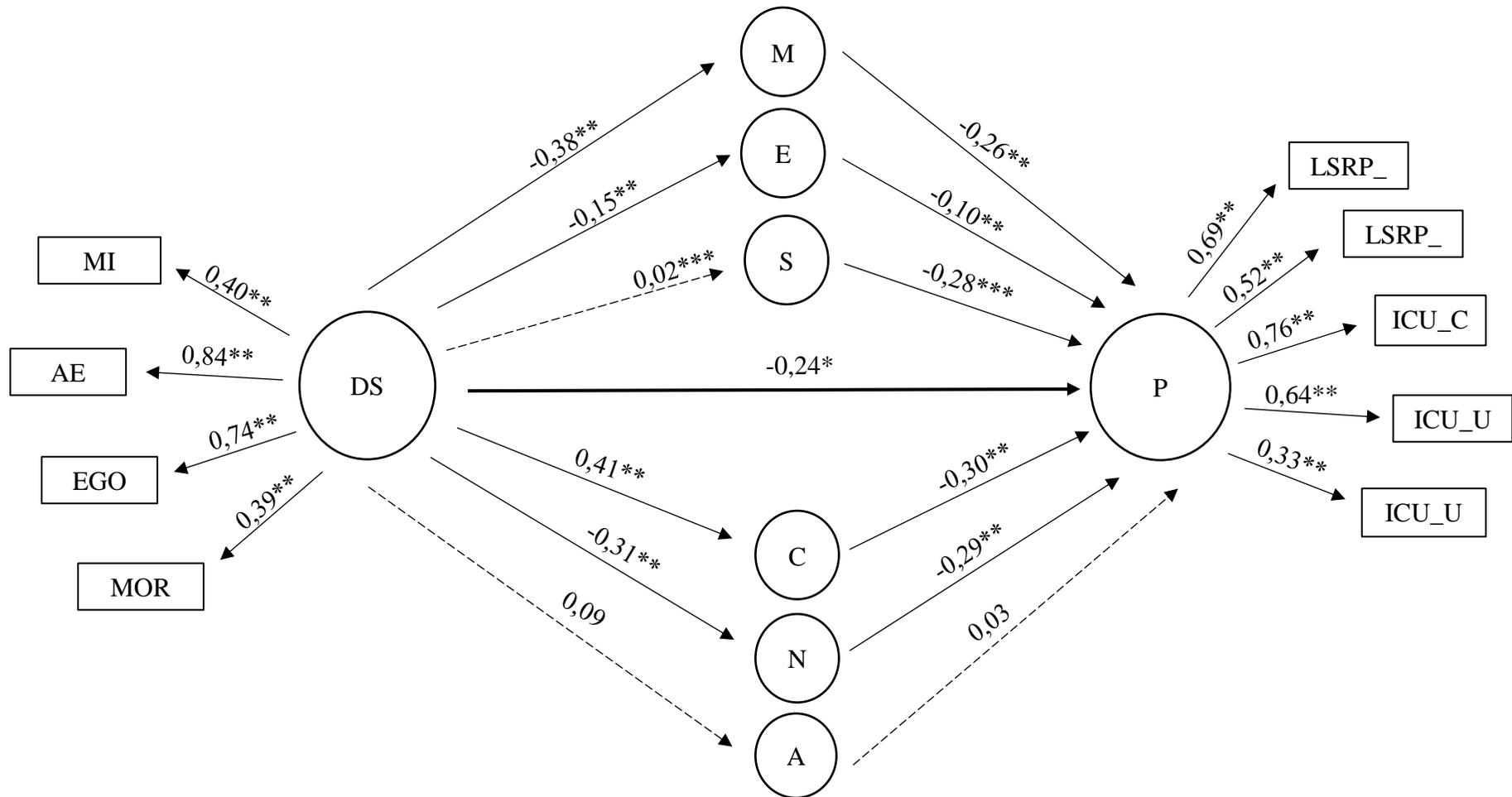
\* $p < 0,05$ .

Os modelos testados anteriormente têm a propriedade de possibilitarem estimações robustas dos parâmetros de interesse, possibilitando assim conhecer melhor a verdadeira relação entre as variáveis. No entanto, esses modelos partem do pressuposto de que as variáveis analisadas não possuem erros de medida, algo que não corresponde à realidade no presente caso, dado que, raramente, instrumentos psicométricos apresentam fidedignidade perfeita. Por isso, foi também testado um modelo de mediação usando a técnica das equações estruturais, por permitir estimar a relação entre as variáveis latentes após controlar o erro de medida dos instrumentos utilizados. Como apresentado na Figura 3, os escores das dimensões teóricas dos instrumentos IMSDS e EMS foram utilizados como indicadores de um fator latente de desejabilidade social, sendo o mesmo realizado para estimar um fator latente de psicopatia a partir dos instrumentos LSRP e ICUT. Os resultados foram consistentes com os modelos anteriores. Novamente, foi encontrada uma relação negativa e significativa entre o fator latente de psicopatia e o fator de desejabilidade social ( $\beta = -0,24$ ,  $p < 0,05$ ). O fator abertura continuou

sem ter relações significativas com traços de psicopatia e desejabilidade social, enquanto que os fatores modéstia, extroversão, conscienciosidade e neuroticismo se relacionaram significativamente com as duas variáveis. Vale ressaltar que os índices de ajuste rejeitaram o modelo,  $\chi^2(105) = 1848,489$  ( $p < 0,001$ ), RMSEA = 0,137 (90% IC: 0,129 – 0,146;  $p < 0,001$ ), CFI = 0,568, TLI = 0,454, (SRMR) = 0,123. Uma análise dos índices de modificação revelou que a razão do ajuste empobrecido foi a existência de cargas cruzadas para quase todos os indicadores do modelo, ou seja, indicadores de psicopatia tendem a ser também explicados, em parte, pelo fator de desejabilidade social, e vice-versa.

### Discussão

O principal objetivo desta pesquisa foi verificar a relação entre desejabilidade social e traços de psicopatia após o controle de possíveis variáveis confundidoras. Os resultados sugerem que há uma relação significativa entre as variáveis relacionadas a desejabilidade social, psicopatia e outros traços de personalidade (modéstia, extroversão, socialização, conscienciosidade, neuroticismo e abertura). A primeira hipótese foi suportada, de que a relação entre desejabilidade social e psicopatia, após o controle dos outros traços, seria negativa e significativa, sugerindo que esses traços medeiam de forma parcial a relação DS  $\rightarrow$  P. A segunda hipótese foi parcialmente suportada já que extroversão não mediou a relação DS  $\rightarrow$  P. As evidências mostram uma relação negativa entre desejabilidade social e autorrelato de traços de psicopatia mesmo após controle de possíveis variáveis confundidoras, confirmando a primeira hipótese. Em seis modelos de mediação e no modelo de equações estruturais encontrou-se valores variando de -0,30 a -0,54 com  $p < 0,01$ . Esses valores são superiores aos encontrados na metanálise de Ray et al. (2012) que apresentou uma associação de  $r = -0,11$  ( $p < 0,01$ ) entre desejabilidade social e traços de psicopatia, sugerindo que o valor encontrado na



*Figura 3.* Modelo de modelagem de equação estrutural entre traços de psicopatia (medido pelo LSRP e ICUT) e desejabilidade social (medida pela IMSDS e EMS). Estão mostradas acima das setas os valores padronizados dos coeficientes de regressão para cada caminho do modelo. P=traços de psicopatia; DS=desejabilidade social; M=modéstia; E=extroversão; S=socialização; C=conscienciosidade; N=neuroticismo; A=abertura LSRP=Levenson Self-Report Psychopathy (PP=Psicopatia primária; PS=Psicopatia secundária), ICU= Inventory Callousness-Unemotional (C=Callousness; UC=Uncaring; UM=Unemotional), MI= manejo de impressão; AE=autoengano; EGO=subescala egoísta; MOR=subescala moralista. As setas quebradas indicam relações não significativas, e as setas cheias indicam relações significativas \* $p < 0,05$  e \*\* $p < 0,001$ .

metanálise pode estar sendo subestimado devido à ausência do controle de outras variáveis que medeiam essa relação. Os resultados encontrados na presente pesquisa permitem uma maior aproximação da verdadeira magnitude da associação entre as variáveis, considerando que teve como base dois tipos de métodos modernos de análise, sendo, possivelmente, o primeiro estudo a efetuar esse tipo de controle estatístico.

A relação negativa entre essas variáveis permite sugerir que vieses de reposta, em especial a desejabilidade social, não invalidam totalmente medidas de autorrelato de psicopatia (Ray et al., 2012), sugerindo que escores baixos em desejabilidade social podem representar traços verdadeiros da personalidade (Pechorro et al., 2016). Portanto, seria incoerente que pessoas com muitos traços de psicopatia pontuassem alto em desejabilidade social, visto que o primeiro é caracterizado pelo desinteresse pelas normas sociais, sentimentos e interesses alheios e o segundo por uma busca de ajustamento social (Almeida et al., 2015; Uziel, 2010). Isso não implica em dizer que pessoas com muitos traços de psicopatia não tentam manipular suas respostas, mas sugere que eles não o fazem com maior frequência ou eficácia que pessoas da comunidade geral (Edens, Buffington, & Tomicic, 2000).

Os traços de socialização, conscienciosidade e neuroticismo foram o que mais se destacaram nos modelos de mediação da relação entre desejabilidade social e traços de psicopatia, confirmando parcialmente a segunda hipótese. Esses achados são consistentes com pesquisas anteriores que relataram que a maior correlação da desejabilidade social foi com neuroticismo ( $r=0.54$  e  $r=0.37$ ,  $p<0,01$ ), conscienciosidade ( $r=0.42$  e  $r=0.20$ ,  $p<0,01$ ) e socialização ( $r=0.42$  e  $r=0.14$ ,  $p<0,01$ ) (Li & Bagger, 2006; Ones et al., 1996). Por sua vez, os traços de psicopatia demonstraram relações negativas mais significativas com socialização ( $r=-0,52$ ,  $p<0,01$ ) e conscienciosidade ( $r=-0,43$ ,  $p<0,01$ ) (Derefinko & Lynam, 2013). Esses traços podem explicar tanto escores elevados em desejabilidade social quando escores baixo em psicopatia (Watts et al., 2015). Em conjunto, pontuações

altas nos traços de socialização e conscienciosidade e pontuações baixas em neuroticismo caracterizam pessoas empáticas, confiáveis, cooperativas, responsáveis, focadas em seus objetivos e emocionalmente estáveis. Enquanto que pessoas com baixas pontuações nos três fatores caracteriza pessoas insensíveis, irresponsáveis, egocêntricas, sem planejamento e emocionalmente estáveis.

Dessa forma, os resultados sugerem, que pelo menos em contexto de pesquisa, o viés de desejabilidade social não minimiza a qualidade da avaliação de traços de psicopatia via autorrelato. O contexto de pesquisa apresenta poucos estímulos que propiciem respostas socialmente desejáveis, isso pode ser visto com uma vantagem, pois é mais provável que os sujeitos endossem os itens de forma mais sincera e coerente com seu comportamento na vida cotidiana. Entretanto, esses resultados não podem ser generalizados para contexto de avaliação compulsória, em que o sujeito identifica um ganho ou perda concreta de acordo com o resultado da avaliação. Assim podemos dizer que em contexto de pesquisa há uma maior probabilidade de que os traços verdadeiros de personalidade se sobreponham aos vieses de respostas enquanto que em contextos de avaliação compulsória há uma maior probabilidade de que os vieses se sobreponham aos traços verdadeiros de personalidade.

### **Considerações finais**

No todo, os achados da pesquisa agregam mais evidências a literatura de que há uma relação negativa entre desejabilidade social e traços de psicopatia. Esses achados são uma pequena contribuição no estudo de dois conceitos complexos usando métodos modernos de análise no controle estatístico. Questiona a posição da desejabilidade social como sendo um simples viés de respostas e também questiona a frequência e contextos em que as respostas são manipuladas por pessoas que pontuam alto em traços de psicopatia.

Ainda há muito a ser investigado sobre a relação desses dois atributos e lacunas a serem preenchidas a partir das limitações desta pesquisa. Uma das principais limitações é a amostra ter sido composta apenas por universitários que apresentam semelhanças cognitivas e sociodemográficas. Outra limitação é o próprio contexto de pesquisa anônima que é livre de pressões, isto é, o sujeito não tem estímulos que o levem a querer manipular suas respostas. Portanto são necessárias investigações em contexto de avaliação compulsória para verificar como se é a relação entre as variáveis quando há estímulos que favoreçam respostas socialmente desejáveis. Uma terceira limitação foi que não foram testados outros modelos de MEE que poderiam indicar um caminho distinto. Entretanto, dentro do que foi pensado e dos estudos anteriores essa pesquisa contribui para a mudança na forma de se perceber tanto a desejabilidade social quanto os traços de psicopatia.

## Referências

- Almeida, P. R., Seixas, M. J., Ferreira-Santos, F., Vieira, J. B., Paiva, T. O., Moreira, P. S., & Costa, P. (2015). Empathic, moral and antisocial outcomes associated with distinct components of psychopathy in healthy individuals: a Triarchic model approach. *Personality and Individual Differences, 85*, 205–211.  
<http://doi.org/10.1016/j.paid.2015.05.012>
- Derefinko, K., & Lynam, D. R. (2013). Psychopathy from the perspective of the five-factor model of personality. In T. A. Widiger & P. T. Costa Jr. (Eds.), *Personality disorders and the five-factor model of personality* (Third Edit, pp. 325–348). American Psychological Association. <http://doi.org/10.1037/13939-007>
- Edens, J. F., Buffington, J. K., & Tomicic, T. L. (2000). An Investigation of the Relationship between Psychopathic Traits and Malingering on the Psychopathic Personality Inventory. *Assessment, 7*(3), 281–296.  
<http://doi.org/10.1177/107319110000700307>
- Essau, C. A., Sasagawa, S., & Frick, P. J. (2006). Callous-unemotional traits in a community sample of adolescents. *Assessment, 13*(4), 454–69.  
<http://doi.org/10.1177/1073191106287354>
- Fowles, D. C., & Dindo, L. (2006). A dual-deficit model of psychopathy. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 14–34). New York: The Guilford Press.
- Hare, R. D. (2003). *Manual for the Revised Psychopathy Checklist* (2nd ed.). Toronto, ON, Canada: Multi-Healthy Systems.
- Hayes, A. F. (2013). Multiple Mediator Models. In *Introduction do Mediation, Moderation, and Conditional Process Analysis: a regression-based approach* (pp. 123–164). New York, NY: The Guilford Press.

- Helmes, E., Holden, R. R., & Ziegler, M. (2015). Response bias, malingering and impression management. In G. J. Boyle, D. H. Saklofske, & G. Matthews (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 16–43). Elsevier Inc.
- Holden, R. R., & Passey, J. (2010). Socially desirable responding in personality assessment: Not necessarily faking and not necessarily substance. *Personality and Individual Differences, 49*(5), 446–450. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2010.04.015>
- Lee, K., Ashton, M. C., Wiltshire, J., Bourdage, J. S., Visser, B. A., & Gallucci, A. (2013). Sex, Power, and Money: Prediction from the Dark Triad and Honesty-Humility. *European Journal of Personality, 27*(2), 169–184. <http://doi.org/10.1002/per.1860>
- Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*(1), 151–8. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7861311>
- Li, A., & Bagger, J. (2006). Using the BIDR to Distinguish the Effects of Impression Management and Self-Deception on the Criterion Validity of Personality Measures: A Meta-Analysis. *International Journal of Selection and Assessment, 14*(2), 131–141. <http://doi.org/10.1111/j.1468-2389.2006.00339.x>
- Lilienfeld, S. O., & Widows, M. R. (2005). *Professional manual for the Psychopathic Personality Inventory-Revised (PPI-R)*. Lutz, FL: Psychological Assessment Resources.
- MacCann, C., Ziegler, M., & Roberts, R. D. (2012). Faking in personality assessment: reflections and recommendations. In M. Ziegler, C. MacCann, & R. D. Roberts (Eds.), *New perspectives on faking in personality assessment* (pp. 309–329). New York, NY: Oxford University Press, Inc.

- Ones, D. S., Viswesvaran, C., & Reiss, A. D. (1996). Role of social desirability in personality testing for personnel selection: The red herring. *Journal of Applied Psychology, 81*(6), 660–679. <http://doi.org/10.1037/0021-9010.81.6.660>
- Paulhus, D. L. (1991). Measurement and control of response bias. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wrighsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 17–59). San Diego, CA: Academic Press.
- Paulhus, D. L. (2002). Socially desirable responding: the evolution of a construct. In H. I. Brown, D. N. Jackson, & D. E. Wiley (Eds.), *The role of constructs in psychological and educational measurement* (pp. 49–69). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Pauls, C. A., & Stemmler, G. (2003). Substance and bias in social desirability responding. *Personality and Individual Differences, 35*(2), 263–275. [http://doi.org/10.1016/S0191-8869\(02\)00187-3](http://doi.org/10.1016/S0191-8869(02)00187-3)
- Pechorro, P., Ayala-Nunes, L., Oliveira, J. P., Nunes, C., & Gonçalves, R. A. (2016). Psychometric properties of the Socially Desirable Response Set-5 among incarcerated male and female juvenile offenders. *International Journal of Law and Psychiatry, 41*. <http://doi.org/10.1016/j.ijlp.2016.05.003>
- Ray, J. V., Hall, J., Rivera-Hudson, N., Poythress, N. G., Lilienfeld, S. O., & Morano, M. (2012). The relation between self-reported psychopathic traits and distorted response styles: a meta-analytic review. *Personality Disorders, 4*(1), 1–14. <http://doi.org/10.1037/a0026482>
- Uziel, L. (2010). Rethinking Social Desirability Scales: From Impression Management to Interpersonally Oriented Self-Control. *Perspectives on Psychological Science : A Journal of the Association for Psychological Science, 5*(3), 243–62. <http://doi.org/10.1177/1745691610369465>
- Vecchione, M., Alessandri, G., & Barbaranelli, C. (2013). Measurement and application of egoistic and moralistic self-enhancements. *International Journal of Selection*

*and Assessment*, 21(2), 170–182. <http://doi.org/10.1111/ijsa.12027>

Verschuere, B., Uzieblo, K., De Schryver, M., Douma, H., Onraedt, T., & Crombez, G. (2014). The inverse relation between psychopathy and faking good: not response bias, but true variance in psychopathic personality. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 25(6), 705–713. <http://doi.org/10.1080/14789949.2014.952767>

Watts, A. L., Lilienfeld, S. O., Edens, J. F., Douglas, K. S., Skeem, J. L., Verschuere, B., & LoPilato, A. C. (2015). Does Response Distortion Statistically Affect the Relations Between Self-Report Psychopathy Measures and External Criteria? *Psychological Assessment*. <http://doi.org/10.1037/pas0000168>

## Considerações Finais

A avaliação da personalidade por meio de autorrelato recebe críticas quanto a sua eficácia em avaliar traços de personalidade. Parte dessa crítica se deve a vulnerabilidade desse formato às respostas socialmente desejáveis (RSD). Uma forma de controle foi apresentado no Artigo 1, o chamado método de neutralização. A técnica mostrou-se simples e eficaz na diminuição de RSD, podendo ser reproduzida e aplicada para instrumentos já existentes ou no momento da construção de novos instrumentos.

No Artigo 2 foi usado o instrumento neutralizado de traços de personalidade e relacionado com medidas de traços de psicopatia. A neutralização permitiu avaliar a relação entre DS e psicopatia controlando traços verdadeiros de personalidade, e notou-se um padrão de relação negativas entre esses atributos. Isso foi possível pois esse método separa o aspecto descritivo do aspecto valorativo.

Essa pesquisa como um todo buscou contribuir para a área de construção de instrumentos que avaliam atributos psicológicos de forma a obter respostas mais confiáveis possível. A aplicação desse método em outros instrumentos, bem como a aplicação das versões neutralizada em outros contextos além do de pesquisa faz-se necessário. Uma outra limitação é que não foi comparada a relação entre traços de psicopatia com as versões originais e neutralizadas, optou-se por não aplicar juntos para evitar fadiga dos participantes pois deixaria o protocolo de pesquisa extenso.

## Referências

- Arrigo, B. A., & Shipley, S. (2001). The Confusion Over Psychopathy (I): Historical Considerations. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 45(3), 325–344. <http://doi.org/10.1177/0306624X01453005>
- Bäckström, M., & Björklund, F. (2013). Social desirability in personality inventories: symptoms, diagnosis and prescribed cure. *Scandinavian Journal of Psychology*, 54(2), 152–9. <http://doi.org/10.1111/sjop.12015>
- Bäckström, M., Björklund, F., & Larsson, M. R. (2009). Five-factor inventories have a major general factor related to social desirability which can be reduced by framing items neutrally. *Journal of Research in Personality*, 43(3), 335–344. <http://doi.org/10.1016/j.jrp.2008.12.013>
- Baldwin, W. (2000). Information no one else knows: the value of self-report. In A. A. Stone, J. S. Turkkan, C. A. Bachrach, J. B. Jobe, H. S. Kurtzman, & V. S. Cain (Eds.), *The science of self-report: implications for research and practice* (pp. 3–8). Mahwah, NJ: Lawrence Earlbaum Associates, Inc.
- Baughman, H. M., Jonason, P. K., Lyons, M., & Vernon, P. A. (2014). Liar liar pants on fire: Cheater strategies linked to the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 71(71), 35–38. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2014.07.019>
- Beltri, R. T., & Fuentes, A. C. (2008). Psicopatía: Una entidad clínica controvertida pero necesaria en psiquiatría forense. *Revista Espanola de Medicina Legal*, 34(1), 25–35. [http://doi.org/10.1016/S0377-4732\(08\)70023-3](http://doi.org/10.1016/S0377-4732(08)70023-3)
- Book, A. S., & Quinsey, V. L. (2004). Psychopaths: cheaters or warrior-hawks? *Personality and Individual Differences*, 36(1), 33–45. [http://doi.org/10.1016/S0191-8869\(03\)00049-7](http://doi.org/10.1016/S0191-8869(03)00049-7)

- Butcher, J. N., Bubany, S., & Mason, S. N. (2013). Assessment of personality and psychopathology with self-report inventories. *APA Handbook of Testing and Assessment in Psychology, Vol. 2: Testing and Assessment in Clinical and Counseling Psychology*, 2, 171–192. <http://doi.org/10.1037/14048-011>
- Byrd, A. L., Kahn, R. E., & Pardini, D. A. (2013). A Validation of the Inventory of Callous-Unemotional Traits in a Community Sample of Young Adult Males. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 35(1), 20–34. <http://doi.org/10.1007/s10862-012-9315-4>
- Cleckley, H. (1988). *The mask of sanity: an attempt to clarify some issues about the so-called psychopathic personality*. *Southern Medical Journal* (Fifth Edit, Vol. 44). C.V. Mosby Co. (Original work published in 1941). <http://doi.org/10.1097/00007611-195105000-00028>
- Cloninger, R., Svrakic, D. M., & Przybeck, T. R. (1993). A Psychobiological Model of Temperament and Character. *Arch Gen Psychiatry*, 50, 975–990.
- Crego, C., & Widiger, T. A. (2015). Cleckley 's Psychopaths : Revisited. *Journal of Abnormal Psychology, Advance on*. <http://doi.org/http://dx.doi.org/10.1037/abn0000130>
- De Vries, R. E., Zettler, I., & Hilbig, B. E. (2014). Rethinking trait conceptions of social desirability scales: impression management as an expression of honesty-humility. *Assessment*, 21(3), 286–99. <http://doi.org/10.1177/1073191113504619>
- Decuyper, M., De Pauw, S., De Fruyt, F., De Bolle, M., & De Clercq, B. J. (2009). A Meta-Analysis of Psychopathy-, Antisocial PD- and FFM Associations. *European Journal of Personality*, 23, 531–565. <http://doi.org/10.1002/per.729>
- Derefinko, K., & Lynam, D. R. (2013). Psychopathy from the perspective of the five-

- factor model of personality. In T. A. Widiger & P. T. Costa Jr. (Eds.), *Personality disorders and the five-factor model of personality* (Third Edit, pp. 325–348). American Psychological Association. <http://doi.org/10.1037/13939-007>
- Edwards, A. L. (1957). *The social desirability variable in personality assessment and research*. Ft Worth, TX, US: Dryden Press.
- Ellingson, J. E. (2012). People fake only when they need to fake. In M. Ziegler, C. Maccann, & R. D. Roberts (Eds.), *New perspectives on faking in personality assessment* (pp. 19–33). New York, NY: Oxford University Press, Inc.
- Essau, C. A., Sasagawa, S., & Frick, P. J. (2006). Callous-unemotional traits in a community sample of adolescents. *Assessment*, *13*(4), 454–69.  
<http://doi.org/10.1177/1073191106287354>
- Fowles, D. C., & Dindo, L. (2006). A dual-deficit model of psychopathy. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 14–34). New York: The Guilford Press.
- Fowles, D. C., & Dindo, L. (2009). Temperament and Psychopathy: A Dual-Pathway Model. *Current Directions in Psychological Science*, *18*(3), 179–183.  
<http://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01632.x>
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2006). The PCL-R assessment of psychopathy: development, structural properties, and new directions. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 58–88). The Guilford Press.
- Hauck Filho, N., Teixeira, M. A. P., & Dias, A. C. G. (2012). Psicopatia: uma perspectiva dimensional e não-criminosa do construto. *Avances En Psicología Latinoamericana*, *30*(2), 317–372.
- Helmes, E., & Holden, R. R. (2003). The construct of social desirability: one or two

dimensions? *Personality and Individual Differences*, 34(6), 1015–1023.

[http://doi.org/10.1016/S0191-8869\(02\)00086-7](http://doi.org/10.1016/S0191-8869(02)00086-7)

- Helmes, E., Holden, R. R., & Ziegler, M. (2015). Response bias, malingering and impression management. In G. J. Boyle, D. H. Saklofske, & G. Matthwes (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 16–43). Elsevier Inc.
- Holden, R. R., & Passey, J. (2009). Social Desirability. In M. R. Leary & R. H. Hoyle (Eds.), *Handbook of individual differences in social behavior* (pp. 441–454). New York, NY: The Guilford Press.
- Holden, R. R., & Passey, J. (2010). Socially desirable responding in personality assessment: Not necessarily faking and not necessarily substance. *Personality and Individual Differences*, 49(5), 446–450. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2010.04.015>
- Jackson, D. N., & Messick, S. (1958). Content and style in personality assessment. *Psychological Bulletin*, 55(4), 243–252. <http://doi.org/10.1037/h0045996>
- Jacobson, L. I., Kellogg, R. W., Cauce, A., & Slavin, R. S. (1977). A multidimensional social desirability inventory. *Bulletin of the Psychonomic Society*, 9(2), 109–110. <http://doi.org/10.3758/BF03329989>
- Jonason, P. K., & Luévano, V. X. (2013). Walking the thin line between efficiency and accuracy: Validity and structural properties of the Dirty Dozen. *Personality and Individual Differences*, 55(1), 76–81. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2013.02.010>
- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2014). Introducing the short Dark Triad (SD3): a brief measure of dark personality traits. *Assessment*, 21(1), 28–41. <http://doi.org/10.1177/1073191113514105>
- Kimonis, E. R., Branch, J., Hagman, B., Graham, N., & Miller, C. (2013). The

psychometric properties of the Inventory of Callous-Unemotional Traits in an undergraduate sample. *Psychological Assessment*, 25(1), 84–93.

<http://doi.org/10.1037/a0029024>

Lee, K., & Ashton, M. C. (2014). The Dark Triad, the Big Five, and the HEXACO model. *Personality and Individual Differences*, 67, 2–5.

<http://doi.org/10.1016/j.paid.2014.01.048>

Lee, K., Ashton, M. C., Wiltshire, J., Bourdage, J. S., Visser, B. A., & Gallucci, A. (2013). Sex, Power, and Money: Prediction from the Dark Triad and Honesty-Humility. *European Journal of Personality*, 27(2), 169–184.

<http://doi.org/10.1002/per.1860>

Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(1), 151–8. Retrieved from

<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7861311>

Li, A., & Bagger, J. (2006). Using the BIDR to Distinguish the Effects of Impression Management and Self-Deception on the Criterion Validity of Personality Measures: A Meta-Analysis. *International Journal of Selection and Assessment*, 14(2), 131–141. <http://doi.org/10.1111/j.1468-2389.2006.00339.x>

Lilienfeld, S. O., & Fowler, K. A. (2006). The self-report assessment of psychopathy: problems, pitfalls, and promises. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 107–132). New York, NY: Guilford Press.

Lilienfeld, S. O., & Widows, M. R. (2005). *Professional manual for the Psychopathic Personality Inventory-Revised (PPI-R)*. Lutz, FL: Psychological Assessment Resources.

- Luft, J., & Ingham, H. (1961). The johari window. *Human Relations Training News*, 5(1), 6–7.
- Lynam, D. R., Gaughan, E. T., Miller, J. D., Miller, D. J., Mullins-Sweatt, S., & Widiger, T. A. (2011). Assessing the basic traits associated with psychopathy: Development and validation of the elemental psychoapthy assessment. *Psychological Assessment*, 23(1), 108–124. <http://doi.org/10.1037/a0021146>
- MacCann, C., Ziegler, M., & Roberts, R. D. (2012). Faking in personality assessment: reflections and recommendations. In M. Ziegler, C. MacCann, & R. D. Roberts (Eds.), *New perspectives on faking in personality assessment* (pp. 309–329). New York, NY: Oxford University Press, Inc.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1983). Social desirability scales: More substance than style. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 51(6), 882–888. <http://doi.org/10.1037/0022-006X.51.6.882>
- McDermott, B. E. (2012). Psychological Testing and the Assessment of Malingering. *Psychiatric Clinics of North America*, 35(4), 855–876. <http://doi.org/10.1016/j.psc.2012.08.006>
- Moreira, D. F. (2004). *Análise por Neuroimagem, Neuropsicológica e de Personalidade*. Universidade de São Paulo.
- Newstrom, J. W., & Rubenfeld, S. A. (1983). The Johari window: a reconceptualization, 10, 101–106.
- Ones, D. S., Viswesvaran, C., & Reiss, A. D. (1996). Role of social desirability in personality testing for personnel selection: The red herring. *Journal of Applied Psychology*, 81(6), 660–679. <http://doi.org/10.1037/0021-9010.81.6.660>
- Paulhus, D. L. (1984). Two-Component Models of Socially Desirable Responding.

*Personality Processes and Individual Differences*, 46(3), 598–609.

- Paulhus, D. L. (1988). Balanced inventory of desirable responding (BIDR). *Acceptance and Commitment Therapy. Measures Package*. <http://doi.org/10.1037/0022>
- Paulhus, D. L. (1991). Measurement and control of response bias. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wriggsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 17–59). San Diego, CA: Academic Press.
- Paulhus, D. L. (2002). Socially desirable responding: the evolution of a construct. In H. I. Brown, D. N. Jackson, & D. E. Wiley (Eds.), *The role of constructs in psychological and educational measurement* (pp. 49–69). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Paulhus, D. L. (2012). Overclaiming on personality questionnaires. In M. Ziegler, C. MacCann, & R. D. Roberts (Eds.), *New perspectives on faking in personality assessment* (pp. 151–164). New York, NY: Oxford University Press, Inc.
- Paulhus, D. L., & John, O. P. (1998). Egoistic and moralistic biases in self-perception: The interplay of self-deceptive styles with basic traits and motives. *Journal of Personality*, 66(6), 1025–1060. <http://doi.org/10.1111/1467-6494.00041>
- Paulhus, D. L., Neumann, C. S., & Hare, R. D. (2015). *The Hare Self-Report Psychopathy Scale*. Toronto, ON, Canada: Multi-Healthy Systems.
- Paulhus, D. L., & Reid, D. B. (1991). Enhancement and denial in socially desirable responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(2), 307–317.
- Pauls, C. A., & Crost, N. W. (2004). Effects of faking on self-deception and impression management scales. *Personality and Individual Differences*, 37(6), 1137–1151. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2003.11.018>
- Pauls, C. A., & Stemmler, G. (2003). Substance and bias in social desirability responding. *Personality and Individual Differences*, 35(2), 263–275.

[http://doi.org/10.1016/S0191-8869\(02\)00187-3](http://doi.org/10.1016/S0191-8869(02)00187-3)

Peabody, D. (1967). Trait interferences: evaluative and descriptive aspects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 7(4, Pt.2), 1–18.

<http://doi.org/10.1037/h0025230>

Peabody, D. (1984). Personality dimensions through trait inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(2), 384–403. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.46.2.384>

Peabody, D. (1987). Selecting representative trait adjectives. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(1), 59–71. <http://doi.org/10.1037//0022-3514.52.1.59>

Pechorro, P., Ayala-Nunes, L., Oliveira, J. P., Nunes, C., & Gonçalves, R. A. (2016). Psychometric properties of the Socially Desirable Response Set-5 among incarcerated male and female juvenile offenders. *International Journal of Law and Psychiatry*. <http://doi.org/10.1016/j.ijlp.2016.05.003>

Ray, J. V, Hall, J., Rivera-Hudson, N., Poythress, N. G., Lilienfeld, S. O., & Morano, M. (2012). The relation between self-reported psychopathic traits and distorted response styles: a meta-analytic review. *Personality Disorders*, 4(1), 1–14. <http://doi.org/10.1037/a0026482>

Rorer, L. G. (1965). The great response-style myth. *Psychological Bulletin*, 63(3), 129–156.

Saucier, G., Ostendorf, F., & Peabody, D. (2001). The Non-Evaluative Circumplex of Personality Adjectives. *Journal of Personality*, 69(4), 537–582. <http://doi.org/10.1111/1467-6494.694155>

Schmitt, D. P., Allik, J., McCrae, R. R., & Benet-Martinez, V. (2007). The Geographic Distribution of Big Five Personality Traits: Patterns and Profiles of Human Self-

- Description Across 56 Nations. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 38(2), 173–212. <http://doi.org/10.1177/0022022106297299>
- Serota, K. B., & Levine, T. R. (2014). A Few Prolific Liars: Variation in the Prevalence of Lying. *Journal of Language and Social Psychology*, (1), 1–20. <http://doi.org/10.1177/0261927X14528804>
- Serota, K. B., Levine, T. R., & Boster, F. J. (2010). The prevalence of lying in America: Three studies of self-reported lies. *Human Communication Research*, 36(1), 2–25. <http://doi.org/10.1111/j.1468-2958.2009.01366.x>
- Seto, M. C., Khattar, N. A., Lalumière, M. L., & Quinsey, V. L. (1997). Deception and sexual strategy in psychopathy. *Personality and Individual Differences*, 22(3), 301–307. [http://doi.org/10.1016/S0191-8869\(96\)00212-7](http://doi.org/10.1016/S0191-8869(96)00212-7)
- Skeem, J. L., & Cooke, D. J. (2010). Is criminal behavior a central component of psychopathy? Conceptual directions for resolving the debate. *Psychological Assessment*, 22(2), 433–445. <http://doi.org/10.1037/a0008512>
- Smith, D. B., Hanges, P. J., & Dickson, M. W. (2001). Personnel selection and the five-factor model: reexamining the effects of applicant's frame of reference. *The Journal of Applied Psychology*, 86(2), 304–315. <http://doi.org/10.1037//0021-9010.86.2.304>
- Surbey, M. K. (2011). Adaptive significance of low levels of self-deception and cooperation in depression. *Evolution and Human Behavior*, 32(1), 29–40. <http://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2010.08.009>
- Uziel, L. (2010). Rethinking Social Desirability Scales: From Impression Management to Interpersonally Oriented Self-Control. *Perspectives on Psychological Science : A Journal of the Association for Psychological Science*, 5(3), 243–62.

<http://doi.org/10.1177/1745691610369465>

Van Vaerenbergh, Y., & Thomas, T. D. (2013). Response styles in survey research: A literature review of antecedents, consequences, and remedies. *International Journal of Public Opinion Research*, 25(2), 195–217.

<http://doi.org/10.1093/ijpor/eds021>

Vecchione, M., Alessandri, G., & Barbaranelli, C. (2013). Measurement and application of egoistic and moralistic self-enhancements. *International Journal of Selection and Assessment*, 21(2), 170–182. <http://doi.org/10.1111/ijsa.12027>

Verschuere, B., Uzieblo, K., De Schryver, M., Douma, H., Onraedt, T., & Crombez, G. (2014). The inverse relation between psychopathy and faking good: not response bias, but true variance in psychopathic personality. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 25(6), 705–713.

<http://doi.org/10.1080/14789949.2014.952767>

Vieira, J. B., Almeida, P. R., Ferreira-santos, F., Moreira, P. S., Barbosa, F., Marques-teixeira, J., & Pedro, S. (2014). ( TriPM ): translation and adaptation to European Portuguese.

Zettler, I., Hilbig, B. E., Moshagen, M., & de Vries, R. E. (2015). Dishonest responding or true virtue? A behavioral test of impression management. *Personality and Individual Differences*, 81, 107–111. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2014.10.007>

Ziegler, M. (2015). “F\*\*\* You, I Won’t Do What You Told Me!” – Response Biases as Threats to Psychological Assessment. *European Journal of Psychological Assessment*, 31(3), 153–158. <http://doi.org/10.1027/1015-5759/a000292>

Ziegler, M., & Buehner, M. (2009). Modeling Socially Desirable Responding and Its Effects. *Educational and Psychological Measurement*, 69(4), 548–565.

## Anexos

### Anexo 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 1

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**Título:** Construção e validação de um instrumento neutralizado que avalia competências socioemocionais

Eu \_\_\_\_\_,  
RG \_\_\_\_\_ abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade dos pesquisadores Ariela Raissa Lima Costa e Prof. Dr. Nelson Hauck Filho, do Curso Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento, declaro ter 18 anos ou mais de idade, e estar ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é validar um instrumento que avalia traços de personalidade.
- 2 - Durante o estudo serão utilizados quatro instrumentos psicológicos (versões originais e neutralizada) a serem aplicados na instituição de contato com o participante, com tempo médio de 30 minutos.
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4 - A resposta a estes instrumentos não causam riscos conhecidos à minha saúde física e mental, não sendo provável, também, que causem desconforto emocional;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento a minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;
- 6 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: 11- 24548981;
- 8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Prof. Dr. Nelson Hauck Filho sempre que julgar necessário pelo telefone: 11 - 956553005;
- 9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_

Assinatura do Responsável Legal: \_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_

## **Anexo 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 2 – Aplicação presencial**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Título: Avaliação de vieses em instrumentos de personalidade.

Eu \_\_\_\_\_,  
RG \_\_\_\_\_ abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade dos pesquisadores Ariela Raissa Lima Costa e Prof. Dr. Nelson Hauck Filho, do Curso Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento, declaro ter 18 anos ou mais de idade, e estar ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é estudar a qualidade de instrumentos que avaliam traços de personalidade.
- 2 - Durante o estudo serão utilizados cinco instrumentos psicológicos (escalas) a serem aplicados na instituição de contato com o participante, com tempo médio de 30 minutos.
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4 - A resposta a estes instrumentos não causam riscos conhecidos à minha saúde física e mental, porém é possível que causem algum desconforto emocional devido ao conteúdo de alguns itens;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento a minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;
- 6 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: 11- 24548981;
- 8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Prof. Dr. Nelson Hauck Filho sempre que julgar necessário pelo telefone: 11 - 956553005;
- 9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_

Assinatura do Responsável Legal: \_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_

### **Anexo 3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudo 2 – Aplicação online**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Título: Avaliação de vieses em instrumentos de personalidade.

Ao aceitar esse termo, declaro ter 18 anos ou mais anos de idade e dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade dos pesquisadores Ariela Raissa Lima Costa e Prof. Dr. Nelson Hauck Filho, do Curso Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco.

Aceitando este Termo de Consentimento, declaro ter 18 anos ou mais de idade, e estar ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é estudar a qualidade de instrumentos que avaliam traços de personalidade.
- 2 - Durante o estudo serão utilizados cinco instrumentos psicológicos (escalas) com tempo médio de 30 minutos.
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4 - A resposta a estes instrumentos não causam riscos conhecidos à minha saúde física e mental, porém é possível que causem algum desconforto emocional devido ao conteúdo de alguns itens;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento a minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;
- 6 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: 11- 24548981;
- 8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Prof. Dr. Nelson Hauck Filho sempre que julgar necessário pelo telefone: 11 - 956553005;

Declaro ter 18 anos ou mais de idade e desejo participar da pesquisa.

Não tenho 18 anos ou mais de idade ou não desejo participar da pesquisa.

### Anexo 4. Questionário sociodemográfico

Nome (opcional): \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Profissão ou ocupação: \_\_\_\_\_

E-mail (opcional): \_\_\_\_\_

<b>Escolaridade</b> Ensino fundamental incompleto <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> Ensino fundamental completo <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> Ensino médio incompleto <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> Ensino médio completo <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> Ensino superior incompleto <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> Ensino superior completo <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> Pós-graduação incompleta <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> Pós-graduação completa <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>	<b>Etnia</b> Branco <input type="radio"/> Negro <input type="radio"/> Pardo <input type="radio"/> Índio <input type="radio"/> Asiático <input type="radio"/>	<b>Renda mensal da família</b> Menor que 1 salário mínimo <input type="radio"/> De 1 a 5 salários mínimos <input type="radio"/> De 6 a 10 salários mínimos <input type="radio"/> De 11 a 15 salários mínimos <input type="radio"/> Acima de 15 salários mínimos <input type="radio"/>	<b>Relacionamento</b> Solteiro <input type="radio"/> Namorando <input type="radio"/> Casado <input type="radio"/> Separado <input type="radio"/> Viúvo <input type="radio"/>
---	---	--	---

Você já foi acusado, pela justiça, de ter cometido algum tipo de ato infracional?     Não     Sim

Caso afirmativo, quantas vezes isso aconteceu? \_\_\_\_\_ Vezes. Que idade você tinha quando aconteceu pela primeira vez? \_\_\_\_\_ Anos.

Você usou...	Alguma vez na vida?		No último mês?		Se você usa bebidas alcoólicas...	Não	Sim
	Não	Sim	Não	Sim			
Bebidas alcoólicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Você já pensou em largar a bebida?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tabaco (cigarro, narguilé etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Já ficou aborrecido(a) quando outras pessoas criticaram o seu jeito de beber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Maconha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Já se sentiu mal ou culpado(a) pelo fato de beber?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cocaína, crack ou oxy	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Já bebeu pela manhã para ficar mais calmo(a) ou se livrar de uma ressaca?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ecstasy ou anfetaminas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
LSD	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
Lança-perfume ou outros inalantes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			
Outras drogas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>			

Caso seja UNIVERSITÁRIO:

Curso: \_\_\_\_\_ Bloco/Período/Semestre: \_\_\_\_\_

Tipo de universidade:  Pública     Privada

### Anexo 5. Inventário dos Cinco Grandes Fatores

Os próximos itens descrevem características comuns da personalidade das pessoas. Use a escala abaixo para indicar o quanto cada afirmação se aplica a você.

Discordo totalmente	Discordo um pouco	Não discordo e nem concordo	Concordo um pouco	Concordo totalmente	
1	2	3	4	5	
<b>Eu me vejo como alguém que...</b>					
	1	2	3	4	5
1	É comunicativo.				0 0 0 0 0
2	Tende a culpar os outros.				0 0 0 0 0
3	Faz um trabalho cuidadoso.				0 0 0 0 0
4	É deprimido, triste.				0 0 0 0 0
5	É original, tem ideias novas.				0 0 0 0 0
6	É reservado.				0 0 0 0 0
7	Ajuda os outros, não é egoísta.				0 0 0 0 0
8	Pode ser um tanto descuidado.				0 0 0 0 0
9	É calmo, lida bem com o <i>stress</i> .				0 0 0 0 0
10	É curioso a respeito de muitas coisas.				0 0 0 0 0
11	É cheio de energia.				0 0 0 0 0
12	Inicia discussões com os outros.				0 0 0 0 0
13	É um trabalhador confiável.				0 0 0 0 0
14	Costuma ficar tenso.				0 0 0 0 0
15	É inventivo, um pensador profundo.				0 0 0 0 0
16	Gera muito entusiasmo.				0 0 0 0 0
17	Perdoa com facilidade.				0 0 0 0 0
18	Tende a ser desorganizado.				0 0 0 0 0
19	Preocupa-se muito.				0 0 0 0 0
20	Possui uma imaginação ativa.				0 0 0 0 0
21	Tende a ser quieto.				0 0 0 0 0
22	Geralmente, confia nas pessoas.				0 0 0 0 0
23	Tende a ser preguiçoso.				0 0 0 0 0
24	É emocionalmente estável, difícil de aborrecer.				0 0 0 0 0
25	É inventivo.				0 0 0 0 0
26	Possui uma personalidade assertiva.				0 0 0 0 0
27	Às vezes, é frio e distante.				0 0 0 0 0
28	Persiste até que a tarefa esteja pronta.				0 0 0 0 0
29	É temperamental, muda de humor facilmente.				0 0 0 0 0
30	Valoriza experiências artísticas e estéticas.				0 0 0 0 0
31	Algumas vezes, é tímido e inibido.				0 0 0 0 0
32	É educado e gentil com quase todo mundo.				0 0 0 0 0
33	Faz as coisas com eficiência.				0 0 0 0 0
34	Mantém-se calmo em situações tensas.				0 0 0 0 0
35	Prefere trabalhos que seguem uma rotina.				0 0 0 0 0
36	É extrovertido e sociável.				0 0 0 0 0
37	Algumas vezes, é rude com os outros.				0 0 0 0 0
38	Faz planos e os segue à risca.				0 0 0 0 0
39	Fica nervoso facilmente.				0 0 0 0 0
40	Gosta de refletir, brincar com as ideias.				0 0 0 0 0
41	Possui poucos interesses artísticos.				0 0 0 0 0
42	Gosta de colaborar com as pessoas.				0 0 0 0 0
43	Distrai-se facilmente.				0 0 0 0 0
44	É sofisticado na arte, música ou literatura.				0 0 0 0 0

### Anexo 6. Escala de Modéstia

Por gentileza, use a escala abaixo para indicar o quanto cada afirmação se aplica a você, de forma semelhante ao instrumento anterior.

	Discordo totalmente 1	Discordo um pouco 2	Não discordo e nem concordo 3	Concordo um pouco 4	Concordo totalmente 5
					1 2 3 4 5
1					0 0 0 0 0
2					0 0 0 0 0
3					0 0 0 0 0
4					0 0 0 0 0
5					0 0 0 0 0
6					0 0 0 0 0
7					0 0 0 0 0
8					0 0 0 0 0
9					0 0 0 0 0
10					0 0 0 0 0

## Anexo 7. Impression management and Self deception Scales

Os próximos itens descrevem características comuns da personalidade das pessoas. Use a escala abaixo para indicar o quanto cada afirmação se aplica a você.

	Discordo totalmente 1	Discordo um pouco 2	Não discordo e nem concordo 3	Concordo um pouco 4	Concordo totalmente 5
					1 2 3 4 5
1					0 0 0 0 0
2					0 0 0 0 0
3					0 0 0 0 0
4					0 0 0 0 0
5					0 0 0 0 0
6					0 0 0 0 0
7					0 0 0 0 0
8					0 0 0 0 0
9					0 0 0 0 0
10					0 0 0 0 0
11					0 0 0 0 0
12					0 0 0 0 0
13					0 0 0 0 0
14					0 0 0 0 0
15					0 0 0 0 0
16					0 0 0 0 0
17					0 0 0 0 0
18					0 0 0 0 0
19					0 0 0 0 0
20					0 0 0 0 0
21					0 0 0 0 0
22					0 0 0 0 0
23					0 0 0 0 0
24					0 0 0 0 0
25					0 0 0 0 0
25					0 0 0 0 0
26					0 0 0 0 0
27					0 0 0 0 0
28					0 0 0 0 0
30					0 0 0 0 0

### Anexo 8. Escala Egoísta e Moralista

Os próximos itens descrevem características comuns da personalidade das pessoas. Use a escala abaixo para indicar o quanto cada afirmação se aplica a você.

	Discordo totalmente 1	Discordo um pouco 2	Não discordo e nem concordo 3	Concordo um pouco 4	Concordo totalmente 5	
					1 2 3 4 5	
1	Sempre estou confiante a respeito do que eu faço.					0 0 0 0 0
2	Sempre estou totalmente satisfeito comigo mesmo.					0 0 0 0 0
3	Sempre entendo rapidamente tudo o que leio.					0 0 0 0 0
4	Sempre sou capaz de controlar minhas emoções.					0 0 0 0 0
5	Frente ao perigo, nunca fiquei assustado, mesmo em uma situação grave.					0 0 0 0 0
6	Sempre resolvo imediatamente todos os problemas que surgem.					0 0 0 0 0
7	Em todo desafio ou competição de que participo, sempre ganho algum prêmio.					0 0 0 0 0
8	Nunca desobedeci a ordens, mesmo quando criança.					0 0 0 0 0
9	Nunca critiquei alguém.					0 0 0 0 0
10	Sempre obedeci às leis de trânsito, como motorista e pedestre.					0 0 0 0 0
11	Sempre sou uma pessoa completamente honesta com todos.					0 0 0 0 0
12	Nunca contei uma mentira.					0 0 0 0 0
13	Sempre gostei de todas as pessoas que conheci.					0 0 0 0 0
14	Nunca falei alto ou briguei com alguém.					0 0 0 0 0

### Anexo 9. Inventário dos Cinco Grandes Fatores Neutralizado

Os próximos itens descrevem características comuns da personalidade das pessoas. Use a escala abaixo para indicar o quanto cada afirmação se aplica a você.

Discordo totalmente 1	Discordo um pouco 2	Não discordo e nem concordo 3	Concordo um pouco 4	Concordo totalmente 5
<b>Eu me vejo como alguém que...</b>				
	1	2	3	4 5
1	Converso até com pessoas estranhas.	0	0	0 0 0 0 0
2	Tento diminuir minha culpa se percebo que outras pessoas foram também responsáveis.	0	0	0 0 0 0 0
3	Perco minhas forças de tanto cuidado que dedico ao meu trabalho.	0	0	0 0 0 0 0
4	Sempre consigo antecipar de que maneira as coisas vão dar errado.	0	0	0 0 0 0 0
5	Sempre tenho ideias mais originais que os outros.	0	0	0 0 0 0 0
6	Sou uma pessoa reservada.	0	0	0 0 0 0 0
7	Ajudo os outros mesmo quando isso me prejudica.	0	0	0 0 0 0 0
8	Posso ser um tanto descuidado.	0	0	0 0 0 0 0
9	Sou uma pessoa calma demais.	0	0	0 0 0 0 0
10	Penso demais em qualquer coisa que me desperte a curiosidade.	0	0	0 0 0 0 0
11	Raramente me canso fazendo várias atividades.	0	0	0 0 0 0 0
12	Evito deixar uma ofensa sem resposta.	0	0	0 0 0 0 0
13	Sempre faço o que me pedem.	0	0	0 0 0 0 0
14	Tenho diversas preocupações.	0	0	0 0 0 0 0
15	Tenho a mania de questionar a maneira como as coisas são.	0	0	0 0 0 0 0
16	Empolgo-me com quase tudo.	0	0	0 0 0 0 0
17	Esqueço facilmente quando alguém me magoa.	0	0	0 0 0 0 0
18	Às vezes deixo as coisas fora do lugar.	0	0	0 0 0 0 0
19	Preocupo-me muito.	0	0	0 0 0 0 0
20	Sempre invento histórias na minha cabeça.	0	0	0 0 0 0 0
21	Sou uma pessoa quieta.	0	0	0 0 0 0 0
22	Confio demais nas pessoas.	0	0	0 0 0 0 0
23	Nem sempre tenho motivação para iniciar um trabalho.	0	0	0 0 0 0 0
24	Sou uma pessoa de extrema tranquilidade, mesmo quando não deveria.	0	0	0 0 0 0 0
25	Gosto de criar coisas novas, mesmo que não tenham utilidade.	0	0	0 0 0 0 0
26	Falo às pessoas o que penso.	0	0	0 0 0 0 0
27	Sei me desligar dos problemas dos outros.	0	0	0 0 0 0 0
28	Teimo em fazer coisas até o fim, mesmo quando isso me desgasta.	0	0	0 0 0 0 0
29	Sou uma pessoa emotiva.	0	0	0 0 0 0 0
30	Considero a arte uma das coisas mais importantes que existem.	0	0	0 0 0 0 0
31	Evito revidar mesmo quando as pessoas me ofendem.	0	0	0 0 0 0 0
32	Cumpro todos os meus prazos, mesmo que falte tempo para o lazer.	0	0	0 0 0 0 0
33	Tenho uma frieza frente ao perigo.	0	0	0 0 0 0 0
34	Rotina é muito importante para mim.	0	0	0 0 0 0 0
35	Sou acessível para qualquer pessoa.	0	0	0 0 0 0 0
36	Acontece de eu falar as coisas de um jeito indelicado.	0	0	0 0 0 0 0
37	Sigo meus planos de maneira inflexível.	0	0	0 0 0 0 0
38	Sinto nervosismo antes de algo acontecer.	0	0	0 0 0 0 0
39	Vivo no mundo da imaginação.	0	0	0 0 0 0 0
40	Possuo poucos interesses artísticos.	0	0	0 0 0 0 0
41	Aceito bem quando dividem as tarefas e fico com algo difícil de fazer.	0	0	0 0 0 0 0
42	Diversas coisas atraem minha atenção ao mesmo tempo.	0	0	0 0 0 0 0
43	Sei mais sobre arte e música do que as outras pessoas.	0	0	0 0 0 0 0
44	Evito revidar mesmo quando as pessoas me ofendem.	0	0	0 0 0 0 0

### Anexo 10. Escala de Modéstia Neutralizada

Por gentileza, use a escala abaixo para indicar o quanto cada afirmação se aplica a você, de forma semelhante ao instrumento anterior.

<b>Discordo totalmente</b>	<b>Discordo um pouco</b>	<b>Não discordo e nem concordo</b>	<b>Concordo um pouco</b>	<b>Concordo totalmente</b>
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>

---

		1	2	3	4	5
1	Desagrada-me ser o assunto principal da conversa.	0	0	0	0	0
2	Desagrada-me falar sobre mim mesmo.	0	0	0	0	0
3	Considero-me uma pessoa comum.	0	0	0	0	0
4	Acho pouco importante fazer os outros notarem minhas qualidades.	0	0	0	0	0
5	Costumo ter mais habilidades do que os outros.	0	0	0	0	0
6	Sou uma pessoa mais interessante do que a maioria.	0	0	0	0	0
7	Tendo a enxergar mais minhas qualidades do que meus defeitos.	0	0	0	0	0
8	Gosto de mostrar o quanto sei sobre algo.	0	0	0	0	0
9	Gosto que saibam sobre minhas capacidades.	0	0	0	0	0
10	Gosto quando falam a meu respeito em uma conversa.	0	0	0	0	0

### Anexo 11. Inventory of Callous Unemotional Traits

Por gentileza, seja consistente nas suas respostas, e assinale um número, na escala abaixo, designando o quanto cada sentença se aplica a você.

	1	2	3	4	5
Totalmente falso					Totalmente verdadeiro
1 Eu mostro meus sentimentos abertamente.	1	2	3	4	5
2 O que eu acho que é "certo" e "errado" é diferente do que outras pessoas acham.	1	2	3	4	5
3 Eu me importo se estou indo bem na escola ou no trabalho.	1	2	3	4	5
4 Eu não me importo de ter que machucar alguém para conseguir o que eu quero.	1	2	3	4	5
5 Eu me sinto mal ou culpado(a) quando faço algo errado.	1	2	3	4	5
6 Eu não mostro minhas emoções para outras pessoas.	1	2	3	4	5
7 Eu não me importo de chegar atrasado.	1	2	3	4	5
8 Eu me importo com os sentimentos dos outros.	1	2	3	4	5
9 Eu não me importo de me meter em confusão.	1	2	3	4	5
10 Eu não deixo os meus sentimentos me controlarem.	1	2	3	4	5
11 Eu não tenho interesse em fazer as coisas bem feitas.	1	2	3	4	5
12 Eu pareço indiferente e insensível com os outros.	1	2	3	4	5
13 Para mim, é fácil admitir quando estou errado(a).	1	2	3	4	5
14 É fácil para os outros perceber como eu estou me sentindo.	1	2	3	4	5
15 Eu sempre tento fazer o melhor que eu posso.	1	2	3	4	5
16 Eu peço desculpas (digo "eu sinto muito") para pessoas que eu machuco.	1	2	3	4	5
17 Eu tento não ferir os sentimentos dos outros.	1	2	3	4	5
18 Eu não me sinto culpado(a) quando faço alguma coisa errada.	1	2	3	4	5
19 Eu demonstro meus sentimentos e sou muito emotivo(a).	1	2	3	4	5
20 Eu não gosto de perder tempo para fazer as coisas bem feitas.	1	2	3	4	5
21 Os sentimentos dos outros não são importantes para mim.	1	2	3	4	5
22 Eu escondo os meus sentimentos dos outros.	1	2	3	4	5
23 Eu me dedico muito a tudo o que eu faço.	1	2	3	4	5
24 Eu faço coisas para que os outros se sintam bem.	1	2	3	4	5

### Anexo 12. Levenson's Self Report of Psychopathy

A seguir, você encontrará itens que descrevem várias características que as pessoas podem apresentar em maior ou menor magnitude. Use a escala abaixo, e assinale um número para indicar o quanto cada afirmação se aplica a você.

	1	2	3	4	5
Totalmente falso					Totalmente verdadeiro
1 A vida é baseada na sobrevivência do mais forte; eu não me importo com os fracassados.	1	2	3	4	5
2 Para mim, correto é aquilo que me faz "levar a melhor".	1	2	3	4	5
3 No mundo de hoje, acho justo fazer qualquer coisa para me dar bem.	1	2	3	4	5
4 Meu principal objetivo na vida é acumular o maior número de bens que eu puder.	1	2	3	4	5
5 Fazer dinheiro é a minha meta mais importante.	1	2	3	4	5
6 Eu deixo os outros se preocuparem com valores morais; meu objetivo é apenas vencer.	1	2	3	4	5
7 As pessoas que são burras o suficiente para serem enganadas geralmente merecem isso.	1	2	3	4	5
8 Cuidar de mim mesmo é a minha maior prioridade.	1	2	3	4	5
9 Digo às outras pessoas o que elas querem ouvir para que elas façam o que eu quero.	1	2	3	4	5
10 Eu ficaria chateado se meu sucesso viesse à custa de outras pessoas.	1	2	3	4	5
11 Eu geralmente admiro um golpista inteligente.	1	2	3	4	5
12 Eu tento cuidar para não magoar outras pessoas para atingir minhas metas.	1	2	3	4	5
13 Eu gosto de me aproveitar dos sentimentos das pessoas.	1	2	3	4	5
14 Eu me sinto arrependido se falo ou se faço coisas que causam sofrimento a outras pessoas.	1	2	3	4	5
15 Mesmo se eu estivesse me esforçando para vender alguma coisa, eu não mentiria.	1	2	3	4	5
16 Trapacear não é correto porque é injusto com as outras pessoas.	1	2	3	4	5
17 Eu me meto nos mesmos problemas repetidamente.	1	2	3	4	5
18 Eu me entedio com frequência.	1	2	3	4	5
19 Eu consigo perseguir um objetivo em longo prazo.	1	2	3	4	5
20 Eu não planejo nada com muita antecedência.	1	2	3	4	5
21 Eu rapidamente perco o interesse por tarefas que inicio.	1	2	3	4	5
22 A maioria dos meus problemas se deve ao fato de que as pessoas não me entendem.	1	2	3	4	5
23 Antes de fazer qualquer coisa, eu penso com cuidado nas possíveis consequências.	1	2	3	4	5
24 Eu tenho me envolvido em muitas discussões com outras pessoas.	1	2	3	4	5
25 Quando eu fico frustrado, eu descarrego minha raiva de alguma forma.	1	2	3	4	5
26 As pessoas dão valor demais ao amor.	1	2	3	4	5